



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

NARCISISMO E APASSIVAÇÃO

Doutoranda
Maria do Rosário Dias Varella

Orientador
Prof. Dr. Francisco Martins

Brasília, DF, 2008.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

NARCISISMO E APASSIVAÇÃO

Tese de Doutorado apresentada pela autora como parte dos requisitos para a conclusão do curso de doutorado em Psicologia Clínica e Cultura.

Doutoranda

Maria do Rosário Dias Varella

Orientador

Prof. Dr. Francisco Martins

Brasília, DF, 2008.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Martins – Presidente – UnB

Prof. Dr. Paulo César Ribeiro – Membro – UFMG

Profa. Dra. Denise Campos – Membro – UCG

Profa. Dra Maria Izabel Tafuri – Membro – UnB

Prof. Dr. Ileno Izídio da Costa – Membro – UnB

Profa. Dra. Simone Ribeiro Garcia – Membro – UNIP

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de um esforço compartilhado entre professores, pacientes, familiares, colegas de trabalho e de estudo, alunos, amigos e, principalmente, orientador. Sem a ajuda de todos e sem os apontamentos valiosos do professor Francisco Martins, este trabalho não teria sido possível. Agradeço também ao CNPq, pela bolsa de estudo que consolidou a concretização deste.

Dedico-o a meu marido Marcello e a meu filho Victor, pela paciência que tiveram ao longo da elaboração deste trabalho, e em memória de meus pais, que me ensinaram a sempre poder fazer escolhas face as *anankés* que a vida nos coloca.

RESUMO

O presente estudo parte da constatação de que em casos de pacientes psicóticos, melancólicos e deprimidos está presente o fenômeno da apassivação. Tal fenômeno implica na destituição de investimentos da posição de sujeito ativo, e, por conseqüência, no desencadeamento de uma posição objetal, na qual o psiquismo se mostra sem iniciativas que promovam uma existência mais ativa e autônoma. O objetivo principal do trabalho é, portanto, articular os adoecimentos do Eu com o processo constitutivo do narcisismo, enfocando as transformações que ocorrem nos movimentos pulsionais desses adoecimentos, por meio de uma análise lingüística que os relaciona à apassivação. A questão da apassivação e sua relação com o adoecer psíquico são analisadas, então, em três diferentes enfoques. A princípio é analisada por meio do enfoque lingüístico, ressaltando principalmente os aspectos estruturais e semânticos da regência verbal na voz passiva. Na seqüência, os aspectos constitutivos do Eu são relacionados às vozes verbais, destacando, dentro de um enfoque psicanalítico, a questão do narcisismo e da apassivação. Por último, as transformações das vozes no circuito pulsional dos adoecimentos do Eu, são analisadas por meio de exemplos clínicos. Verificou-se, por meio da análise realizada, que existe uma relação específica das vozes verbais com cada momento constitutivo do Eu, bem como uma ligação entre as formas de regressão do Eu e o modo de apassivação que ocorre nos diferentes adoecimentos narcísicos. Além disso, o dêitico relacional **me**, presente nos enunciados desses pacientes, pode ser considerado um indicador do processo regressivo e de apassivação que sofre o sujeito.

Palavras-chave: apassivação, narcisismo, linguagem, psicose, melancolia.

ABSTRACT

This work is based on the fact that the process of becoming passive is present in psychotic, melancholic and depressed patients. This process implies a lack of investments from an active subject. As a result, it causes a modification to an object position, in which the psychism remains without leading actions for an active and independent existence. The aim of this work is, therefore, to link the I illnesses with the constitutive process of narcissism. In order to do so, we emphasized the modifications which occur with the pulsional movements of these illnesses, through a linguistic analyzes, linking these illnesses with the process of becoming passive. We analyzed this process and its relationship with the psychic illness in three different approaches. First, they are studied by a linguistic aspect, highlighting mainly the structural and semantical aspects of the verbal grammar in passive voice. After, the constitutive aspects of the I are related to verbal voices, and it is highlighted, by a psychoanalytical aspect, the narcissism issue and the process of becoming passive. At last, the voices transformations in the illness pulsional circuit are analyzed through clinical examples. We verified that there is a specific relationship between the verbal voices with each constitutive moment of the I and there is a bond between the regressive forms of the I with each process of becoming passive, in different narcissic illnesses. In addition, the relational deictic me/myself, which is noticed in these patients speeches, may be considered an adviser of the regressive process and of the process of becoming passive.

Keywords: becoming passive, narcissism, language, psychosis, melancholy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: O PROCESSO DE APASSIVAÇÃO NO ENFOQUE LINGÜÍSTICO	13
I – A definição da voz passiva	24
II – A função da partícula se	28
III – A voz passiva sintética	29
IV – A complexidade da passiva	32
V – A questão da transitividade	35
VI – As implicações semânticas da voz passiva	41
VII – A voz passiva e a voz média	53
CAPÍTULO 2: O ORIGINÁRIO NA CONSTITUIÇÃO DO EU: VOZ MÉDIA	61
I – O processo sensorial de afetação	64
II – A importância do corpo na constituição do Eu: auto-erotismo	72
III – A percepção na constituição do Eu	79
IV – A linguagem na constituição do Eu	83
CAPÍTULO 3: O NARCISISMO NA CONSTITUIÇÃO DO EU: VOZ MÉDIA, VOZ REFLEXIVA E VOZ PASSIVA	99
I – O narcisismo primário: da voz média à voz reflexiva	100
II – O narcisismo secundário: voz reflexiva	114
III – O masoquismo: voz ativa - voz passiva	124
CAPÍTULO 4: O NARCISISMO E A APASSIVAÇÃO NOS ESTADOS DE ADOECIMENTO	141
I – A paixão e o luto	146
II – A melancolia e a mania	157
III – A psicose	167
CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	191

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Tipos de referência lingüística	20
Quadro 2	Caracterização das psiconeuroses	23
Quadro 3	Voz gramaticalmente passiva	27
Quadro 4	Voz semanticamente passiva	28
Quadro 5	Voz passiva de estado	40
Quadro 6	Voz semanticamente passiva (pronomes oblíquos me)	42
Quadro 7	As vozes dos movimentos pulsionais	59-61
Quadro 8	Os modos de afetação com relação ao Eu	68
Quadro 9	Da fonte somática da pulsão aos representantes psíquicos da pulsão	91
Quadro 10	Os modos de angústia e as fantasias originárias	129
Quadro 11	Pulsão sadomasoquista	132
Quadro 12	Esquema de análise transformacional da fantasia “Espanca-se uma criança”, segundo John Forrester	138
Quadro 13	Quadro sinóptico para uma análise transformacional da fantasia de Schreber	179
Quadro 14	Modos de constituição de delírios	181

INTRODUÇÃO

As reflexões deste trabalho surgiram a partir da inquietude advinda da atuação na clínica psicanalítica de quase vinte anos, voltada ao tratamento de adoecimentos narcísicos. Diante da constatação do intenso sofrimento psíquico dos pacientes psicóticos, melancólicos e deprimidos foi possível observarmos o fenômeno da apassivação. Tal fenômeno implica na destituição de investimentos da posição de sujeito ativo, e, por conseqüência, o desencadeamento de uma posição objetal, na qual o psiquismo se mostra sem iniciativas que promovam uma existência mais ativa e autônoma.

Por meio dessa prática clínica percebemos que a apassivação, que é constitutiva do processo de afetação que engendra o Eu, nesses casos, estagnou-se, fixando-se à regressão narcísica própria desses adoecimentos. A fala de nossos pacientes fica atada a esse lugar de objeto, como por exemplo: “Eles me perseguem.”, “Eles me mandaram para a internação.”, “Ninguém pode me ajudar.”, “Eles me mandam fazer isto.”, “Eles não me deixam ser feliz.”, “Eles roubam o meu sobreviver!”. Como podemos ver utilizam freqüentemente o “eles” como sujeito, que é semanticamente impessoal e indeterminado. No presente trabalho buscamos entender esses processos de apassivação que ocorrem nos adoecimentos narcísicos por meio da teoria de Freud e da lingüística como ferramenta de análise.

No decorrer deste trabalho, será explicitado o desenvolvimento de teorizações aprofundadas e análises de relatos clínicos de pacientes com adoecimento narcísico, abordando a questão das vozes verbais e da apassivação do Eu. O processo de apassivação não se dá necessariamente pela voz passiva. Ele está implícito, também, nas vozes média e reflexiva, bem como na impessoalidade imperativa das “vozes” da psicose, como evidenciaremos.

O adoecimento faz parte do humano. O sofrimento é inerente ao ser. As possibilidades humanas de sofrimento são amplas. Independentemente do sintoma, sempre há a presença do simbólico, seja na constituição, seja na resolução do sintoma ou no sofrimento do sujeito. O ato de queixar-se é uma reação verbal relacionada a uma experiência sensorial que, principalmente quando diz respeito a uma experiência corporal de dor ou outra modalidade de desprazer, é um sintoma. Mas a queixa é mais do que um sintoma. Nela, existe uma expressão de pena e sofrimento que ultrapassa de muito o fenômeno do sintoma.

Na clínica, o sintoma se coloca dentro de coordenadas do tempo, do espaço e da pessoa. Estes aspectos levam à questão da referência, que formam a consciência. Tempo e espaço introduzem o produto final dos processos estruturantes de um aparelho psíquico que é pulsional e lingüístico. O ser é a presença no seu desenrolar tempo-espacial, mas necessita do corpo pulsional e do psiquismo para que se produzam os diversos sintomas e síndromes. O sintoma pode ser então descrito como sintoma pulsional, ou como sintoma simbólico, já que é constituído entre a pulsão e o sentido. As estruturações dos sintomas simbólicos se realizam em um contexto discursivo, no qual cada sintoma é apresentado por um Eu que se queixa, caracterizando-se no tempo e no espaço.

O sintoma simbólico não tem uma única maneira de se constituir. Sua origem, seu desenvolvimento e o destino da produção do sujeito são bastante diferentes em cada caso. O sintoma se revela na fala, nos enunciados de um sujeito que sofre apesar de únicos, esses enunciados mostram uma posição comum desses sujeitos: a regressão narcísica e a apassivação.

No que diz respeito à constituição do aparelho psíquico Freud¹ enfatiza que a vida psíquica é dominada por três polaridades, representadas pelos pares de opostos: sujeito (Eu) – objeto (mundo

¹FREUD, S. (1915a). *Pulsões e destinos das pulsões*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1. p. 162.

externo); prazer – desprazer; ativo – passivo. O que impulsiona o sujeito na direção do objeto é a pulsão, e os destinos da pulsão estão submetidos às três polaridades que dominam a vida mental.

Laplanche² analisa a transformação da polaridade ativa – passiva, observando que esta apresenta três esquemas de derivação ou destino em relação à pulsão: duplo retorno (forma ativa – forma reflexiva – forma ativa); retorno com transposição ao contrário (forma ativa – forma reflexiva – forma passiva); dupla derivação simétrica (a partir da forma reflexiva, pode aparecer tanto como forma ativa quanto passiva). É na circularidade sobre os pares de opostos que o sujeito vai se constituindo, mediante uma sujeição ativa, que se faz mediante a reversão entre objeto e sujeito.

O processo de constituição do Eu se dá, então, por meio de uma transformação que ocorre a partir de uma relação dual, na qual não existe diferenciação entre o Eu e o mundo, nem entre dentro e fora, até a organização do narcisismo. É o narcisismo que permite ao Eu ser, ao mesmo tempo, sujeito de um enunciado e de uma enunciação, bem como transitar entre sujeito e objeto no movimento pulsional. Enquanto constitutivo, ele viabiliza a escolha objetal, primeiro tendo o próprio Eu como objeto, para depois permitir uma separação entre o Eu e o mundo, direcionando, então, suas escolhas para outros objetos. Enquanto regressão, o narcisismo apassiva o sujeito, colocando-o num lugar objetal, no qual o Eu sempre vai ser aquele que sofre uma ação.

O Eu tem suas vozes e essas são determinadas pelas direções pulsionais. Freud³ nos diz que a pulsão é sempre ativa. É ela que move e impulsiona o Eu e que o carrega em processo com os representantes pulsionais. O fator somático, a impulsão, presentifica-se no psiquismo por meio de um representante. O conceito de pulsão [*Trieb*], conceito limite entre o psíquico e o somático, se articula e precede o conceito de representação [*Vorstellung*], já que, por ser ligado à biologia num sentido amplo, corresponde ao que impulsiona o pensamento e a ação.

²LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. p. 9.

³Op. Cit, p. 148.

É com base nos movimentos pulsionais que o psiquismo se organiza. A origem dessa constituição do Eu, quando pensada linguisticamente, se dá por meio da voz média, que marca uma indiferenciação entre o Eu e o mundo, na qual o processo sensorial da afetação se dá pela busca de satisfação. A voz média corresponde a uma ação verbal que não é ativa nem passiva, como, por exemplo, o verbo nascer. Desta, caminha-se para a voz reflexiva, que é um marco importante na constituição do Eu: inaugura o narcisismo secundário e a separação entre sujeito e objeto, sexualizando o Eu. A partir do narcisismo secundário que o Eu vai se situar numa possibilidade ativa (eu amo) ou passiva (eu sou amado), em relação a si e ao mundo, podendo circular entre as duas polaridades – ou vozes – ou se fixar e regredir para uma apassivação, como o que ocorre nos adoecimentos narcísicos, nos quais a libido fica estagnada, levando à compulsão e à repetição.

Os sintomas são expressos por meio das transformações que ocorrem nas vozes construídas na fala, o que nos leva ao questionamento central do trabalho: qual a voz que cada momento da constituição narcísica e dos adoecimentos do Eu? Por meio das teorias dos lingüistas Said Ali⁴, Benveniste⁵, Langacker⁶, entre outros, e de estudos psicolingüísticos realizados por Hupet e Costermans⁷, e ainda do enfoque fenomenológico de Husserl (1920/1921), abordaremos a questão das vozes verbais e sua relação nos processos psíquicos, utilizando também como referência teórica a psicanálise, principalmente as obras de Freud.

Portanto, ao abordamos a questão da apassivação e sua relação com o adoecer psíquico, analisaremos o fenômeno em três momentos. Num primeiro momento o fenômeno da apassivação será abordado

⁴SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966.

⁵BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002. v. 1-2.

⁶LANGACKER, R. W. "Foundations of cognitive grammar". In: *Theoretical prerequisites*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 1987. v. 1.

⁷HUPET, M.; COSTERMANS, J. "Des fonctions sémantiques du passif". In: *Les cahiers de l'Institute de Linguistique*. Louvain, Bélgica: 1974.

dentro do enfoque lingüístico, ressaltando principalmente os aspectos estruturais e semânticos da regência verbal na voz passiva. Na seqüência, com base nos estudos psicanalíticos, os aspectos constitutivos do Eu, serão relacionados às vozes verbais, destacando a questão do narcisismo e da apassivação. Por último, as transformações das vozes no circuito pulsional dos adoecimentos do Eu, serão analisadas por meio de exemplos clínicos.

Esses três momentos resultam em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta a discussão teórica das gramáticas tradicionais, generativas e cognitivas acerca da transformação que ocorre na passiva em português, com suas especificidades e diferenças. O enfoque central, além de situar-se sobre a questão estrutural, também será dirigido à questão semântica de tal estrutura e de sua relação com a voz média.

O capítulo seguinte elucida a relação entre as vozes média, reflexiva e passiva com o processo de constituição do sujeito, proposto pela teoria psicanalítica, enfatizando a pulsão como constitutiva do aparelho psíquico. A análise abarcará os principais autores e teóricos psicanalíticos que se debruçaram sobre o tema das polaridades existentes na dinâmica pulsional, tendo como eixo central os trabalhos de Freud acerca da constituição do funcionamento psíquico e as transformações que ocorrem nas vivências psíquicas (*Erlebnis*).

Já o terceiro capítulo analisa as questões do narcisismo, enfatizando a relação das vozes verbais no narcisismo primário e secundário e no masoquismo, e faz uma reflexão crítica sobre a relação estabelecida por Freud e outros autores.

O último capítulo investiga a relação das vozes verbais com os adoecimentos narcísicos, em especial da melancolia e da psicose, abordando as transformações que remetem o sujeito a um estado em que a afetação por ele sofrida leva sua existência a um estado incapacitante.

O objetivo principal do trabalho é, portanto, articular os adoecimentos do Eu com o processo constitutivo do narcisismo, enfocando as transformações que ocorrem nos movimentos pulsionais

desses adoecimentos, por meio de uma análise lingüística que os relaciona à apassivação.

CAPÍTULO 1

O PROCESSO DE APASSIVAÇÃO NO ENFOQUE LINGÜÍSTICO

A apassivação é um processo que ocorre no dia-a-dia de todos nós. Quando utilizamos, em nossos enunciados, uma estrutura lingüística semanticamente ou gramaticalmente passiva, nada mais é do que apresentação de um acontecimento que nem sequer nos damos conta do processo apassivador que ali está contido. É um processo complexo, que tanto revela a posição dos sujeitos em cena, como também as implicações que envolvem tal posição. Neste capítulo, iremos explicitar a passiva sob o enfoque gramatical e semântico.

É importante observarmos que tanto a teoria gramatical quanto a psicanalítica utiliza o termo sujeito, só que em enfoques distintos. O sujeito gramatical são os termos oracionais que efetuam ou sofrem uma ação explicitada no predicado da oração por meio do verbo. O sujeito, na teoria psicanalítica, é o que se constitui por meio da transformação, que ocorre desde as experiências nas quais ainda não existe diferenciação entre o Eu e o mundo, até a constituição de um narcisismo. É o narcisismo que permite ao sujeito ser ao mesmo tempo sujeito de um enunciado e de uma enunciação, bem como transitar entre sujeito e objeto no movimento pulsional. De fato, não há como falar de um Eu sem que o Eu da enunciação e do enunciado estejam nele implicados.

Apassivação não é “passivação”. É um processo que não depende de alguém apassivar o outro. Faz parte de um acontecimento, de uma

dada situação na qual o sujeito sofre uma ação ou fica no lugar de um objeto sobre o qual uma ação é exercida. A passivação coloca em destaque o sujeito e não o agente que exerce a ação, que pode, inclusive, ser omitido, ficar indeterminado ou impessoalizado.

Rocha Lima⁸ ensina que a voz expressa a relação entre o processo verbal e o comportamento do sujeito. Podemos entender como comportamento aquilo que se refere ao movimento pulsional. No uso contemporâneo, encontramos três vozes verbais: a ativa, a passiva e a reflexiva, que também estão presentes nas transformações que se operam no circuito da pulsão. A principal característica que define e diferencia cada uma delas refere-se à relação que a voz estabelece entre o sujeito e a ação expressa pelo verbo.

A voz ativa caracteriza-se pelo fato de o sujeito executar a ação: o sujeito da oração é o agente do processo denotado pelo verbo. Quando essa ação não exige um complemento, um objeto sobre o qual a ação será exercida, o verbo é denominado intransitivo. Qualquer complemento que esteja inserido numa construção com verbos intransitivos apenas circunstancia a ação praticada, sem transformar o sentido principal da expressão, que é o de indicar quem executou e o que foi executado. A sentença *Chorei muito* é um exemplo de voz ativa com verbo intransitivo. A ativa também ocorre com verbos denominados transitivos. São verbos que exigem um complemento, direto ou indireto. A sentença *Um dia resolvi vender jornal velho* é um exemplo da ativa com verbo transitivo direto. A ação executada pede um objeto que não necessita de preposição para ser introduzido, por isso é transitivo direto. Já na expansão da sentença *O porteiro contou para o meu pai*, a ação executada apresenta um complemento indireto, ou seja, um objeto introduzido por uma preposição: “para”.

Se o sujeito da frase estiver na qualidade de paciente do processo verbal, ou seja, de quem sofre a ação, temos então a voz passiva. Gramaticalmente, apenas as sentenças com verbos transitivos diretos

⁸ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: José

admitem a transposição entre ativa e passiva. Na sentença *Fui castigado por ele*, temos um verbo transitivo direto na passiva. O sujeito da enunciação sofre uma ação executada pelo agente “ele”. Tal sentença transposta para a ativa apresenta-se como “Ele me castigou”.

Na sentença *Me preparei*, o sujeito da frase é, ao mesmo tempo, agente e paciente da ação. Ele é o centro do processo. Essa voz verbal denomina-se, em português, voz reflexiva. Entretanto, as diferenças entre a passiva e a reflexiva não são tão claras. Esse aspecto deve ser analisado à luz da voz média — o sujeito sendo o ator e o centro do evento (diátese interna).

As frases utilizadas como exemplos foram retiradas do relato de um paciente. Para explicitar as vozes verbais, examinando sua presença na clínica, utilizaremos tal relato, que pertencem ao universo do humano e podem ser encontradas em todo e qualquer estilo discursivo.

P. vinha de longo tempo de internação em clínicas psiquiátricas e estava passando por um processo de reintegração social, inclusive familiar. Ficou órfão de mãe aos quatro anos de idade. Depois da morte da mãe, começou a apresentar sintomas de epilepsia e foi internado junto com outros irmãos menores em uma creche. O pai foi para o exterior e, quando voltou para o Brasil, casou-se novamente, e nosso paciente voltou a morar com ele. Sempre freqüentou escolas especiais, até ir para o internato, também em uma escola especial. Tinha o diagnóstico de deficiência mental. Depois que seu pai morreu, os irmãos o levaram de volta para casa. Nessa época, já apresentava sintomas de transtornos psicóticos, como alucinações auditivas e delírio de perseguição, entre outros. A partir de então, o paciente foi internado em clínicas psiquiátricas, onde permaneceu “vinte e dois anos, oito meses e quarenta e dois dias”. Entre os vários relatos de sua história, apresentaremos, durante o nosso trabalho, alguns trechos.

O diagnóstico de P., conforme a CID-10, é o F20.0, esquizofrenia paranóide, com sintomas de delírios de perseguição, de referência e de mudanças corporais, com presença de alucinações auditivas e de sensações corporais. Também eram freqüentes as perturbações de

humor, como irritabilidade e raiva repentina. Apesar de longo tempo de internação, o paciente conseguia estabelecer trocas afetivas e participava das atividades terapêuticas, até o momento em que era “invadido” pelas “vozes”, quando então, colérico, sempre esbravejava: *Isso não é vida! Eles me roubam tudo! Ainda acabo com eles!*. Encontrava-se com um delírio persecutório sistematizado e sua vida girava em torno dele: era perseguido por “colegas” de sua primeira internação psiquiátrica, que “o invejavam e queriam lhe tomar tudo”: “os seus sonhos, o seu sangue, os seus cocôs e o seu sobreviver”. O paciente apresenta fixação e estagnação narcísicas, provavelmente relacionadas à morte da mãe e à separação provocada pela viagem do pai e posteriores internações. O relato de uma de suas internações evidencia o seu processo de regressão narcísica e de apassivação:

Ai eu fiquei muitos anos nessa escola. Eu fui alfabetizado e me ensinaram a fazer artesanato (ri muito, satisfeito). Eu sempre vinha de ônibus pra cá. Nas férias. Um dia deixei minha agenda no ônibus. Tinha o telefone de todo mundo que eu gostava. Eles levaram. Não queriam que ligasse para ninguém. Então fiquei ajoelhado no pátio da escola olhando para o sol. Não sei se fiquei muitas horas, mas quase fiquei cego... Eu queria ver Deus e Nossa Senhora.

Os sintomas relacionados no CID-10 demonstram que a semiologia médica realizou um esforço taxonômico que evidencia uma preocupação classificatória que possa equanimizar o trabalho do clínico, retirando-o de uma verdadeira babel de classificação e pontos de vista diferentes. Estabelecem também um esforço para fundar as observações em uma base ligada à realidade objetiva concreta. Nesse esforço, ela retira as síndromes da dimensão semântica discursiva do paciente. É necessário passar pelos fenômenos e pela análise da linguagem. Em geral, essa passagem é realizada na prática clínica por meio do conceito de diagnóstico, que implica conhecimento e discernimento.

O esforço médico se faz no ato de relacionar os signos aos seus referentes, ou seja, encontrar um termo para cada dado do real. Essa concepção recebe críticas das diversas teorias da referência por pensar

que a realidade é igual ao percebido no imediato da consciência, uma vez que esta é, aparentemente, destituída de operações de significação.

Foucault⁹, no prefácio da primeira edição, defende a idéia da mudança ocorrida no século XVIII, que provoca uma separação entre a loucura e a razão, exilando os loucos no silêncio:

A constituição da loucura como doença mental, no fim do século XVIII, atesta um diálogo rompido, dá a separação como fato consumado e enterra no esquecimento todas as palavras imperfeitas, sem sintaxe fixa, um pouco balbuciantes, na qual se dava a troca da loucura e da razão. A linguagem da psiquiatria, que é o monólogo da razão sobre a loucura, só se pode estabelecer sobre tal silêncio (*tradução nossa*).

Até o final do século XVII, Foucault ressalta que a loucura e a razão ainda não estavam separadas. Loucura e não-loucura, razão e “des-razão” estavam confusamente implicadas. Com o advento do renascimento científico, da época moderna, a loucura foi progressivamente cercada, assumindo o estatuto de doença mental. A partir de então, a comunicação com a loucura passou a ser exclusividade do médico. Derrida¹⁰, na sua crítica a Foucault, admite a mudança de postura no final do século XVIII:

A decisão liga e separa, de uma só vez, a razão e a loucura; deve ser entendida ao mesmo tempo, aqui, como ato originário de uma ordem, de um fiat, de um decreto, e como um ‘dilaceramento’, uma censura, uma separação, uma discessão. Diria antes ‘uma dissensão’, para marcar bem que se trata de uma divisão de si, de uma partilha e de um tormento interior do sentido em geral, do ‘logos’ em geral, de uma partilha no ato mesmo do ‘sentire’ (*tradução nossa*).

A linguagem é o meio no qual surge o ser. Somos seres de linguagem. Ela é o meio neste último sentido heideggeriano. Nas investigações lógicas e positivas, ela se torna mais um objeto de investigação. É o caso do saber sindrômico. Não obstante, a linguagem é fundamental para o ser humano, sendo, portanto, mais que produtora

⁹FOUCAULT, M. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Plon, 1961.

¹⁰DERRIDA, J. “Cogito et histoire”. In: *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967. p. 61.

de síndromes. A síndrome é, em grande parte, tomada como um referente. Existem, porém, certas síndromes, em especial aquelas ditas psíquicas, que não podem ser tomadas como referentes estáveis e mensuráveis. É necessário relativizar o conceito de referência absoluta em clínica. A semiologia médica, equivocadamente, busca tratar o sintoma no sentido da referência absoluta. É preciso repensar a questão da referência e, conseqüentemente, da comunicação e da linguagem em relação à clínica. A medicina tradicional tem considerado apenas a vertente da referência absoluta em seus tratados e manuais.

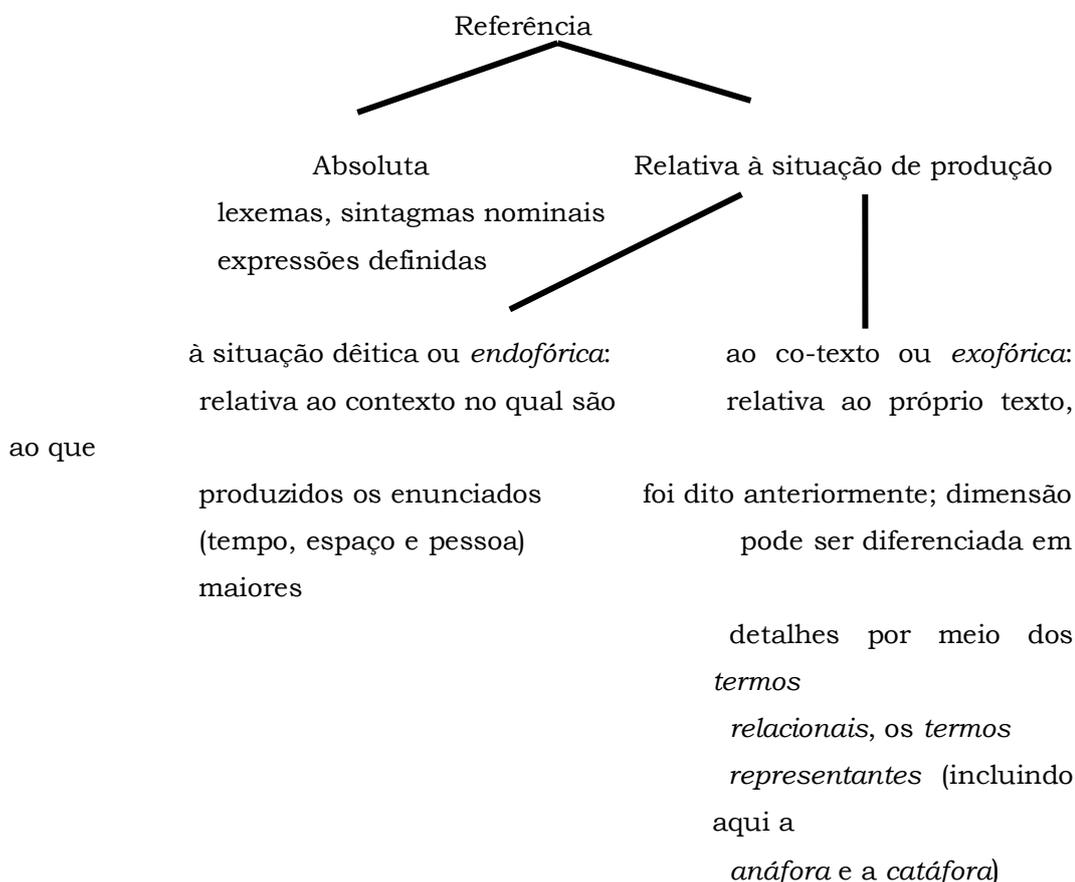
A referência absoluta, tal como encontramos nos lexemas, constitui um lugar que não estabelece a relação com o tempo, o espaço e o sujeito. Para considerar efetivamente a referência como ligada à situação temporal, espacial e subjetiva, é necessário enfocar a referência à situação de criação. Trata-se de qualificar os produtos da linguagem e seu ato de produção, conforme explicita Kerbrat-Orecchioni¹¹, que se baseia nos usos terminológicos propostos por Bally (1969), Lyons (1970) e Todorov (1970).

¹¹KERBRAT-ORECCHIONI, C. *La enunciación: de la subjetividad en el lenguaje*. Buenos Aires: Hachette, 1986. p. 51.

Ao abordar esse tema, Martins¹² apresenta o seguinte quadro:

QUADRO 1

QUADRO 1.6 – TIPOS DE REFERÊNCIA LINGÜÍSTICA



Vemos no esquema em árvore invertida que a produção da operação de referência se relaciona ao contexto e ao co-texto. Portanto, a produção se encontra relacionada ao sujeito que a realiza, bem como aos aspectos temporais e espaciais, e introduz a dimensão histórica no processo dos atos de fala. Os enunciados dos pacientes não são apenas signos, predicados tomados como sintomas, mas pertencem a um determinado sujeito. A referência tem de ser vista no contexto e no co-texto, do tipo exofórica, na qual ocorre a utilização de termos dêiticos: marcadores de tempo como ‘agora’, indicadores de lugar como ‘aqui’, as formas verbais e os pronomes pessoais, principalmente os que

¹²MARTINS, F. *Psicopathologia II - Semiologia clínica: Investigação teórico-clínica das síndromes psicopatológicas clássicas*. Brasília: ABRAFIPP, 2003. p. 44.

imprimem uma marca, que situa quando o sujeito se inscreve como pessoa gramatical no seio de sua fala. Essa análise é necessária para que se possa compreender o processo que nos é relatado pelo paciente. Quando se trata de fala, não estaremos somente lidando com símbolos convencionados, relacionados à referência absoluta, mas também com signos indiciais.

A dimensão discursiva está presente em todo ato de apreensão de qualquer operação de referência. O processo de elaboração de uma história clínica não é a simples observação da história natural da doença. É, antes de tudo, o produto de atos da ordem da percepção e da linguagem. Naturalmente, a observação do clínico está permeada por referências do acúmulo de suas experiências, mas sempre se está, de fato, diante do desconhecido. A referência absoluta é o produto do processo de atos comunicativos, da linguagem em atos. Assim, se referencia tanto a quem fala como a quem recebe a mensagem. Searle¹³ afirma: “a referência é um ato de linguagem, e os atos de linguagem se realizam não por palavras, mas por locutores que pronunciam palavras”.

Kerbarth-Orecchioni¹⁴ enfoca a importância de alguns marcos e indicadores na análise de enunciados, que estão relacionados à subjetividade na linguagem: a inserção do falante no enunciado, que se dá por meio de indicadores como os pronomes pessoais, as formas verbais e os indicadores de tempo e espaço. A função referencial é uma realidade extralingüística, que não corresponde necessariamente à realidade, ao mundo. Pode se dar no imaginário, como nas alucinações auditivas, um dos sintomas que caracteriza a psicose. O plano semântico de um enunciado funciona como um elemento mediador entre o plano da expressão e do referente extralingüístico.

Os termos relacionais, presentes no ato de uma produção enunciativa, relativos ao co-texto e ao contexto nos permitem analisar o processo que se efetua e dizem respeito às formas de existência

¹³SEARLE, J. R. *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina, 1984. p. 41.

¹⁴Op. cit., p. 45.

humana. Entre os termos relacionais, estão os que apresentam uma relação de parentesco, os pronomes possessivos e pessoais, os adjetivos e advérbios comparativos, os verbos de movimento, as elipses e os termos anafóricos (que é sinônimo de representação de um termo já enunciado) e os catafóricos (que remetem ao que sucede no texto ou no contexto). Podemos incluir também as desinências verbais. Já os pronomes pessoais na terceira pessoa exigem um antecedente lingüístico ao qual se refiram. Caso contrário, são indicadores apenas de impessoalidade e não daquilo que se refere ao sujeito da enunciação, do que o situa no discurso. Kerbrat-Orecchioni¹⁵ destaca que o sujeito da enunciação tem individualidade e inclusive intencionalidade significativa. Para significar algo, é necessário reconhecer a intenção que tem um significado, ou seja, a intenção não pode estar secreta.

Eu sentia muita saudade do meu pai... Um dia, o menino, que dormia comigo no quarto, ficou doente e recebeu a visita dos pais dele. Ele ganhou muitas balas. Mas ele não me deu nenhuma. Fiquei com inveja, e isso é pecado, né?... Então eu escrevi uma carta pro pai e falei que estavam me batendo. Ele foi lá e me tirou do internato... Eu só queria que ele me mandasse balas. Eu gostava do internato. Lá tinha com quem brincar.

No trecho destacado, podemos observar que a intenção do que o sujeito queria não foi explicitada. O efeito de seu ato enunciativo não correspondeu ao seu objetivo, que era ganhar balas. Mesmo se considerássemos que sua intenção também era estar com o pai, essa também não explicitada ao pai, tampouco foi alcançada. O sujeito da enunciação, que vinha se inserindo como sujeito do enunciado, retorna a uma posição de objeto e fica apassivado.

Alguns dos princípios já apresentados podem nos auxiliar no entendimento da contribuição importante de Freud¹⁶ sobre o conceito

¹⁵Ibidem, p. 235.

¹⁶FREUD, S. (1924a). *Neurose e psicose*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 3. p. 98.

das psiconeuroses de defesa que pode ser sintetizado como o faz Martins¹⁷:

QUADRO 2
ESQUEMA 6.5– CARACTERIZAÇÃO DAS PSICONEUROSES

As psiconeuroses			
Psiconeuroses transferenciais		Psiconeuroses narcísicas	
Neuroses	Perversões	Timopatias	Psicoses
<i>Histeria</i>	<i>Masoquismo</i>	<i>Melancolia</i>	<i>Esquizofrenia</i>
<i>Obsessão</i>	<i>Sadismo</i>	<i>Mania</i>	<i>Paranóia</i>
<i>Fobia</i>	<i>Fetichismo</i>	<i>Distímia</i>	<i>Catatonía</i>
Recalque e regressão pulsional		Recalque da realidade e regressão do Eu	
Investimento objetual maior que investimento narcísico		Investimento narcísico maior que investimento objetual	
Princípio de realidade		Princípio do prazer	

No primeiro campo, denominado primeiramente por Freud (1894¹⁸ e 1896¹⁹) de psiconeuroses transferenciais, temos sujeitos que realizam com sucesso o recalque e a regressão das pulsões. Esse processo implica um conflito que é essencialmente de origem inconsciente. No

¹⁷MARTINS, F. *Psicopathologia I – Prolegômenos*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005. p. 223.

¹⁸FREUD (1894). *As neuropsicoses de defesa*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 3.

¹⁹FREUD (1896b). *Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 3.

segundo, sujeitos que recalcam a realidade e fazem a regressão do Eu, processo que se dá nas designadas psiconeuroses narcísicas e se caracteriza por conflitos que se desenrolarão na consciência. Os fantasmas, inconscientes nas neuroses, no último caso, se atualizam em ato no Eu do sujeito e indica uma invasão do Eu pelos processos inconscientes.

Podemos situar as neuroses no campo esquerdo e as psicoses no campo direito do esquema. Próximas às neuroses, as perversões. Próximas às psicoses, as timopatias. O esquema apresenta um dualismo conceitual. São variações da natureza humana, formas de experimentar a existência de maneira radical. Freud tentou reunir em torno do neologismo psiconeurose, as psicoses e as neuroses. As psiconeuroses narcísicas implicam que o essencial do drama experimentado se passe no campo do Eu, com pouco ou nenhum investimento objetal. As psiconeuroses de transferência implicam a entrada em jogo de outras pessoas, da alteridade e a concepção de que o conflito essencial se passa no plano do inconsciente.

A referência a uma doença depende do contexto e do co-texto e de como o sujeito apreende o seu próprio corpo e elabora sua história. A maneira como um signo é interpretado varia de cultura para cultura e de pessoa para pessoa. A enunciação coloca a referência como dependente dos atos efetivados. A análise dos sintomas, dos signos que se apresentam, tem de ser interpretada levando-se em conta a referência relativa, a enunciação, os atos de linguagem. A semiologia clínica precisa ser retomada a partir de outras modalidades de análise.

A análise gramatical, semântica e referencial que iremos proceder para elucidar o processo psíquico se baseia em um relato de P., do qual serão extraídos alguns enunciados. As transformações que se fizeram necessárias não modificam o conteúdo semântico dos mesmos:

Um dia resolvi vender jornal velho. Eu queria dinheiro pra comprar balas. Vi que o porteiro juntava os jornais velhos dos moradores do prédio e vendia. Comecei a pegar os jornais e colocava num canto da garagem pra juntar. Me preparei pro dia que o homem que comprava ia passar. O porteiro contou pro meu pai. F. da p.! Meu pai ficou muito bravo comigo. Não devia ter feito isto. Ele me bateu. Fui castigado por ele. Chorei muito. Depois de um tempo meu pai me mandou pr'um internato, em outra cidade. Sabia que meu pai me amava. Se não tivesse tido essa idéia boba ele não tinha me mandado pra lá. Fiquei com muita raiva do porteiro... Eu sentia muita saudade do meu pai... Um dia, o menino, que dormia comigo no quarto, ficou doente e recebeu a visita dos pais dele. Ele ganhou muitas balas. Mas ele não me deu nenhuma. Fiquei com inveja, e isso é pecado, né?... Então eu escrevi uma carta pro pai e falei que estavam me batendo. Ele foi lá e me tirou do internato... Eu só queria que ele me mandasse balas. Eu gostava do internato. Lá tinha com quem brincar. Depois me colocou noutro. Aí eu fiquei muitos anos nessa escola. Eu fui alfabetizado e me ensinaram a fazer artesanato (ri muito, satisfeito). Eu sempre vinha de ônibus pra cá. Nas férias. Um dia deixei minha agenda no ônibus. Tinha o telefone de todo mundo que eu gostava. Eles levaram. Não queriam que ligasse para ninguém. Então fiquei ajoelhado no pátio da escola olhando para o sol. Não sei se fiquei muitas horas, mas quase fiquei cego... Eu queria ver Deus e Nossa Senhora.

No dia-a-dia da clínica, estamos envolvidos com uma diversidade de sujeitos: ativos, passivos, apassivizados, que nos apresentam na fala e no comportamento o seu sofrimento. O nosso enfoque de análise, para compreendermos esse sofrimento, será realizado, em especial, por meio do estudo da linguagem e, por isso, entraremos a seguir em detalhes lingüísticos e gramaticais, que se apresentam em enunciados tanto de pacientes quanto de todos nós na vida cotidiana, ainda que tenham servido muitas vezes para elaboração somente de diagnósticos médicos. A idéia é que o estudo da apassivação esclareça mais o nosso trabalho com o narcisismo humano.

I - A DEFINIÇÃO DA VOZ PASSIVA

A voz passiva é definida nas gramáticas tradicionais como uma construção na qual o sujeito recebe ou sofre uma ação, exercida pelo objeto. Esse tipo de construção necessita que os seguintes elementos estejam presentes:

- Sujeito (quem sofre a ação) + verbo auxiliar (ser ou estar) + particípio passado do verbo principal (que deve concordar em gênero e número com o sujeito). Um quarto elemento pode ser acrescentado: o agente da passiva (quem realiza a ação sobre o sujeito).

A sentença *Fui castigado por ele* encontra-se na passiva, ou seja, há uma transformação na qual a ação continua sendo exercida pelo mesmo agente (que na ativa é o sujeito) e o objeto, que na ativa sofria a ação, passa a ser o sujeito (que permanece sofrendo a ação). Observa-se que para que tal transformação, do objeto na ativa em sujeito na passiva, ocorra, é necessário que haja transitividade, que o verbo seja transitivo direto. Quando P. executa uma ação, com o objetivo de satisfazer um desejo (comprar balas), passa a sofrer uma série de ações na quais o processo de apassivação torna-se uma constante no desenrolar de sua vida: ele é castigado, internado, reinternado etc.

O seguinte quadro refere-se à análise efetuada sobre alguns enunciados do paciente, na perspectiva gramatical e semântica dos mesmos, bem como da relação desses enunciados com o processo pulsional. Os trechos extraídos fornecem exemplos sobre o tema que estamos abordando.

QUADRO 3
VOZ GRAMATICALMENTE PASSIVA

Enunciado	Voz gramatical	Semântica	Transformação	Referentes relacionais dêiticos	Destino pulsional: narcísico e objetal
<i>Fui castigado por ele</i>	Voz passiva	Passiva	Ele me castigou	Eu elíptico: inserção do falante no enunciado. Ele: dêitico designado anteriormente (meu pai). Me: indicador de apassivação	Masoquismo primário

A sentença dada como exemplo é chamada de passiva analítica, na qual o agente pode ou não aparecer, dependendo da ênfase que se queira dar no contexto. Se quisermos enfatizar a ação sofrida pelo sujeito, a sentença *Fui castigado* se apresenta como a mais apropriada. Já quando se faz necessária uma maior explicitação, a presença do agente é importante.

P. enuncia o agente: seu pai. Reunindo os enunciados que têm por agente o pai do paciente, podemos obter o seguinte quadro:

QUADRO 4

VOZ SEMANTICAMENTE PASSIVA

Enunciado	Voz gramatical	Semântica	Transformação	Referentes relacionais dêiticos	Destino pulsional: narcísico e objetal
<i>Ele me bateu</i>	Voz ativa.	Sujeito impessoal e sentido passivo: o sujeito da enunciação é o objeto no enunciado, sofrendo a ação realizada por um outro.	Esse enunciado não admite transformação para a voz passiva, pois o verbo “bater”, nesse contexto, é transitivo indireto.	Ele: dêitico designado anteriormente (meu pai). Me: inscrição do falante no enunciado. Me: indicador de apassivação.	Masoquismo primário.
<i>meu pai me mandou pr’um internato</i>	Voz ativa.	Sentido passivo: o sujeito da enunciação é o objeto no enunciado.	Fui mandado para o internato pelo meu pai.	Meu pai: dêitico relacional de parentesco. Me: inscrição do falante no enunciado. Me: indicador de apassivação.	Apassivação.
<i>meu pai me amava</i>	Voz ativa.	Sentido passivo: o sujeito da enunciação é o objeto no enunciado.	Eu era amado pelo meu pai.	Meu pai: dêitico relacional de parentesco. Me: inscrição do falante no enunciado. Me: indicador de apassivação.	Apassivação.

Nem todos os enunciados encontram-se na estrutura gramatical que define a passiva: sujeito (quem sofre a ação) + verbo auxiliar (ser ou estar) + particípio passado do verbo principal. Entretanto, todos eles possuem um sentido passivo.

Naturalmente, para efetivar sua ação de vender os jornais velhos, P. necessitaria de anunciar o fato. Duas construções poderiam ter surgido, como ocorre em vários anúncios que encontramos estampados pelas ruas: “Vendem-se jornais velhos” ou “Vende-se jornais velhos”. Podemos considerar a primeira construção como gramaticalmente passiva e dentro dos padrões da norma culta da língua portuguesa. E quanto à segunda construção, podemos afirmar que se apresenta incorreta?

II - A FUNÇÃO DA PARTÍCULA **SE**

O estudo da partícula **se** é um dos pontos em que as gramáticas dedicam uma análise detalhada. Para nós clínicos, tal questão também merece ser analisada, uma vez que está presente nos enunciados de nossos pacientes. A sua função ou classificação depende de vários fatores, como a transitividade dos verbos que a acompanham, o tempo verbal e as vozes verbais. Algumas de suas funções apresentam funções sintáticas, outras não. A partícula **se** pode funcionar como conjunção subordinativa integrante quando introduz uma oração subordinada substantiva, por exemplo: *Não sei se fiquei muitas horas*. Poderá também ser conjunção subordinativa condicional quando introduz uma oração subordinada adverbial condicional: “Se eu tivesse dinheiro, poderia comprar balas”.

Em outras construções, poderá ser apenas uma partícula expletiva, não tendo função sintática, apenas estilística, de realce: “*Fiquei olhando para o sol*. Passaram-se horas”. Pode funcionar como parte integrante do verbo, acompanhando os verbos pronominais, que são conjugados com presença obrigatória do pronome oblíquo:

“Ajoelhou-se e ficou olhando para o sol”. Ou ainda como pronome reflexivo, ou seja, quando o pronome **se** equivale a si mesmo. Neste caso, teremos as seguintes funções: objeto direto – “Ele machucou-se ao olhar tanto tempo para o sol”; sujeito do infinitivo – “Ele deixou-se levar pela vontade de ver Deus e Nossa Senhora”.

A função sintática da partícula **se** como índice de indeterminação do sujeito diante de verbos transitivos indiretos, intransitivos ou de ligação exige que o verbo esteja na terceira pessoa do singular: “Precisa-se de aprender a ler”, “Vive-se mal a vida por causa das vozes” e “É preciso que se cuide da agenda”. Na sentença “Bate-se numa criança”, que tem presença marcada em vários textos psicanalíticos que abordam a questão da fantasia masoquista, a partícula **se** é, também, um índice de indeterminação do sujeito: não se trata de uma construção gramaticalmente passiva, embora semanticamente seja.

Já em relação à função como pronome apassivador, não há consenso entre os gramáticos, merecendo uma análise mais aprofundada sobre a passiva sintética. Nas alucinações auditivas, as “vozes de comando” imperativas, das quais os pacientes, muitas vezes, não têm como se proteger, as construções dos enunciados são semelhantes a “É preciso que se cuide da agenda”. Porém, o conteúdo das mesmas têm, geralmente, um destino cruel. Os pacientes ficam entregues ao terror de cumprir uma ordem, não se sabe de quem, e da qual não podem escapar.

Se tomarmos a frase-título do texto de Freud (1919) “Uma criança é espancada”, podemos afirmar que é uma construção passiva analítica. E quanto à construção “Espanca-se uma criança”? Esta é uma questão complexa, que iremos analisar em seguida.

III - A PASSIVA SINTÉTICA

Em relação à passiva analítica, nas mais diversas gramáticas que examinamos e mais explicitamente nas que citaremos, existe um

consenso entre os gramáticos. Já as construções denominadas de passiva sintética, ou passiva pronominal, ou médio-passiva, as divergências de interpretação se acentuam. A sentença “Vendem-**se** jornais velhos” é um exemplo da passiva sintética. Os gramáticos, como, por exemplo, Cunha e Cintra²⁰ e Bechara²¹, aceitam este tipo de construção como passiva sintética ou pronominal e consideram o **se** como pronome apassivador ou partícula apassivadora, que acompanha um verbo transitivo direto. Dessa forma, deve haver concordância em número e pessoa com o sintagma nominal presente na sentença, visto como sujeito.

A partícula **se**, ao lado de verbos transitivos indiretos ou intransitivos, é considerada índice de indeterminação do sujeito. Desse modo, a sentença “Vendem-se os jornais velhos” e “Espancam-se crianças” são exemplos de passiva, enquanto a construção “Bate-se numa criança” é considerada exemplo de voz ativa. Os gramáticos tradicionais, como Bechara²², apresentam o emprego apassivador do pronome **se**, por um lado, se o verbo é transitivo direto, e o seu emprego como um símbolo de indeterminação do sujeito, por outro lado, se o verbo é transitivo indireto ou quando num contexto o verbo é tomado intransitivamente, como “Vive-se bem no internato”.

²⁰CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

²¹BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, p. 177.

²²Idem.

Ladeira²³, ao estabelecer um paralelo entre a língua portuguesa e o latim, observa que neste havia a chamada passiva sintética, como, por exemplo, *laudor* = eu sou louvado. Já na língua portuguesa não existe, segundo este autor, tal tipo de construção, pois a idéia de passividade sintética não permanece num único vocábulo, mas em dois: o próprio verbo e a partícula **se**. Said Ali²⁴ destaca:

Tem-se dito que a nossa forma reflexiva se identifica com a voz passiva. Apesar das restrições que todos concedem, que são forçados a conceder, tenho a afirmação por leviana, a começar pelos exemplos banais com que a esteiam. Aluga-se esta casa e esta casa é alugada exprimem dois pensamentos, diferentes na forma e no sentido. Há um meio muito simples de verificar isto. Coloque-se na frente de um prédio escrito com a primeira das frases, na frente de outro ponha-se o escrito contendo os dizeres esta casa é alugada. Os pretendentes sem dúvida encaminham-se unicamente para uma das casas, convencidos de que a outra já está tomada. O anúncio desta parecerá supérfluo, interessando apenas aos supostos moradores, que talvez queiram significar não serem eles os proprietários. Se o dono do prédio completar, no sentido hipergramatical, a sua taboleta deste modo: esta casa é alugada por alguém, não se perceberá a necessidade da declaração e os transeuntes desconfiarão da sanidade mental de quem tal escrito expõe ao público.

Baseado nessa análise, a proposição introduzida por Freud²⁵, “Uma criança é espancada” [*Ein Kind Wird Geschlagen*], que marca o masoquismo, tem um sentido distinto de “Espanca-se uma criança”, utilizada em muitos estudos e traduções sobre o referido tema. A primeira, original de Freud, enfatiza o sujeito-paciente que sofre a ação, mesmo que esteja indefinida, ou seja, que não saibamos de que criança se trata. Já a segunda, que aparece principalmente em traduções

²³LADEIRA, J. D. “Pronome se: índice de indeterminação do sujeito ou se sujeito? – um tema para discussão”. In: *Revista de letras*. Fortaleza: UFC, 1986. p. 84.

²⁴SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966. p. 98.

²⁵FREUD, S. (1919). *Uma criança é espancada*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v. 17.

francesas da obra de Freud, como em Laplanche²⁶, a ênfase é colocada sobre a ação. Abordaremos mais sobre esse aspecto na parte referente ao masoquismo.

Voltando aos aspectos gramaticais da passiva, existem também diferenças entre a gramática sintagmática e a generativa transformacional. A primeira trabalha com um único nível de descrição para cada frase, com apenas um indicador sintagmático (uma árvore). Já a segunda apresenta, ao contrário, dois níveis de descrição ou dois indicadores sintagmáticos para cada frase: um indicador sintagmático que representa a estrutura sintática da seqüência, numa correspondência mais ou menos direta com a forma fonética da frase (estrutura de superfície) e um indicador sintagmático que determina a compreensão semântica da frase (estrutura profunda).

Na gramática generativa transformacional, Chomsky²⁷ afirma que as frases “Eu escrevi a carta para o meu pai”, forma ativa, e “a carta para o meu pai foi escrita por mim”, forma passiva, são duas construções diferentes de manifestação de uma mesma estrutura, mais profunda, mais abstrata, considerando que, em qualquer das duas frases, existe um sujeito – Eu – que pratica uma determinada ação no passado – escrever – sobre um determinado objeto – a carta. No enfoque da gramática generativa transformacional, a função do **se** indeterminador é apenas de reduzir termos da oração: “Escreveu-se a carta”.

Camacho²⁸ defende a existência de cinco modalidades de voz verbal no português: ativa, passiva, impessoal, média e adjetival; a primeira, consistindo na forma mais básica ou primária, o sujeito sendo o ator do evento e externo a ele (diátese externa). O autor chama construções de voz impessoal àquelas que a tradição gramatical classifica como passivas sintéticas, pronominais ou passivas de **se**. Para o autor, a sentença “Espanca-se uma criança” não tem sentido passivo,

²⁶LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

²⁷CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: M.I.T., Press, 1965.

²⁸CAMACHO, R. G. “Em defesa da categoria da voz média no português”. *Delta*. UNESP, São Paulo, v. 19, n. 1, 2003, p. 94

confirmando, novamente, a impropriedade de sua utilização para os estudos relacionados com a apassivação que ocorre nos movimentos pulsionais. São, assim, na sua análise, tidas como orações de passiva apenas as chamadas passivas analíticas, nominais, participiais, sintáticas, de ação ou passivas de ser, como, por exemplo, “Uma criança é espancada”.

IV - A COMPLEXIDADE DA PASSIVA

Na literatura lingüística, a oração ativa é identificada como a estrutura sintática mais básica, o padrão neutro, como em Naro²⁹. Por sua vez, a oração passiva é tratada como uma estrutura complexa. A classificação de ativas e passivas como estruturas básicas e estruturas complexas (ou derivadas), respectivamente, decorre das propriedades formais de cada uma dessas estruturas. Do ponto de vista sintático, a passiva é uma construção complexa porque exhibe uma ordenação que se desvia da estratégia mais comum de apresentação dos termos: sujeito – verbo – objeto, em que sujeito e objeto freqüentemente correspondem aos papéis semânticos de agente e de paciente, respectivamente.

No português, os sintagmas nominais, que funcionam como agente, tendem a ocorrer na posição inicial da oração (isto é, a posição de sujeito), enquanto os sintagmas nominais pacientes costumam ocorrer na posição pós-verbal. Assim, os agentes são normalmente interpretados como sujeito e os pacientes como objeto. A passiva afeta essa correspondência entre papéis semânticos e relações gramaticais na medida em que permite que o objeto (paciente) de um verbo semanticamente transitivo ocorra como sujeito da oração, enquanto o agente é omitido ou apresentado num sintagma preposicionado. O modo de uma oração transitiva depende, pois, do papel semântico que o

²⁹NARO, A. J. “The genesis of the reflexive impersonal”. In: *Language*. New York: Baltimore, 1976. v. 52. n. 4.

termo selecionado como ponto de partida dessa oração desempenha: o de agente ou o de paciente.

A complexidade da passiva não se limita, contudo, a uma questão exclusivamente sintática. Partindo do princípio de que a sintaxe deve ser explicada com referência ao seu uso na comunicação, podem-se propor critérios para explicar o *status* privilegiado da oração ativa na sintaxe. Esses critérios envolvem o grau de conhecimento pressuposto com base no qual uma oração é usada. Nesse sentido, as propriedades formais das orações ativas e passivas emanam, até certo ponto, das propriedades do discurso, e se correlacionam com o grau de pressuposicionalidade dessas orações. O padrão neutro (oração ativa) se distingue por ser menos pressuposicional do que o padrão complexo (oração passiva).

Isso significa que a oração ativa é usada no discurso para transmitir grande parte da informação nova. A complexidade pressuposicional da passiva resulta do fato de que a maioria dessas orações tende a envolver um agente pressuposto, que é identificável do contexto discursivo. Se a troca de informação nova é a base do discurso humano, então o padrão oracional que transmite grande parte da informação nova – a oração ativa – deve ser o mais freqüente no discurso.

Resta mencionar uma alternativa sintática para a passiva disponível no português. O argumento em questão é o agente da ação verbal. Sob o ângulo do argumento agente, a passiva é uma estratégia de impessoalização, pois na grande maioria de orações passivas a identidade do agente não é explicitada. No português informal, é comum o uso da oração ativa com sujeito não-anafórico “eles”, ou sujeito zero com verbo na 3ª pessoa do plural quando o falante não identifica o agente da ação. Nesse caso, embora não seja possível determinar com exatidão a identidade do agente, pode-se inferir do contexto discursivo que o sujeito “eles” ou zero se refere a pessoas encarregadas das atividades específicas de que se fala: *Eles me roubam tudo*. A terceira pessoa é característica marcante dos enunciados que se

referem à fantasia masoquista, “Ele me espanca”, como também referentes ao mecanismo de projeção que ocorre nos delírios psicóticos, “não sou eu... são eles” (ver Quadro 2 capítulo 4).

O uso da oração ativa com sujeito zero e verbo na 3ª pessoa do plural é registrado por Rodrigues Lapa³⁰, para quem, na sentença “Abriram as janelas do palácio”, a atenção é reclamada para o ato em si. O sujeito é indeterminado, e sua falta tem como resultado fortalecer a própria significação do verbo. O que importa, sobretudo, é o ato de abrir”. O comentário de Lapa indica que, em orações desse tipo, o agente da ação não é o elemento central da comunicação. Ao contrário, a identidade do agente é irrelevante, pois, nesse caso, destaca-se a ação. Vale notar que essa observação só é válida se a oração citada como exemplo ocorrer no início de um parágrafo. Se ela estiver em cadeia, o que se ressalta é a continuidade do tópico.

Com relação à função de impessoalização do agente (“Eu fui castigado por ele.”), portanto, há duas opções sintáticas no português: orações ativas como sujeito não-anafórico “eles” ou zero (“*Eles me roubam tudo.*” e “*Não queriam que eu ligasse para ninguém.*”) e orações passivas sem agente (“Eu fui alfabetizado.”). O ambiente semântico e discursivo, em conjunção com o tipo de registro, determina a ocorrência de uma oração passiva em um dado texto.

Como já foi dito, a complexidade sintática, semântica e pragmática inerente à passiva resulta do fato de que essa oração se afasta da ordenação neutra das palavras, que em português tende a ser sujeito – verbo – objeto. A dificuldade de interpretação da passiva está relacionada ao fato de ela reverter à ordem natural do sujeito (agente) e objeto (paciente) da oração ativa transitiva. Os possíveis distúrbios na comunicação causados pelo uso da forma passiva num dado texto seriam conseqüência da interpretação incorreta do sujeito passivo como agente, e não como paciente, da ação verbal.

³⁰RODRIGUES LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. 6 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970. p.145.

A esse respeito, vale comentar a opinião de Melo³¹, para quem “o português é uma língua de ordem vária e livre, onde não tem tradição (e, portanto, não é vernáculo) o uso sistemático da seqüência lógica ou analítica”. Entre os casos de posposição do sujeito, que refletiriam o uso do “bom português”, Melo inclui a posposição do sujeito “quando o verbo está na passiva, mormente na pronominal”³². Os exemplos citados, contudo, representam o tipo de passiva denominado de passiva de estado (isto é, formadas com o auxiliar ‘estar’ + particípio passado). As passivas com o auxiliar ‘ser’ + particípio passado diferem das de estado, como já foi anteriormente explicitado.

Melo³³ considera que a inversão verbo-sujeito nas passivas analíticas é uma tendência vernácula, enquanto a ordem direta sujeito-verbo reflete uma perda do senso da língua e, conseqüentemente, uma quebra da expectativa lingüística. O uso da ordem direta nas passivas analíticas do português deve-se, segundo ele, a uma influência indireta da língua inglesa, causando uma desfiguração do português. Abrir com o verbo dá mais dinamismo à oração, ressaltando o fato, a ação. Como na passiva o sujeito não é agente, sua posição ótima deveria ser depois do verbo. De acordo, portanto, com este autor, a sentença passiva “O paciente foi internado pelos irmãos” deveria ser expressa na forma “Foi internado o paciente pelos irmãos”. Tal construção, porém, não é de uso corrente na linguagem ordinária, apresentando-se como não familiar.

V – A QUESTÃO DA TRANSITIVIDADE

A transitividade verbal é um assunto que vem sendo pesquisado há muito tempo, desde os gramáticos alexandrinos. Porém, o tempo não foi suficiente para sanar as dúvidas que esse tema suscita. Os gramáticos alexandrinos foram famosos por suas gramáticas que deram início a toda a tradição gramatical do ocidente. Os primeiros estudos da língua

³¹MELO, G.C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978. p.

³²Ibidem, p. 235

³³Ibidem, p. 235.

grega surgiram com a tentativa de evitar que as chamadas “línguas bárbaras” poluíssem o grego clássico. Foi assim que surgiu a chamada “gramática tradicional”.

Dionísio, o Trácio (170 a 90 a.C.), foi um dos primeiros e mais importantes gramáticos alexandrinos. Ele se preocupou com o estudo e sistematização da fonética e da morfologia do grego clássico, como o utilizado nos poemas de Homero. Segundo Neves³⁴:

a obra (de Dionísio, o Trácio) abriga apenas a fonética e a morfologia, desconhecendo a sintaxe. [...] A preocupação com a sintaxe só apareceria no século II d.C. com Apolônio Díscolo. [...] O importante lugar que Apolônio Díscolo ocupa na história das idéias gramaticais no Ocidente assenta-se, especialmente, no seu tratamento da sintaxe.

Apolônio Díscolo foi o primeiro alexandrino a preocupar-se com o estudo que as palavras estabeleciam entre si. É com ele que nasce o estudo da sintaxe e das primeiras noções de transitividade verbal no ocidente. Ele se preocupou com o estudo das relações de atividade e passividade. Para Apolônio Díscolo, segundo Neves³⁵:

Nas relações oracionais, é fundamental a diátese, a “disposição” dos corpos em relação à ação: o ser como agente ou como paciente [...]. Atividade e passividade marcam, pois, as relações dos nomes com os verbos: à primeira corresponde o nominativo como caso do sujeito (agente); à segunda corresponde o acusativo como caso do objeto (paciente). Essa relação se mantém mesmo que a diátese (a “disposição”) seja mudada, isto é, mesmo que se passe da construção passiva para a ativa.

A idéia dos gregos de atividade e passividade e de que essa relação não pode ser alterada nem mesmo mudando a disposição dos componentes da oração, ou seja, nem mesmo com a transformação da oração ativa para passiva, gerou a idéia de transitividade dos latinos.

³⁴NEVES, M. H. M. *A gramática: história, teoria e ensino*. São Paulo: UNESP, 2002. p.

³⁵Ibidem, p. 66.

Segundo Câmara Júnior³⁶, o predicado verbal em latim podia apresentar padrões especiais:

Havia a esse respeito em latim três esquemas formais, que dependiam da significação da palavra verbal: 1) Verbo, concentrando em si toda a significação verbal, ou seja, “intransitivo”, de maneira absoluta, porque a significação verbal não passa além do verbo (ex.: *Ambulo* “Ando”); 2) Verbo articulado com um substantivo no acusativo, ou seja, “transitivo”, porque a significação verbal só assim se completa (ex.: *Video puerum* “Vejo o menino”); 3) Verbo articulado com um substantivo no dativo, ou seja, “intransitivo”, mas de maneira “relativa”, porque a significação verbal se relaciona com esse substantivo designando um ser nela interessado (ex.: *Loquor puero* “Falei ao menino”).

A complementação verbal estava muito bem definida no latim clássico. Os casos representavam funções sintáticas e eram formados com o acréscimo de desinências ao final das palavras. Havia o caso acusativo, para expressar o que hoje chamamos de objeto direto, que era afetado pelo verbo. O caso dativo era no latim um objeto indireto que se referia a pessoas. Com a morte da língua latina, a língua portuguesa passou a expressar o objeto indireto por meio da preposição **a**, o que gerou um problema de classificação de complementos verbais na língua portuguesa, pois todas as expressões preposicionadas que complementam o sentido dos verbos foram classificadas como objeto indireto, perdendo a idéia original do caso dativo. Conforme palavras de Said Ali³⁷, “o nome de *objeto indireto* aplica-se, por extensão, também às expressões preposicionadas que complementam o sentido de verbos intransitivos”. Os estudos alexandrinos e latinos sobre a transitividade verbal nos influenciam até hoje. Conforme Borba³⁸:

³⁶CÂMARA JÚNIOR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979. p. 235.

³⁷SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966. p. 95.

³⁸BORBA, F. S. *Introdução aos Estudos Lingüísticos*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1996. p. 60.

os verbos de estado expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é, pois, mero suporte dessas propriedades ou, então, seu experimentador ou beneficiário. São os verbos com que se configura verbalmente a duração de um ser, a permanência de um estado, sem que, com isso, se implique a completa imutabilidade

Portanto, verbos como *viver, ser, estar, continuar, ter, gostar* farão parte da classe dos verbos de estado. A divisão sintático-semântica dos verbos de estado não obedece à mesma ordem estabelecida na gramática tradicional. Em primeiro lugar, a gramática tradicional chama de verbos de estado somente uma pequena parte dos verbos estativos. Os verbos de estado também são designados pela gramática tradicional como verbos de ligação. Em segundo lugar, muitos verbos que a gramática tradicional classifica como verbos de ação pertencem ao grupo semântico dos verbos de estado, pois não apresentam uma ação, mas sim um estado permanente. É o caso de *gostar*, que a gramática tradicional classifica como verbo de ação, mas não existe um agente que pratique uma ação, e sim um experienciador que experimenta uma sensação psicológica de gostar de algo: *Eu gostava do internato*. Assim sendo, a semântica classifica esse verbo como um verbo de estado, pois não há nem ação, nem agente envolvido na predicação. Assim sendo, a semântica inclui na classe dos verbos de estado não só os tradicionais verbos de ligação (ser-estar, ter-haver), mas também muitos dos verbos tradicionalmente classificados pela sintaxe como verbos de ação (ficar, andar, ir), dependendo do contexto em que estão inseridos.

QUADRO 5

VOZ PASSIVA DE ESTADO

Enunciado	Voz gramatical	Semântica	Transformação	Referentes relacionais dêiticos	Destino pulsional: narcísico e objetal
<i>estavam me batendo</i>	Voz ativa.	Sujeito impessoal e sentido	Esse enunciado não admite transformação	Estavam: 3ª pessoa do plural,	Masoquismo primário.

		passivo: o sujeito da enunciação é o objeto no enunciado, sofrendo a ação realizada por um outro.	para a passiva, pois o verbo “bater”, nesse contexto, é transitivo indireto.	indicador de impessoalidade. Me: inscrição do falante no enunciado. Me: indicador de apassivação.	
--	--	---	--	---	--

A introdução do auxiliar “estar” implica outras reflexões. Admite-se a construção passiva, em português, com esse verbo. Essas construções são denominadas passivas de estado, já que apresentam algo relativo a um estado, que pode permanecer ou ser modificado. Não se trata de uma ação. Os verbos que exprimem estado (estar, andar, viver etc.), mudança de estado (ficar) e movimento (ir, vir), combinados com um particípio, também podem formar a passiva: *Eu fiquei ajoelhado*. A diferença entre os verbos ser e estar, quanto à passiva, apresenta-se em diferentes aspectos. Quando o verbo “estar” indica permanência, o sujeito, na sua passividade, permanece ou permanecerá afetado pela ação, evidenciando a permanência: “O paciente está internado na clínica”. Outro aspecto é o caso de o verbo “ser” não indicar permanência. Ele apenas mostra o sujeito na sua passividade, mas sem evidenciar a permanência: “O paciente foi internado novamente” (não sabemos se permanece internado). Já em outros casos, o verbo “ser” mostra que a qualidade ou o estado atribuído ao sujeito lhes são inerentes, habituais, naturais, permanecem, como em “O paciente é órfão”. E ainda quando o verbo “estar” mostrar que a qualidade ou o estado não permanecem, como em “O paciente está ajoelhado no pátio da escola”.

A sintaxe, sob o viés lingüístico, passou a procurar explicações formais para a relação entre as diversas partes da oração. Seguindo esse espírito investigativo, Perini³⁹ não classifica os verbos em transitivos e intransitivos, mas sim em verbos que exigem, recusam ou aceitam livremente complementos. Com relação aos tipos de

³⁹PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1998.

complementos verbais, Rocha Lima⁴⁰ os divide em quatro tipos diferentes: objeto direto (“Meu pai me amava.”) – “é o complemento que, na ativa, representa o paciente da ação verbal.”⁴¹; objeto indireto (“O médico acudiu ao paciente.”) – “representa o ser animado a que se dirige ou destina a ação ou estado que o processo verbal expressa.”⁴²; complemento relativo (“O paciente gosta do internato.”) – “é o complemento que, ligado ao verbo por uma preposição determinada (*a, com, de, em* etc.), integra, *com o valor de objeto direto*, a predicação de um verbo de significação relativa.”⁴³; complemento circunstancial (“O pai do paciente morou no exterior.”) – “é um complemento de natureza adverbial – tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais.”⁴⁴.

Bechara⁴⁵ apresenta uma tipologia semelhante a Rocha Lima⁴⁶, porém une, sob a definição de complemento relativo, o que Rocha Lima⁴⁷ divide em complemento circunstancial e complemento relativo. Luft⁴⁸ apresenta a tradicional separação em objeto direto e objeto indireto, mas subdivide o objeto indireto em três grupos: o objeto indireto é precedido pela preposição **a**, é substituível pelo pronome **lhe** e o verbo admite apassivação: “O médico acudiu ao paciente.”; o objeto indireto não é substituível pelo pronome **lhe** e o verbo que rege essa preposição não admite apassivação: “O paciente gosta do internato”; o objeto indireto é um locativo que não pode ser considerado adjunto (adverbial de lugar), e sim complemento: “O pai do paciente morou no exterior”.

A apassivação não ocorre apenas em construções passivas. Mesmo as ativas e as reflexivas podem ter um sentido passivo, como podemos observar no quadro abaixo: *Eles me roubam tudo*. O sujeito da

⁴⁰ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

⁴¹Ibidem.

⁴²Ibidem.

⁴³Ibidem.

⁴⁴Ibidem.

⁴⁵BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. p. 242.

⁴⁶Op. Cit.

⁴⁷Idem.

⁴⁸LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. Rio de Janeiro: Globo, 1974. p. 56-59.

enunciação é quem sofre a ação verbal e é objeto indireto da sentença. Como observado por Luft⁴⁹, o objeto indireto precedido pela preposição **a** admite apassivação, e a semântica do enunciado é de apassivação. O pronome pessoal oblíquo **me** indica a inserção do falante no enunciado, constituindo um dêitico relacional, como podemos observar nos enunciados do paciente.

QUADRO 6

VOZ SEMANTICAMENTE PASSIVA (PRONOME OBLÍQUO **ME**)

Enunciado	Voz gramatical	Semântica	Transformação	Referentes relacionais dêiticos	Destino pulsional: narcísico e objetal
<i>Eles me roubam tudo</i>	Voz ativa.	Sujeito impessoal e sentido passivo: o sujeito da enunciação é o objeto no enunciado, sofrendo a ação realizada por um outro.	Tudo me é roubado. o sujeito da enunciação permanece sendo o objeto no enunciado.	Eles: indicador de impessoalidade. Me: inscrição do falante no enunciado. Me: indicador de apassivação.	Narcisismo secundário.

A semântica é que determina a passiva, bem como o seu uso. É o que veremos a seguir.

VI – AS IMPLICAÇÕES SEMÂNTICAS DA PASSIVA

A passiva pode ser definida tanto do ponto de vista morfológico quanto sintático, na abordagem lingüística do termo. Morfológicamente, é definida como um enunciado tendo um verbo na passiva⁵⁰. A passiva sintática é definida pela permutação dos sintagmas nominais, com a

⁴⁹Idem.

⁵⁰COSTERMANS, J. *Psychologie du langage*. Bruxelles: Madarga, 1980. p. 76.

introdução do sintagma nominal por uma preposição. Os lingüistas enfatizam bastante a questão da troca de sintagmas nominais e a introdução do sintagma agente por uma preposição. A introdução da preposição tem exatamente a função de autorizar a inversão dos sintagmas nominais, conservando seus aspectos semânticos.

Segundo Chomsky⁵¹, a passiva deriva da ativa quando se reverte, na estrutura de superfície, as relações lógicas especificadas na estrutura profunda, podendo até mesmo ser considerada ativa e passiva, como sinônimas. Se a permutação não modifica a estrutura profunda, ela não modifica o sentido da frase. A partir de Chomsky⁵², as passivas passaram a ter um tipo de estrutura profunda específico, deixando de ser consideradas sinônimas das ativas. Muitos outros autores admitiram as diferenças de sentido entre os enunciados passivos e ativos, mas tais diferenças nunca foram explicitadas no domínio da Gramática Generativa Transformacional (GGT).

No Quadro 7 (página 58), os enunciados retirados do relato do paciente mostram que as sentenças, nas quais foi possível realizar uma permutação sem alteração do sentido, não indica uma sinonímia. Indicam que a sentença anterior, apesar de apresentar uma estrutura de voz ativa ou reflexiva, é, na realidade, uma sentença marcada pela apassivação: *Meu pai me amava e Meu pai me tirou do internato*.

Existem trabalhos em psicolingüística, como de Costermans⁵³, Hupet⁵⁴ e Dubois⁵⁵, que estão baseados nas diferenças semânticas entre os dois tipos de frases. Hupet e Costermans⁵⁶, ao discutirem o problema da “pertinência da passiva”, afirmam que a abundante literatura consagrada ao tratamento lingüístico da passiva enfatiza

⁵¹CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. 8. ed. The Hague: Mouton, 1957.

⁵² CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: M.I.T., Press, 1965.

⁵³Op. Cit.

⁵⁴HUPET, M. e COSTERMANS, J. “Un passif; pour quoi faire? (Quinze années de travaux psycholinguistiques)”. In: *La linguistique*. Paris, 12 (2), 1976.

⁵⁵DUBOIS, J. “Problèmes de linguistique transformationnelle. Modeles précorrecteurs d’erreurs dans la transformation passive”. In: *Psychologie normale et pathologique* . n. 1, 1966.

⁵⁶Op. Cit., p. 17.

muito mais as hipóteses sintáticas, como se o problema semântico estivesse resolvido, ou mesmo nem existisse.

Dubois⁵⁷ explicita que é o contexto que revela a necessidade da utilização da transformação passiva, já que sua função essencial é reverter a ordem dos sintagmas nominais, sempre conservando, ao nível de conteúdo, um aspecto análogo. Para esse autor, a transformação passiva pode se efetuar de quatro formas diferentes: a passiva apresentada nas gramáticas tradicionais (ser-estar + particípio passado) – *Fui castigado por ele*; a transformação com os verbos ditos simétricos – “O sol cega os olhos.” e “Os olhos cegam ao sol.”; a forma pronominal do verbo – “O chão machuca os joelhos.” e “Os joelhos se machucam ao chão.”; e os verbos ditos intransitivos com um auxiliar (fazer + infinitivo) – “Eu adoeci no sol forte.” e “O sol forte me fez adoecer”.

Hupet e Costermans⁵⁸ afirmam que nem todo enunciado ativo tem necessariamente seu correspondente passivo. Se alguns enunciados ativos, no plano sintático, recusam a apassivação, significa que as frases ativas no plano sintático não são ativas no plano semântico. Somente uma frase realmente ativa pode ser colocada na passiva. Um enunciado é considerado semanticamente ativo na medida em que o verbo deste expressa uma ação exercida por um sintagma nominal sobre outro sintagma nominal. Quanto mais um enunciado é semanticamente ativo, mais facilmente ele aceita a passiva sintática. De acordo com essa análise, a sentença “Ele me bateu.”, que não admite passiva, pode ser considerada, de fato, uma frase passiva.

A passiva, assim com a ativa, pode ser facilitada pela manipulação apropriada do contexto. O enunciado passivo é preferido ao enunciado ativo, quando o discurso no qual ele se insere o torna mais adequado e, portanto, mais disponível. Assim sendo, utilizaremos o enunciado passivo quando as condições favoráveis estiverem presentes no contexto.

⁵⁷Op. Cit., p. 23.

⁵⁸Op. Cit., p. 17.

Dubois⁵⁹ analisa que o sujeito gramatical de um enunciado é geralmente escolhido com o objetivo de assegurar a coesão deste enunciado com o contexto que o precede, o referente estando colocado no início do enunciado para minimizar sua distância em relação ao referido. A presença de uma referência (por pronome possessivo ou demonstrativo, artigo definido etc.) feita a qualquer um ou qualquer coisa citada ou sugerida precedentemente leva à escolha do sintagma nominal objeto como sujeito gramatical, para assegurar a coesão do enunciado e do contexto que o precede. Nos exemplos dados, o último será preferido: “O meu colega de quarto é uma pessoa feliz; seus pais lhe amam.” e “O meu colega de quarto é uma pessoa feliz; ele é amado pelos seus pais”. Este autor também afirma que a passiva é utilizada quando o sintagma nominal sujeito é igual a zero. Nos exemplos dados, a última frase é a preferida: “Levaram a agenda.” e “A agenda foi levada”. Segundo Hupet e Le Bouedec⁶⁰, a passiva será mais utilizada também pela tendência de se preservar a ordem sujeito gramatical definido/objeto gramatical indefinido. A passiva será preferida nos exemplos dados: “Um homem comprou os jornais.” e “Os jornais foram comprados por um homem”.

Ao explicar a análise de pressuposições nas frases com enunciados passivos, nos deparamos com diferenças pragmáticas entre a ativa e a passiva. A noção de pressuposição introduz uma diferença fundamental entre dois aspectos da informação existente em um enunciado: aquilo que tem de novo, de explícito, de assertivo e aquilo que implica algo já conhecido, pressuposto, implícito.

Hupet e Costermans⁶¹ enfatizam que nós utilizamos a passiva para evitar formar uma ativa cujo acento cairá sobre o sintagma sujeito e a pressuposição sobre o objeto. A frase passiva implica uma pressuposição sobre o objeto. As frases ativas não apresentam

⁵⁹Op. Cit., p. 25.

⁶⁰HUPET, M.; LE BOUEDEC, B. “Présupposition and the topic function in the interpretation of the active and passive voice”. In: *Quarterly journal of experimental psychology*, 27, 1975. p.323-333.

⁶¹Op. Cit., p. 18.

necessariamente este componente pressuposicional. O acento da passiva é colocado sobre o agente; ao contrário, é o objeto da ativa que contém o acento. As frases passivas acentuam muito mais que as ativas a importância do que se refere seu sujeito gramatical⁶². A sentença *Ele me bateu* apresenta-se na ativa, porém tem um sentido passivo: a ênfase da oração se coloca sobre o objeto que sofre a ação. Assim, tem a mesma conotação semântica da sentença *Fui castigado por ele*. Em ambas, a ênfase do tópico frasal é sobre o elemento que sofre a ação. Neste caso, podemos falar de um sujeito-objeto, pois, nos dois casos, tanto como sujeito quanto como objeto, está no lugar de quem sofre a ação de um outro, num claro exemplo de apassivação.

Os principais fatores de apassivação colocados em evidência quando é realizada uma análise com contextualização verbal e extralingüística são: preferência pela ordem do sintagma sujeito animado/objeto inanimado⁶³, como nos exemplos “O carro atropelou a criança.” e “A criança foi atropelada pelo carro.”; preferência pela ordem sujeito singular/objeto plural⁶⁴, como em “Os irmãos internaram o paciente.” e “O paciente foi internado pelos irmãos.”; tendência a preservar a continuidade do verbo e do advérbio, uma vez que eles tenham poucos componentes semânticos comuns, o que dá à sua combinação um sentido novo⁶⁵, como nos enunciados “O porteiro colocou o menino em apuros.” e “O menino foi colocado em apuros pelo porteiro.”; e também no caso da passiva intervir como fator que elimine a ambigüidade, como em “O menino vai ser internado; o pai avisa seus irmãos do fato.” e “O menino vai ser internado; seus irmãos são avisados do fato pelo pai”.

⁶²Op. Cit., p. 21.

⁶³DUBOIS, J. “Problèmes de linguistique transformationnelle. Modeles précorrecteurs d’erreurs dans la transformation passive”. In: *Psychologie normale et pathologique* . n. 1, 1966. p. 26.

⁶⁴Idem, p. 26.

⁶⁵LAGACHE, P. J. “Influence du lien syntactic-sémantique entre le verbe et l’adverbe de manière sur la structure subjective des phrases et sur le choix des forms syntaxiques active et passive”. *Mémoire de Logopédie*, UCL, Louvain, 1975. p. 34.

Hupet e Costermans⁶⁶ observam que a passiva apresenta uma complexidade transformacional maior que a forma ativa correspondente e, por conseqüência, a forma passiva é menos freqüente que a ativa, já que é mais difícil de compreender, de enunciar ou de reproduzir. O tempo necessário de elaboração de uma frase passiva é mais longo que uma frase ativa. Na aquisição da linguagem, a ativa precede à passiva pelo fato de ser uma forma mais simples e mais fundamental. Segundo Van Geenderbysen⁶⁷, as construções passivas se tornam mais freqüentes em função da idade, quando as frases são mais elaboradas e apresentam mais fatores que favorecem a passiva.

Dubois⁶⁸ apresenta os fatores que provocam a transformação da frase ativa em passiva. Assim que dois ou mais fatores se apresentam, a probabilidade da utilização da passiva aumenta. Ele propõe quatro tipos de fatores: sintagma animado/inanimado e transformação relativa – “O povo conhecido por sua determinação se dirigiu ao palácio.”; sintagma animado/inanimado e singular/ plural – “O ladrão foi traído pelas pistas que deixou atrás de si.”; sintagma animado/inanimado e sistema de referência – “O operário ficou cansado pelo esforço do seu trabalho.”; ordem singular plural e sistema de referência – “Seu carro foi revisado pelos empregados da oficina.”. Quando dois ou mais fatores comparecem para manter a ativa, a transformação passiva termina por produzir enunciados agramaticais. Dubois⁶⁹ também observa que, num determinado contexto, a transformação passiva se revela mais ou menos necessária. A passiva evita certas seqüências, retirando as ambigüidades. E sempre há uma transformação passiva quando é necessário o restabelecimento da ordem canônica dos sintagmas nominais.

A passiva encontra no contexto fatores que influenciam sua utilização, sendo necessária para evitar ambigüidades em relação a

⁶⁶Op. Cit., p. 23.

⁶⁷VAN GEENDERBUYSEN, C. “Enquête statistique sur l’évolution de l’emploi du passif en fonction de l’âge”. Mémoire de Logopédie Université Catholique de Louvain, Louvain, 1973. p. 17.

⁶⁸Op. Cit., p. 25.

⁶⁹Ibidem, p. 25.

quem pratica e quem sofre a ação verbal, e é também um marco importante e constitutivo do sujeito. A concepção freudiana do movimento pulsional apresenta a transformação do alvo da pulsão de ativo em passivo como necessária para a constituição do masoquismo primário, fundamental no processo pulsional. Rudge⁷⁰ aborda que o segundo momento do circuito pulsional, apresentado por Freud⁷¹, é que vai permitir a sexualização da pulsão. Esse momento é marcado não apenas pela transformação passiva do alvo da pulsão, mas também pelo retorno contra o próprio sujeito, explicitando uma narcisação: esse é o ponto de fixação nos adocimentos narcísicos, nos quais o recalque que se opera para constituir o terceiro momento não é bem sucedido. O recalque se opera quando:

uma pessoa estranha é buscada como objeto e tomará o lugar do sujeito como agente [...] a erotização entra em jogo apenas quando o alvo passivo é constituído. Talvez só se possa falar de pulsão propriamente no terceiro momento, quando o objeto se perdeu, e o circuito se completa envolvendo o objeto estranho e chegando à satisfação no próprio corpo [...] o sujeito está no lugar do objeto, mas a busca do objeto estranho não se dá [...] predomina a passividade. É assim que podemos entender as inibições da atividade nas melancolias e em todos os quadros de autopunição⁷².

O enunciado representativo desse momento, a frase-título de Freud⁷³, “Uma criança é espancada.”, transformada para “Espanca-se uma criança”, merece um aprofundamento lingüístico. No português contemporâneo, a “passiva sintética” não admite a ocorrência do agente da passiva, que ocorre com a passiva propriamente dita. Esse fato, que na abordagem tradicional parece gratuito, encontra explicação ao se admitir, conforme propõe Pimenta-Bueno⁷⁴, que a partícula **se** elimina

⁷⁰RUDGE, A. M. *Pulsão e linguagem*: esboço de uma concepção psicanalítica do ato. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

⁷¹FREUD, S. (1915). *Pulsões e destinos das pulsões*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1.

⁷²Op. Cit., p. 61.

⁷³FREUD, S. (1919). *Uma criança é espancada*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v. 17.

⁷⁴PIMENTA-BUENO, M. “A proposal for a unified treatment of reflexive, reciprocal, intrinsic and impersonal ‘se’ in portuguese”. In: LANTOLF, J. P. et al. (eds.) *Colloquium*

um dos espaços sintático-semânticos do verbo, impossibilitando seu preenchimento, mas conservando implícito o valor semântico do espaço assim marcado, exatamente como ocorre no caso do sujeito indeterminado. O **se** impessoal abarca as construções tradicionalmente diferenciadas como passiva sintética e indeterminação do sujeito. Ambas são descritas como uma mesma estrutura sintático-semântica, ou seja, são geradas por uma mesma regra.

Pimenta-Bueno⁷⁵ observa que a passiva, propriamente dita, coloca o preenchimento do espaço sintático sujeito pelo termo com valor de paciente e não elimina o espaço semântico agente, admitindo a ocorrência de agente da passiva. Já o emprego da partícula **se** reduz a valência do verbo, subtraindo efetivamente um de seus argumentos, o que não ocorre na passiva propriamente dita. A não-concordância verbal no caso da “passiva sintética” provavelmente se deve mais à identificação sintático-semântica que os falantes brasileiros fazem entre essa forma e a indeterminação do sujeito, sendo que o sintagma nominal posposto não é interpretado por eles como sujeito.

Said Ali⁷⁶ observa que o português não realizou o progresso de outras línguas, como o francês, o espanhol e o italiano (que não aplicam a concordância verbal nas construções com a partícula **se**), implicando, assim, que a perda da concordância, nessas línguas, foi uma mudança histórica. Nessas línguas, não existe ambigüidade em relação à sentença “Vende-se jornais velhos”. Em português, essa sentença é definida por alguns autores, como Said Ali⁷⁷, como ativa e a partícula **se** como símbolo de indeterminação do sujeito. Outros autores, como Bechara⁷⁸, consideram que tal sentença está incorreta, pois está na passiva e a partícula **se** é, na realidade, partícula apassivadora, devendo, portanto, a frase ser corrigida: “Vendem-se jornais velhos”. O

on spanish and luso-brazilian linguistics. Washington, D. C.: Georgetown University Press, 1979. p. 98.

⁷⁵Ibidem, p. 111.

⁷⁶SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966. p. 80.

⁷⁷Idem, p. 80.

⁷⁸BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. p. 178.

fato de Said Ali⁷⁹ considerar que esse tipo de análise demonstra uma falta de evolução histórica da língua portuguesa é corroborado por vários autores, como Ladeira⁸⁰ e Camacho⁸¹. O autor descarta inteiramente a “explicação” corrente na tradição prescritiva, segundo a qual a perda da concordância em português se deveria à influência francesa, já que a concordância ocorre com menor frequência entre falantes não-instruídos, que não têm qualquer contato com a língua francesa, sendo utilizada por intelectuais e literatos, conhecedores do francês. Enquanto muitos procuram explicar a falta da concordância nessas construções, Said Ali considera que é a persistência da concordância em português que precisa ser explicada e a atribui à influência de frases de verbo pronominal com sentido manifestamente reflexivo.

O tratamento tradicionalmente dado à passiva sintética, baseado na suposta sinonímia entre a estrutura frasal assim designada e a passiva propriamente dita, não dá conta de distinções importantes entre as duas situações; ao mesmo tempo, a afinidade sintático-semântica não é levada em conta, tratando-se como fatos distintos a “voz passiva sintética” e a indeterminação do sujeito com a partícula **se**. A distinção fica pouco nítida entre os níveis de análise formal e semântica na gramática tradicional, ao admitir a transformação da ativa para a passiva de qualquer verbo transitivo acompanhado de seu objeto direto. As construções “Ama-se.” e “É amado.” não apresentam o mesmo sentido, nem a nível semântico, nem a nível sintático.

Said Ali⁸² analisa a construção com a partícula **se**, articulando argumentos sincrônicos e diacrônicos e enfocando que a principal motivação para a postulação de uma passiva sintética por alguns gramáticos teria sido o incômodo causado pela inexistência de um

⁷⁹Op. Cit.

⁸⁰LADEIRA, J. D. “Pronome se índice de indeterminação do sujeito ou se sujeito? – um tema para discussão”. In: *Revista de letras*. Fortaleza: UFC, 1986.

⁸¹CAMACHO, R. G. “Em defesa da categoria da voz média no português”. *Delta*. UNESP, São Paulo, v. 19, n. 1, 2003.

⁸²Op. Cit., p. 80.

termo que pudesse assumir a função de sujeito nessa estrutura. É o que também se constata no capítulo referente aos verbos impessoais, no mesmo livro:

As dificuldades na análise destes casos: a) os verbos impessoais que exprimem fenômenos da natureza; b) as orações impessoais em que se emprega o verbo haver; c) as orações em que para não mencionar o agente empregamos o verbo acompanhado do reflexivo se; nascem entre nós não tanto dos fatos em si; resultam antes de estarmos sempre propensos a subordinar e amoldar todos os fatos gramaticais a certas doutrinas tradicionais estabelecidas a priori. Em vez de aceitarmos os fenômenos lingüísticos tais quais se apresentam, andamos geralmente a procurar fora da linguagem um termo reclamado por um princípio apriorístico. Fantasiamos possibilidades, socorremo-nos de sujeitos imaginários, fingimos a sua existência, ou então, sentindo-nos incapazes de analisar uma frase diretamente, substituímo-la por outra, lingüisticamente diversa, e analisamos a segunda. Em suma, não analisamos: sofismamos a análise.

Leeuwen⁸³ afirma que algumas construções lingüísticas são consideradas “literais” ou “congruentes” e outras, “metafóricas” ou “incongruentes”. Estas últimas, as “metafóricas”, seriam incongruentes com a realidade, mas aceitas do ponto de vista lingüístico. Tal conceito levou à hipótese levantada por Ladeira et al.⁸⁴ de que a passiva sintética é, de fato, uma reflexiva metafórica.

Leeuwen⁸⁵, ao tratar da impessoalização dos atores sociais, confirma tal hipótese, já que a questão está relacionada à representação do agente por meio de substantivos cujo significado não inclui a característica semântica humana, como ocorre com a reflexiva. Já a indeterminação do sujeito está relacionada à exclusão dos atores sociais do processo enunciativo. Esse autor⁸⁶ enfoca que a exclusão serve a “interesses e propósitos” do falante, sendo difícil saber se os atores sociais suprimidos deveriam ou não ser recuperáveis pelo leitor. As

⁸³LEEUVEN, T. V. *A representação dos atores sociais. Análise crítica do discurso – uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997. p. 37.

⁸⁴Op. Cit.

⁸⁵Op. Cit., p. 56.

⁸⁶Idem.

representações, portanto, podem reorganizar as relações sociais, colocando, nos processos de ativação e apassivação, os atores sociais em papéis ativos ou passivos. A reflexiva metafórica e as sentenças com indeterminação do sujeito são casos de ativa, portanto, em português, a passiva somente se constrói pela forma analítica. Nos dois casos, há a exclusão dos atores sociais.

A passiva sintética é considerada um caso de ativa com metáfora. Sob a óptica de uma perspectiva estruturalista, a metáfora pode ser vista como uma comparação imaginária, um recurso poético. Tal conceito tradicional é bastante reducionista, já que a metáfora faz parte da linguagem e do pensamento, sendo sua constituição bem mais complexa.

Segundo Lakoff e Johnson⁸⁷, a metáfora deve ser entendida a partir do aspecto cognitivo: o nosso sistema conceptual é metafórico por referência, ou seja, possuímos na memória conceptual elementos que possibilitam realizar transferências de significado do sentido básico para o metafórico. Estamos aqui na esfera da lógica da subjetividade, na qual a associação de significados que se cria depende da subjetividade. Para esses teóricos, a linguagem não é objetiva, ela é, por natureza, subjetiva. A personificação – ou prosopopéia – é descrita por eles como uma metáfora, já que está presente uma característica que não lhe é própria.

Na sentença “O pote quebrou-se.”, observamos uma metáfora, na qual o mesmo elemento assume metaforicamente os papéis de agente e paciente, em uma reflexividade. Com verbos que exigem agente, o que ocorre é a indeterminação do sujeito. Nesse caso, analisa-se o sintagma nominal posposto ao verbo, como seu objeto direto, e o sujeito como indeterminado. A reflexiva metafórica acontece apenas em casos com verbos que exigem pacientes, sendo que o sintagma nominal é analisado como sujeito e objeto, ao mesmo tempo, apresentando uma

⁸⁷LAKOFF, G.; JOHNSON, M. (1980). *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação da tradução Maria Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras; Educ, 2002.

reflexividade que pode ser construída baseada na lógica da subjetividade, própria aos processos metafóricos.

Para a lingüística cognitiva, como apresentado na gramática cognitiva de Langacker⁸⁸, a significação e a estrutura de uma categoria lingüística dependem de determinadas estruturas de conhecimento sobre o domínio da experiência a que essa categoria está associada. Trata-se, portanto, de um modelo cognitivo e interindividualmente partilhado pelos membros de um grupo social, ou modelo cultural. É no contexto dos respectivos modelos cognitivos e culturais que, para a lingüística cognitiva, as categorias lingüísticas podem ser devidamente caracterizadas, considerando as categorias (classes e construções) gramaticais, tais como as lexicais, entidades simbólicas, isto é, significativas, simbolizando um conteúdo conceptual. Elas devem, pois, ser consideradas, ao contrário do que advogam outras teorias lingüísticas, não somente em termos das suas propriedades sintáticas, mas tendo em conta a sua base semântica. Tal como o léxico, a gramática é motivada por aspectos e funções conceptuais e semânticas e está intimamente relacionada a categorização, processos imagéticos, modelos cognitivos e culturais.

Segundo Langacker⁸⁹, a estrutura da oração é conceptualizada em termos de dois modelos. Um é o já referido "modelo da bola de bilhar", segundo o qual uma oração é uma "cadeia de ação", em que um objeto entra em contacto com outro, daí resultando uma transferência de energia; este segundo objeto entra em contato com um terceiro, resultando novamente uma transferência de energia, e assim sucessivamente. O objeto inicial dessa cadeia, fonte de energia, é a sua "cabeça", e o objeto final, que apenas consome a energia transmitida, a sua "cauda".

As noções de sujeito e objeto direto encontram aqui uma caracterização esquemática: o sujeito é a cabeça da porção perfilada da cadeia de ação, é o iniciador do fluxo de energia, e o objeto direto é a

⁸⁸LANGACKER, R. W. Foundations of cognitive grammar. *Theoretical prerequisites*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 1987.

⁸⁹Ibidem.

cauda da porção perfilada da cadeia de ação, o ponto final do fluxo de energia, constituindo-se nos participantes centrais de uma oração. O sujeito é o participante mais proeminente, e o objeto direto é o segundo participante mais proeminente. Portanto, uma oração pode ter sujeito sem ter objeto, mas não inversamente. Por outro lado, uma cadeia de ação pode ser lingüisticamente realizada de diferentes maneiras. Assim, se a oração transitiva apresenta a energia necessária para a cadeia de ação vinda de uma origem externa e constrói o iniciador do fluxo de energia como sujeito e o ponto final desse fluxo como objeto, na oração intransitiva fonte e alvo de energia convergem num único participante — o sujeito. E uma terceira alternativa consiste em conceber o evento autonomamente, isto é, sem qualquer referência à energia que o produziu: é o que Langacker designa por "*absolute construal*", como, por exemplo, nos chamados verbos ergativos (isto é, verbos cujo sujeito é um objeto direto subjacente: "O João chegou/caiu").

A passiva, em relação à ativa, na perspectiva da lingüística cognitiva, tem duas funções básicas: destacar o paciente, apresentando-o como participante principal, e reduzir a valência do agente, colocando-o fora do primeiro plano de atenção e como atuante periférico opcional.

VII – A VOZ PASSIVA E A VOZ MÉDIA

Nas línguas antigas, a voz média era uma forma originária e sintética. Tanto no grego como no sânscrito, havia três vozes: uma para exprimir ação, outra para paixão e ainda outra para exprimir algo que não ativo nem passivo. Ao formalizarem a gramática, os gregos criaram a voz média para nomear esta última. A oposição não se fazia, como hoje, entre ativo e passivo.

Segundo Benveniste⁹⁰, “as gramáticas gregas instituíram uma classe intermediária, média, que parecia fazer a transição entre as duas

⁹⁰BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002. v. 1-2. p. 68

outras” (*tradução nossa*). A média acabou se perdendo ao longo da história das línguas indo-européias. Os estudos realizados sobre essas línguas mostram que o “passivo é uma modalidade da média, de onde ele precede e com a qual guarda ligações estreitas, mesmo que constitua uma categoria distinta”⁹¹ (*tradução nossa*).

Segundo Pique)⁹², a primeira gramática do Ocidente, obra de Dionísio Trácio, utiliza o termo diátesis para o que chamamos de voz. Entende-se por diátesis uma disposição, que fica mais compreensível quando se trata da oposição *energeia* e *pathos*, ou seja, entre atividade e estado. O verbo indicaria a relação de atividade ou passividade do sujeito. Conforme análise de Pique)⁹³, Dionísio ressalta em sua obra um terceiro grupo de verbos, que não são ativos nem passivos e que, apesar de apresentarem uma forma passiva, teriam um significado ativo, constituindo-se numa voz intermediária entre os dois pólos. A oposição entre ativo e passivo foi também fortemente influenciada pela filosofia grega. Segundo esse autor⁹⁴, “a importância ontológica e lógica da oposição entre agente e paciente levou os gramáticos gregos a considerar essencial esta distinção tanto na ordem do mundo como na ordem da linguagem”.

Pique)⁹⁵ ressalta que:

ao fundamentar a diátese verbal na oposição ativa x passiva, a média acabou sendo deslocada para uma posição secundária e equívoca. Como consequência, ocorreu uma proliferação de significados que a média poderia assumir em determinados contextos: média reflexiva, possessiva, de interesse, dinâmica etc.

Toda oração de passiva possui a noção de passividade, isto é, o sujeito sofrendo a ação verbal. Mas esta noção não se encontra apenas em orações na forma passiva, podendo estar presente também, por exemplo, em orações na forma ativa, com verbo com sentido passivo.

⁹¹Ibidem, p. 69.

⁹²PIQUE, J. F. Voz média em grego antigo: suas origens. In: VII SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO PARANÁ. Curitiba, 1994. p. 6.

⁹³Ibidem, p. 8.

⁹⁴Ibidem, p. 8.

⁹⁵Ibidem, p. 8.

Benveniste⁹⁶ afirma que a voz média é mais importante que a passiva. A passiva é derivada da média: “No sistema verbal do grego antigo, que se manteve até a época clássica, a verdadeira distinção é entre a ativa e a média” (*tradução nossa*). Os verbos na voz média indicam uma atitude, uma maneira de ser e são irreduzíveis à ativa e à passiva. Esse autor analisa que a média indica uma maneira de ser do sujeito, um estado do sujeito, uma disposição. No indo-europeu histórico, havia uma tripla divisão: ativo, médio e passivo. Os gregos instituíram a classe média como uma transição entre o ativo e o passivo:

no desenvolvimento geral das línguas indo-européias, os comparatistas estabeleceram desde há muito tempo que o passivo é uma modalidade do médio, do qual ele procede e com o qual guarda relações estreitas, mesmo que ele se constitua numa categoria distinta⁹⁷ (*tradução nossa*).

A forma ativa se opõe primeiro à forma média e depois à forma passiva. A ativa denota um processo no qual o sujeito tem uma posição exterior ao mesmo. Já a média indica um processo no qual o sujeito é interior ao mesmo, efetuando e se afetando no processo. Podemos analisar a média como pronominal. A forma verbal pronominal tem o pronome átono reflexivo como parte integrante do verbo: “Eu me apaixonei”. A média é uma construção pronominal, na qual a ação exercida pelo sujeito o afeta. Os verbos na média se conjugam como verbos pronominais. Camacho⁹⁸ analisa que a média – entendido como básica, o sujeito sendo o autor e o centro do evento (diátese interna) – a que ele se refere engloba construções médias reflexivas, médias recíprocas e médias dinâmicas.

⁹⁶Op. Cit., p. 68.

⁹⁷Ibidem, p. 168.

⁹⁸CAMACHO, R. G. Em defesa da categoria da voz média no português. *Delta*. UNESP, São Paulo, v. 19, n. 1, 2003. p. 93-94.

Camacho⁹⁹ postula uma distinção entre média e reflexivo-recíproca, sendo as construções médias dinâmicas as médias propriamente ditas:

tanto na média reflexiva quanto na média recíproca, a construção não-pronominal como objeto autônomo, isto é, não correferencial ao sujeito, mantém inalterada a significação verbal, sempre na forma ativa. Já na média dinâmica, a pessoa do sujeito, sob a forma do clítico, reaparece no predicado como o centro de um estado de coisas que dele parte, mas que não sai de seu âmbito, eliminando-se, assim, o objeto sobre o qual ele recairia num típico evento transitivo: (1) a. eu me levantei. Diferentemente das estruturas reflexivas e recíprocas, a construção com pronome autônomo altera a significação verbal; observe-se que em (1b) o predicado passa a ter um valor causativo e um significado compatível ao de “erguer”: (1) b. eu o levantei.

A média – entendida como básica, o sujeito sendo o ator e o centro do evento (diátese interna) – a que ele se refere engloba construções médias reflexivas, médias recíprocas e médias dinâmicas. Camacho¹⁰⁰ postula uma distinção entre média e reflexivo-recíproca, sendo estas consideradas construções médias dinâmicas em relação às médias propriamente ditas. Tanto na média reflexiva “Meu pai me amava.” quanto na média recíproca “Eu e meu pai nos amávamos.”, a construção não-pronominal com objeto autônomo, isto é, não co-referencial ao sujeito, mantém inalterada a significação verbal, sempre numa forma ativa. Já na média dinâmica, a pessoa do sujeito, sob a forma da partícula, reaparece no predicado como o centro de um estado de coisas que dele parte, mas que não sai de seu âmbito, eliminando-se, assim, o objeto sobre o qual ela recairia num típico evento transitivo: “Eu me ajoelhei”. Diferentemente das estruturas reflexivas e recíprocas, a construção com pronome autônomo altera a significação verbal; observe-se que em: “Eu o levantei.”, o predicado passa a ter valor causativo e significado compatível ao de erguer.

Construções de voz adjetival são, para o autor, as que sintaticamente são representadas pelo verbo “estar” e pelo particípio

⁹⁹Ibidem, p. 94.

¹⁰⁰Idem.

passado, tendo elas um caráter estativo-resultativo, construções tradicionalmente conhecidas como passivas adjetivais, lexicais, resultativas ou de estado. Considerando o ponto de vista funcional, Camacho¹⁰¹ afirma que as construções de voz exercem uma diversidade de valores semântico-oracionais e pragmático-discursivos, codificados na sintaxe por diferentes tipos de configurações estruturais. As construções passivas, construções derivadas de voz, isto é, obtidas na base de uma oração ativa de verbo transitivo, apresentando, em relação às ativas, uma estrutura morfossintática completamente diferente, destacam o paciente do processo verbal, muitas vezes omitindo o seu agente, o que leva a se considerar as passivas orações fundamentalmente impessoais: “A carta foi escrita”.

A média, segundo Camacho¹⁰², representa uma categoria flexional das línguas clássicas indo-europeias, com a função de expressar estados de coisas que afetam o sujeito do verbo ou seus interesses. Para esse autor, a sentença na ativa “representa um mecanismo próprio das línguas acusativas”. Sendo o português considerado “como língua nominativo-acusativa, trata sujeitos de sentenças sintaticamente ativas como semanticamente afetados ou não afetados pelo estado de coisas representado na predicação”. A referência é o sujeito e não o objeto. Benveniste¹⁰³ destaca que a voz está associada à pessoa e ao número, caracterizando a desinência verbal, e que o verbo comporta duas unidades formais: uma de três referências, situando o sujeito em relação ao estado das coisas (pessoa/não pessoa; individual/plural; diátese interna/diátese externa), e a outra, localizando o estado de coisas em si em relação ao tempo e modo. A ativa é uma produção de uma ação que enfatiza a posição exterior do sujeito em relação ao processo. Já a média define o sujeito como interior ao processo, o que é característica do narcisismo.

¹⁰¹Idem.

¹⁰²Ibidem, p. 95.

¹⁰³BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002. v. 1-2.

Procedemos a uma análise transformacional do relato do paciente, que é a base para a análise lingüística que efetuamos sobre a passiva e seus aspectos semânticos. Tomamos por exemplos alguns enunciados e os transformamos, conservando o conteúdo semântico dos mesmos. São exemplos de enunciados de um sujeito narcísico, e a apassivação nos seus enunciados e nas teorias de gramática mostram que a apassivação se passa como resultado processual do aparelho psíquico no Eu. Sabemos que o pulsional não se expressa somente na linguagem, mas também no imagético e no comportamento motor, entre outros. A linguagem não é produto somente do inconsciente, e sim do aparelho psíquico, incluindo o pré-consciente e a consciência.

QUADRO 7

AS VOZES DOS MOVIMENTOS PULSIONAIS

Enunciado	Voz gramatical	Semântica	Transformação	Referentes relacionais dêiticos	Destino pulsional: narcísico e objetal
<i>Me preparei</i>	Voz reflexiva ou média reflexiva.	Sujeito e objeto coincidem.	Eu me preparei.	Eu: inserção do falante no enunciado. Me: indicador de reflexividade.	Narcisismo secundário.
<i>Ele me bateu</i>	Voz ativa.	Sujeito impessoal e sentido passivo: o sujeito da enunciação é o objeto no enunciado, sofrendo a ação realizada por um outro.	Esse enunciado não admite transformação para a voz passiva, pois o verbo “bater”, nesse contexto, é transitivo indireto.	Ele: dêitico designado anteriormente (meu pai). Me: inscrição do falante no enunciado. Me: indicador de apassivação.	Masoquismo primário.
<i>Fui castigado por ele</i>	Voz passiva.	Passiva.	Ele me castigou.	Eu elíptico: inserção do falante no enunciado. Ele: dêitico designado anteriormente (meu pai). Me: indicador de apassivação.	Masoquismo primário.

Enunciado	Voz gramatical	Semântica	Transformação	Referentes relacionais dêiticos	Destino pulsional: narcísico e objetal
<i>meu pai me mandou pr'um internato</i>	Voz ativa.	Sentido passivo: o sujeito da enunciação é o objeto no enunciado.	Fui mandado para o internato pelo meu pai.	Meu pai: dêitico relacional de parentesco. Me: inscrição do falante no enunciado. Me: indicador de apassivação.	Apassivação.
<i>meu pai me amava</i>	Voz ativa.	Sentido passivo: o sujeito da enunciação é o objeto no enunciado.	Eu era amado pelo meu pai.	Meu pai: dêitico relacional de parentesco. Me: inscrição do falante no enunciado. Me: indicador de apassivação.	Apassivação.
<i>estavam me batendo</i>	Voz ativa.	Sujeito impessoal e sentido passivo: o sujeito da enunciação é o objeto no enunciado, sofrendo a ação realizada por um outro.	Esse enunciado não admite transformação para a passiva, pois o verbo "bater", nesse contexto, é transitivo indireto.	Estavam: 3ª pessoa do plural indicador de impessoalidade. Me: inscrição do falante no enunciado. Me: indicador de apassivação.	Masochismo primário.
<i>Ele me tirou do internato</i>	Voz ativa.	No contexto do relato, não se trata aqui de um sujeito impessoal – é o pai representado pelo pronome pessoal "ele". Sentido passivo: o sujeito da enunciação é o objeto no enunciado, sofre a ação realizada por um outro.	Eu fui tirado do internato.	Ele: dêitico designado anteriormente (meu pai). Me: inscrição do falante no enunciado. Me: indicador de apassivação.	Apassivação.
Enunciado	Voz gramatical	Semântica	Transformação	Referentes relacionais dêiticos	Destino pulsional: narcísico e objetal

<i>Eles levaram... (a agenda)</i>	Voz ativa.	Sujeito impessoal e sentido passivo: o sujeito da enunciação é o objeto no enunciado, sofrendo a ação realizada por um outro.	(A agenda) foi levada.	Eles: indicador de impessoalidade.	Apassivação.
<i>eu fiquei ajoelhado</i>	Voz média reflexiva.	Verbo pronominal: nem passivo, nem ativo.	Eu me ajoelhei.	Eu: inserção do falante no enunciado. Me: indicador de reflexividade.	Narcisismo primário – masoquismo primário.
<i>Eles me roubam tudo</i>	Voz ativa.	Sujeito impessoal e sentido passivo: o sujeito da enunciação é o objeto no enunciado, sofrendo a ação realizada por um outro.	Tudo me é roubado. O sujeito da enunciação permanece sendo o objeto no enunciado.	Eles: indicador de impessoalidade. Me: inscrição do falante no enunciado. Me: indicador de apassivação.	Narcisismo secundário.

Em uma análise preliminar, podemos observar, no relato do paciente, o seguinte processo:

1) “Eu quero dinheiro para comprar balas” – posição ativa e manifestação de um desejo.

2) “Junto jornais velhos e os vendo” – posição ativa que pode levar à concretização do desejo.

3) “Meu pai me bate porque estou juntando jornais” – aqui P. começa a ficar na posição de objeto, apassivado. Existe uma relação de causa e efeito. A ação de P. gera a reação de seu pai, que lhe bate, lhe castiga e lhe interna.

4) “Meu pai me amava”; “Meu pai não me amava”; “Ele não me ama”; “Ele me odeia”; “Ele me persegue”; “Ele me rouba tudo” – P. fica com raiva do porteiro (delírio persecutório).

Mas antes de chegarmos a um esquema de entidades nosográficas, é necessário compreender como o Eu se constitui, situando desde a sua

origem, na formação do aparelho psíquico. Esse processo se dá por meio do movimento pulsional.

CAPÍTULO 2

O ORIGINÁRIO NA CONSTITUIÇÃO DO EU: VOZ MÉDIA

Inicialmente, o que marca essa constituição do aparelho psíquico é um estado de indiferenciação entre o Eu e o mundo, no qual a criança está envolvida por uma afetação, direcionada à polaridade prazer-desprazer. Esse momento originário se relaciona à voz média, na qual o sujeito gramatical e o objeto gramatical coincidem, sendo o centro do evento verbal. Aqui, não podemos falar de passiva nem de ativa. É um processo que engendra o Eu. É por meio do movimento pulsional, no circuito do par de opostos prazer-desprazer, que o Eu será constituído. Implicado desde sempre o universo da linguagem, o Eu é engendrado como sujeito da enunciação, ser falante que se constrói na sua ipseidade.

Vergote¹⁰⁴ aponta que, nos textos de Freud, o Eu é concebido como uma instância que se constitui a partir da pulsão, embora dela se diferencie, apresentando os sentidos de sujeito, pessoa e instância psíquica. Considerando estas duas referências do Eu, Vergote aponta quatro funções principais do sujeito: o Eu enquanto defesa, na vertente da tendência a autoconservação; a reflexão sobre si mesmo no narcisismo, totalizando-se como sujeito; sua formação pela identificação intersubjetiva; e finalmente como sujeito da palavra sem, contudo, coincidir com o sujeito do discurso. O sujeito do enunciado é diferente do sujeito da enunciação, fato que vai marcar o movimento pulsional daquele que realiza o discurso. Na vertente da tendência a autoconservação, o Eu tem como atributo um papel inibidor em relação

¹⁰⁴VERGOTE, A. “Le sujet em psychanalyse”. In: *Problèmes de psychanalyse* (recueil de textes; collection recherches et débats). Paris: Desclée de Brouwer, 1978. p. 16.

ao processo originário, evitando que as imagens mnêmicas de satisfação ganhem uma força alucinatória, alterando a percepção da realidade. O Eu censura as representações de prazer-desprazer que trazem ameaça à sua integridade.

No originário, estamos no registro da mesmidade. Não há ainda diferenciação entre o Eu e o mundo. O Eu que está se constituindo apresenta um duplo sentido: o que vai sendo experimentado e apreendido, o Eu-mesmo, e aquilo que vem de um outro, mas que tem o sentido de si-mesmo, no sentido da talidade (*suchness*), dos fenômenos tais quais eles são. Ricoeur¹⁰⁵ aponta:

eu-mesmo como um outro sugere a entrada do jogo em que a ipséité do eu-mesmo implica a alteridade num grau tão íntimo que um não se deixa pensar sem o outro, que um não passa sem o outro, como diríamos em linguagem hegeliana. Ou “como” nós queremos colocar a significação forte, não apenas de uma comparação – eu-mesmo parecido a um outro –, mais bem de uma implicação: eu-mesmo como que ...outro (*tradução nossa*).

A voz média denota esta não distinção. O sujeito é interior ao processo, sujeito e agente da ação. O bebê se encontra numa posição na qual é afetado pelos acontecimentos e ao mesmo tempo busca ativamente a satisfação de suas necessidades e do prazer que as experiências lhe proporcionam. As experiências como fonte de prazer serão introjetadas, e as vivenciadas como fonte de desprazer, rejeitadas. A constituição do Eu passa então por um processo que é ativo e ao mesmo tempo passivo, já que as experiências ocorrem sob o domínio da afetação, como na média.

A média expressa que a ação ou o processo verbal se realiza no sujeito ou no âmbito em que tenha relações estreitas com ele. As orações em média têm o sujeito gramatical afetado pela ação verbal, mas ele não a sofre completamente, como o sujeito da passiva. O sujeito funciona como autor do processo verbal, mas também sofre a ação

¹⁰⁵RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990. p. 14.

produzida pelo verbo. Podemos dizer que o sujeito é afetado pelo processo em que ele age e que este tem influência sobre ele, que o transforma. A média tem sua origem na língua grega, na qual é considerada um tipo intermediário, que contém construções verbais cujos traços pertencem tanto à ativa como à passiva. Esse recurso da língua grega é muito rico, pois permite perceber, pensar e expressar situações da realidade que não podem ser ditas como estritamente ativas, nem como passivas. Ou seja, ações em que o sujeito das mesmas é protagonista, mas que, na realidade, não o é totalmente, já que há uma forte influência externa e de outros fatores. Essas ações não são plenamente efetuadas pelo sujeito: estendem-se às circunstâncias, que transcendem o sujeito e sua vontade de ação.

No latim, também existe a voz média, que recebe a denominação de voz afetiva. Na sua evolução no latim, a média se converteu em reflexiva, estando estreitamente relacionada à conjugação pronominal. Autores como Camacho¹⁰⁶, Pique¹⁰⁷ e Sproviero¹⁰⁸ defendem o resgate da voz média, que acabou se perdendo na evolução do latim, que utiliza os verbos depoentes precisamente para as ações típicas da média: *nascor, nascer* (nascer – nascido). O verbo “nascer” não é ativo nem passivo: eu nasço, mas não é uma ação totalmente minha. Já em inglês, o uso dessa ação se dá na passiva: *I was born in 1954*. É comum o uso de certos verbos na ativa quando não existe o menor controle sobre a dita ação ou situação: “João surtou”, por exemplo. Procuramos suprir a lacuna da média tornando reflexivos verbos como “esquecer”: “Eu me esqueci”. A língua espanhola utiliza esse recurso ainda com mais frequência, como, por exemplo, *Yo me muero*, ou em verbos que expressem necessidades fisiológicas (*Yo me cago*).

¹⁰⁶CAMACHO, R. G. “Em defesa da categoria da voz média no português”. In: *Delta*. UNESP, São Paulo, v. 19, n. 1, 2003.

¹⁰⁷PIQUE, J. F. “Voz média em grego antigo: suas origens”. In: VII SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO PARANÁ. Curitiba, 1994.

¹⁰⁸SPROVIERO, M. B. (1997). *Linguagem e consciência: a voz média*. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand3/language.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2004.

Os verbos depoentes explicitam as ações nas quais o sujeito é afetado pelas mesmas, mas da qual ele também participa, não sendo, portanto, uma passiva no sentido gramatical do termo. Essa afetação, própria da média, é característica da experiência de nascer e morrer, bem como das experiências vividas no momento originário da constituição do Eu, e se dá por meio do que é vivido sensorialmente.

I - O PROCESSO SENSORIAL DE AFETAÇÃO

Em seu nascimento, o ser humano encontra-se em um estado de dependência. O recém-nascido, para sobreviver, precisa ser cuidado e necessita da intervenção materna como fonte de vida biológica e psíquica. Por meio dos cuidados da mãe, ou de quem venha a exercer a função de maternidade, recebidos de forma repetitiva, o bebê interage com o ambiente. A díade mãe-bebê pressupõe um sistema de elementos interdependentes, tanto no sentido mãe-bebê como no bebê-mãe. O recém-nascido, ainda amplamente incipiente, começa a ser sensibilizado por uma infinidade de estímulos, internos e externos, ao mesmo tempo respondendo e provocando respostas, gerando um circuito, numa atmosfera de reciprocidade contínua.

A experiência do nascimento, do ingresso ao mundo, comporta uma experiência transbordante: a grande quantidade e qualidade de transformações que o bebê experimenta, ainda sem significações. O nascimento é um evento traumático, mas sem que seja patológico em si. O trauma que então ocorre é constitutivo, sendo a base dos processos psíquicos. A partir do excesso das excitações vividas, é deflagrado um processo no bebê, ainda não estruturado como um Eu com instâncias psíquicas diferenciadas, que desembocará nos diversos modos de subjetivação.

Esse movimento psíquico de diferenciação depende de uma complementaridade, implicando tanto as possibilidades psíquicas daquele que viveu o excesso traumático, como das possibilidades psíquicas de um outro que o cuida e que confere a sustentação da rede

de afetação entre o bebê e o mundo. A experiência traumática não comporta um sentido em si. Será a partir dos afetos desencadeados pelo transbordamento de excitações que o psiquismo irá buscar soluções possíveis: aquilo que se configura como prazer ou dor passará a ter um significado, desdobrando-se em formas, sentidos e significações.

Ferenczi¹⁰⁹ assinala que, a partir do excesso de excitações vividas, o bebê se vê confrontado com uma angústia avassaladora que deflagrará um primeiro processo de diferenciação do aparato psíquico frente ao mundo. Esse processo se constitui por um movimento psíquico de diferenciação interna, que implica grandes cisões psíquicas por meio de clivagens voltadas para a proteção do Eu. Segundo esse autor, o que se vive é da ordem da violência e seus efeitos podem variar desde doenças, pânico, paralisação até a fragmentação psíquica. A noção de trauma enquanto excesso pulsional não é patológico em si, mas fornece a disposição para vir a ser. Seu destino estruturante ou aniquilador irá depender dos investimentos e transformações pulsionais, o que implica tanto as possibilidades psíquicas daquele que viveu o excesso traumático, como a sustentação conferida pela rede sociocultural. A afetação traumática está no centro de qualquer possibilidade criativa, e as transformações que se articulam a partir desse eixo, enquanto um campo de afetação intensivo – não lingüístico, não simbólico – entre os sujeitos, ou entre os sujeitos e o mundo, asseguram as diversas possibilidades de organizações subjetivas.

O processo introjetivo descrito por Ferenczi¹¹⁰ enfoca a possibilidade de afetar e ser afetado. O mecanismo de introjeção originário pensado por ele se dá em um eixo de tensão entre prazer e desprazer, no qual qualquer possibilidade psíquica incluirá forçosamente o corpo, já que, em última análise, será por meio das sensações corporais de bem-estar ou mal-estar que o bebê discernirá o que será ou não material de introjeção. Segundo Freud¹¹¹, o sujeito se

¹⁰⁹FERENCZI, S. *Psychanalyse*. Paris: Payot, 1962.

¹¹⁰FERENCZI, S. *Thalassa – psychanalyse des origines de la vie sexuelle*. Paris: Payot,

¹¹¹Op. Cit.

constitui por meio de marcas e impressões sensoriais que dão forma a um corpo pulsional definido pelo circuito das pulsões.

O processo sensorial de afetação do sujeito com o mundo é positivamente traumático, sendo que o corpo e os afetos dão sustentação aos processos de constituição psíquica do processo. Segundo Martins¹¹²:

Pelo fato de ter um Eu que está se constituindo,¹¹³ a criança se vê afetada e angustiada. A afetação relacionamos ao mundo externo, e a angústia ao próprio psiquismo percebido como vindo do corpo pulsional. Claro que estas duas formas correspondem também a maior ou menor diferenciação do aparelho psíquico com relação à afetação vivida sempre como vinda do exterior.

Para maior explicitação, Martins¹¹⁴ relaciona os modos de afetação às categorias fenomenológicas de Peirce, no seguinte quadro:

QUADRO 8

ESQUEMA 7.3- OS MODOS DE AFETAÇÃO COM RELAÇÃO AO EU

Afecção preferencial	Susto	Medo	Temor	Terror
O Eu	Despreparado e, portanto, afetado.	Afetado com relação ao presente.	Afetado com relação ao futuro imediato.	Afetado com relação ao possível.
O Eu é dominado pelas dimensões semióticas da	Primeiridade	Segundidade		Terceiridade

O esquema que deve ser tomado *cum granum salis* distingue sentimento de afeto. O afeto é o modo que o corpo experimenta quando afetado. O sentimento, diferentemente, é algo mais permanente e racionalizado, mesmo se relacionado aos diferentes tipos de afeto. Essa dimensão é a angústia. O afeto expressa como o aparelho psíquico se

¹¹²MARTINS, F. *O complexo de Édipo*. Brasília: UnB, 2002. p. 105-106.

¹¹³ O grifo é nosso.

¹¹⁴MARTINS, F. *Psicopathologia I – Prolegômenos*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005. p. 239.

organiza em relação à estimulação externa, enquanto a angústia se relaciona com a pulsionalidade. Os modos de afetação apontados no quadro acima podem ser claramente observados nas pessoas. O susto está relacionado a um acontecimento para o qual estamos totalmente despreparados, fazendo aparecer uma reatividade desorganizada. É o que ocorre com o bebê nos primeiros meses de vida, que experimenta processos aperceptivos. Martins¹¹⁵ observa que esses processos se relacionam ao conceito de primeiridade em Peirce¹¹⁶: “qualquer qualidade de sensação, simples e positiva”. É, portanto, tudo que permite sentir, ter sensações no momento imediato do acontecimento.

O medo e o temor têm em comum o fato de pertencerem ao conceito de segundidade de Peirce, que pode ser descrito como uma reação à sensação e na qual ocorre uma representação, que Freud¹¹⁷ e Husserl¹¹⁸ vão qualificar como prazer-desprazer. O que os distingue é o processo constituidor da consciência do tempo, no qual o presente, quando rompido, envia para a idéia de um antecedente. Esse antecedente, a experiência sensorial, leva a um novo estado de sentimento: o medo, que é uma reação que apresenta uma “responsividade” da ordem da fascinação. Já o temor se relaciona a algo que pode ocorrer, ou seja, que tem eminência de acontecer. É uma reação mais organizada, da ordem da admiração.

Já o terror se relaciona a um advir. Sua relação é com a terceiridade, com a mediação, pois existe nessa categoria um pensar sobre o futuro como possibilidade, um simbólico. Implica a atividade de pensar sobre aquilo que se repete no presente e no passado, para inferir uma lei que torna possível algo voltar a acontecer. Binswanger¹¹⁹ aborda que o terror, que é vivido na melancolia e na esquizofrenia, se relaciona à questão do tempo. O advir fica obstruído, pois há uma

¹¹⁵Ibidem, p. 242.

¹¹⁶PEIRCE, C. S. “Escritos coligidos”. In: *Peirce, Frege*. São Paulo: Abril, 1974. Coleção Os Pensadores XXXVI. p. 24.

¹¹⁷Op. Cit., p. 49.

¹¹⁸HUSSERL, E. (1920/1921). *De la synthèse active*. Grenoble: Jérôme Millon, 2004. p. 18.

¹¹⁹BINSWANGER, L. (1960). *Mélancolie et manie*. Paris: PUF, 1987. p. 44.

desagregação da noção de tempo e da vida. Na melancolia e na esquizofrenia, o sujeito se comporta como um condenado à morte: “o porvir inteiro se precipita sobre o sujeito e torna-se, na sua totalidade, uma força tão hostil que não faz outra coisa que não seja fazer sofrer”¹²⁰ (*tradução nossa*). Esse modo de afetação pode ser tão radical que vai deformar todo o processo de apreensão da realidade e do simbólico, que é a essência da terceiridade.

É a partir de impressões, advindas do processo da constituição do Eu, da rede de afetação, que se forma a partir dos processos introjetivos, trocas sensoriais, afetivas e linguagem, que se constituirá um registro de memória, que transcende em muito aquele orientado por traços mnêmicos. Melhor definidos pelos signos de percepção¹²¹, esses registros, somados a outros, garantirão ao Eu uma base psíquica em constituição. Freud¹²² aponta que é no registro do Eu originário que o sujeito se constitui por meio de marcas e impressões sensoriais, que dão forma a um corpo pulsional. Os sentidos são metaforizados por Freud como tentáculos que avançam em direção ao mundo externo e dele se retiram, colhendo, expulsando e transformando estímulos, visando à proteção e estruturação do Eu.

As informações sensoriais que uma série de objetos é capaz de estimular resultam no desenvolvimento da atividade dos sentidos. O primeiro objeto – seio, corpo materno – corresponde à experiência de satisfação da necessidade ao sentido gustativo. Nesse encontro original – boca-seio –, a experiência corporal é acompanhada por sensações que se tornam representáveis por meio da ligação do afeto, prazer-desprazer, com a experiência vivida. O processo originário ocorre, então, por meio do encontro de um órgão sensorial com um objeto que possua um poder de estimulação sobre ele. O curso da experiência de

¹²⁰ Idem.

¹²¹ FREUD, S. (1896a). *Carta 52*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v. 1.

¹²² FREUD, S. (1915). *Pulsões e destinos das pulsões*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1.

satisfação da necessidade traz consigo o afeto do prazer. Aulagnier¹²³ destaca que o objeto que proporcionou esse afeto é metabolizado na representação de uma parte do próprio corpo:

A representação pictográfica deste encontro tem a particularidade de ignorar a dualidade que a compõe. O representado se dá à psique como a apresentação de si próprio. O agente representante vê na representação o fruto de seu trabalho autônomo e aí contempla o engendramento de sua própria imagem. A representação é, portanto, apresentação para a psique, auto-encontro entre uma atividade originária e um produto, também originário, que se dá como apresentação do ato de representar para o agente da representação. A característica essencial do representado é dada pela sua sobredeterminação e sobressignificação.

Nesse momento originário, é enfatizado que a representação pictográfica, o pictograma, dos conceitos de “apropriar-se” e “rejeitar” é a única representação possível da experiência sensorial. As experiências percebidas como fonte de prazer serão “apropriadas”, ao passo que as vivenciadas como fonte de desprazer serão “rejeitadas”. Assim, na concepção de Aulagnier, no processo originário do pictograma o corpo preserva, por auto-regulação, seu estado de equilíbrio energético, a homeostase de sistema. A ruptura desse estado leva a um sofrimento corporal que, por meio de uma alucinação, consegue negar o estado de necessidade. É a busca de um estado de “quietude” que impõe momentaneamente um “silêncio psíquico”.

A experiência de prazer é necessária ao investimento da atividade de representação, e a ausência é vivida com desprazer:

¹²³AULAGNIER, P. (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. p. 43.

A recompensa de prazer como objetivo da atividade de uma representação é, portanto, ligada à possibilidade de uma representação e de uma experiência que possam pôr em cena e em presença a junção de dois prazeres: a do representante e a do objeto que ele representa, no curso da experiência de satisfação de necessidade. Analisando agora as condições relativas ao afeto de desprazer, diremos que este afeto está presente cada vez que o estado de fixação torna-se impossível e que a atividade psíquica deve forjar novamente uma representação¹²⁴.

O afeto de desprazer ocorre quando da permanência da necessidade. As sensações corporais desprazerosas então advindas contemplam o próprio corpo como fonte de sofrimento, que deve ser rejeitado, anulado e destruído. O corpo torna-se, pois, o substrato necessário à vida psíquica e ao mesmo tempo espaço de uma excitação desprazerosa, que vem perturbar um estado de quietude, de silêncio, obrigando a uma atividade de representação. O corpo torna-se fonte e lugar de um prazer erógeno, a ser investido pela atividade auto-erótica – pulsão de vida –, e ao mesmo tempo fonte de sofrimento que deve ser destruída – pulsão de morte.

Retomando a frase de Aulagnier¹²⁵ – “o representado se dá à psique como a apresentação de si próprio” –, observa-se que o si próprio enfocado pela autora nesse momento originário apresenta o aspecto da mesmidade, abordado por Ricoeur¹²⁶, que difere da reflexividade por esta característica se colocar posteriormente, no momento em que já se distingue um eu e um tu:

¹²⁴Op. Cit., p. 44.

¹²⁵Ibidem, p. 43.

¹²⁶RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

Mesmo quer dizer então único e recorrente. Quanto à maneira pela qual nós fazemos parte do quadro, ela não constitui problema próprio. Ora, a seqüência o verificará, é um imenso problema compreender a maneira pela qual nosso próprio corpo é ao mesmo tempo um corpo qualquer, objetivamente situado entre os corpos, e um aspecto do si, sua maneira de ser no mundo. Mas, poderíamos dizer de modo abrupto, dentro de uma problemática da referência identificante, a mesmidade do próprio corpo oculta sua ipseidade. E isso acontecerá assim por tanto tempo quanto os caracteres ligados aos pronomes possessivos e adjetivos – “meu”, “o meu” – não tenham sido ligados à problemática do si [...] o conceito de pessoa não é menos uma noção primitiva que a de corpo [...] a noção primitiva de corpo reforça o primado da categoria de mesmidade que acabamos de sublinhar: são eles que, a título eminente, são identificáveis e re-identificáveis como os mesmos¹²⁷ (*tradução nossa*).

Freud¹²⁸ relaciona as experiências originárias de prazer-desprazer com o estado de desamparo [*Hilflosigkeit*] que submete o bebê à dependência de satisfação das suas necessidades a outrem. O recém-nascido é incapaz de realizar uma ação eficaz para pôr fim ao acréscimo de tensão advinda da necessidade. O apaziguamento de tal tensão se dá graças a uma intervenção externa. A partir do momento em que a necessidade é satisfeita pelo objeto seio-boca, a imagem do objeto fica ligada à satisfação. Quando o estado de tensão reaparece, a imagem do objeto é novamente reativada, criando uma sensação semelhante à percepção, à alucinação. Laplanche e Pontalis¹²⁹ consideram que tanto a satisfação real como a alucinatória constituem a base do desejo: “A experiência de satisfação – real e alucinatória – é a noção fundamental da problemática freudiana da satisfação: nela se vêm articular o apaziguamento da necessidade e a realização do desejo”.

Freud¹³⁰ coloca a representação pictórica no sentido de algo que pode ser configurado, de forma imagética, como uma representabilidade

¹²⁷Idem, p. 46-47.

¹²⁸FREUD, S. (1926 [1925]). *Inibições, sintomas e ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v. 20.

¹²⁹LAPLANCHE, J.;PONTALIS, B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. Santos: Martins Fontes, 1975. p. 668.

¹³⁰FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago,ESB, 1974. v. 4-5.

(*Darstellung*, ou colocação em cena) em imagens visuais. Mais tarde, esse autor¹³¹ afirma que:

Seus desejos são acompanhados de um impulso motor, a vontade, que está destinado, mais tarde, a alterar toda a face da terra para satisfazer seus desejos. Esse impulso motor é o princípio empregado para dar uma representação (*Darzustellen*) da situação satisfatória, de maneira tal que se torna possível experimentar a satisfação por meio do que poderia ser descrito como alucinações motoras.

O sentido aqui empregado por Freud é o de estruturar uma representação, de construir uma forma a um estado de sensações. As imagens sensoriais não são representações propriamente ditas, mas sim a forma configurada e apreensível das mesmas.

¹³¹FREUD, S. (1913 [1912-13]). *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v. 13. p. 106.

II - A IMPORTÂNCIA DO CORPO NA CONSTITUIÇÃO DO EU: AUTO-EROTISMO

O corpo que a psicanálise aborda não é simplesmente um corpo anatômico: é um corpo erotizado e pulsional. Por ocasião do nascimento, o bebê se encontra em face de experiências sensoriais de toda ordem e sem defesas frente ao excesso que o contato com o mundo externo provoca. Por meio das distinções percebidas como dentro-fora, prazer-desprazer, o *infans* vai constituindo um aparato psíquico e organizando o caos pulsional, com o objetivo de evitar o desprazer.

A noção de aparelho psíquico aparece na obra freudiana, originalmente, na Carta a Fliess (6 de dezembro de 1896)¹³², relacionada ao trabalho sobre a afasia. Esse conceito, elaborado por Freud, vai ser focado em *Uma nota sobre o “bloco mágico”*¹³³ como uma representação mais continente, como um envelope, uma noção de vesícula, confirmando o apoio do Eu sobre a pele e enfatizando a sensação do tato na origem do psiquismo.

A abordagem psicanalítica enfatiza que o corpo e o Eu são inseparáveis. Freud¹³⁴ explicita: “o Eu é, sobretudo, um Eu corporal, mas ele não é somente um ente de superfície: é, também, ele mesmo, a projeção de uma superfície”. Essa idéia vai ser amplamente explorada por Anzieu¹³⁵, que enfatiza que a pele é o representante de Eu enquanto este ainda não se formou. Por meio das experiências de contato do corpo de bebê com o corpo de sua mãe, o *infans* vai percebendo a pele como uma superfície, lugar de inscrição das qualidades das sensações e de registro das mesmas, desenvolvendo tanto a noção de um corpo unificado como de um Eu. Freud¹³⁶ destaca:

¹³²FREUD, S. (1896a). “Carta 52”. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v.

¹³³FREUD, S. (1925a). *Uma nota sobre o “bloco mágico”*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 3.

¹³⁴FREUD, S. (1923a). *O Eu e o id*. In Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 3. p. 38.

¹³⁵ANZIEU, D. (1985). *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

¹³⁶Op. Cit., p. 38.

Embora, ao vermos nosso próprio corpo, ele se nos apresente como se fosse um objeto, ao tocá-lo, notaremos que ele produz dois tipos de sensações táteis, das quais uma pode ser equiparada a uma percepção interna [...] Além do tato, também a dor parece desempenhar um papel no processo de formação do Eu.

Anzieu¹³⁷ retoma as elaborações freudianas priorizando a pele como fator constituinte da psique:

O Eu, em seu estado originário, corresponde então na obra de Freud ao que propus chamar de Eu-pele [...] Em relação a todos os outros registros sensoriais, o tátil possui uma característica distinta que o coloca não somente à origem do psiquismo mas também que lhe permite fornecer ao psiquismo permanentemente alguma coisa que pode ser chamada de fundo mental, a tela de fundo sobre a qual os conteúdos psíquicos se inscrevem como figuras, ou ainda o envelope continente que faz o aparelho psíquico se tornar suscetível de ter conteúdos.

Anzieu afirma que o Eu-pele apóia-se nas funções da pele, enquanto bolsa que contém e retém o que é vivenciado como prazeroso no contato com os cuidados maternos; enquanto interface, limitando o fora, deixando no exterior o que é vivenciado como agressivo; enquanto “pele-boca”, lugar de troca e meio primário de comunicação.

A função materna que garante ao bebê a satisfação de suas necessidades não se limita apenas à conservação da vida, mas também promove a sexualidade por meio do acesso ao prazer. Para tanto, a mãe, além de cuidar do corpo do bebê, precisa investir libidinalmente o corpo da criança.

Segundo Aulagnier,¹³⁸ o prazer que a mãe sente no contato com o corpo do bebê vai possibilitar a concepção de um corpo unificado para a criança. A relação da mãe com a sua própria sexualidade é determinante para a aquisição da noção de um corpo unificado pela criança. É por meio do investimento libidinal da mãe que a experiência fragmentada do corpo, constituinte do auto-erotismo, direciona o caminho para o amor objetal e o narcisismo na criança. Para que o Eu

¹³⁷Op. Cit., p. 95.

¹³⁸ AULAGNIER, P. (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

surja enquanto projeção de uma superfície corporal, e o narcisismo se constitua como eixo de organização, é preciso que se formem laços que vinculem o sujeito e o ambiente de uma forma acolhedora e criadora.

O auto-erotismo é descrito por Freud¹³⁹ como um modo de satisfação das pulsões, iniciado em um estágio primitivo da vida mental, no qual as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação não são diferenciadas. O tema do auto-erotismo foi abordado por Freud¹⁴⁰ como uma satisfação a ser obtida sem recorrer a um objeto determinado. Segundo Laplanche e Pontalis¹⁴¹, a teoria freudiana não afirma um estado anobjetal, já que o modelo utilizado para descrever o auto-erotismo, o ato de sugar ou chupar, apresenta a satisfação “por apoio na pulsão de autoconservação (a fome) e graças a um objeto: o seio materno. Ao separar-se da fome, a pulsão sexual oral perde o seu objeto e torna-se assim auto-erótica”.

O auto-erotismo é definido na obra freudiana como atividades de componentes parciais, que surge e se satisfaz ao nível de uma zona erógena, sem existir uma organização de conjunto. O seio materno aparece como um primeiro objeto ligado à sexualidade, já que as primeiras satisfações, que se relacionam às pulsões de autoconservação, fornecem o protótipo do objeto sexualmente satisfatório. A atividade sexual apóia-se nas funções que servem à autoconservação e depois se tornam independentes das mesmas. Portanto, o corpo, sede de sensações, adquire a propriedade erógena, que pode se ligar a certas partes específicas ou a todas as partes do corpo, inclusive os órgãos internos. O corpo é, pois, integrado ao processo pulsional.

Laplanche e Pontalis¹⁴², ao analisar a questão do auto-erotismo descrito por Freud, afirmam:

¹³⁹FREUD, S. (1914). *À guisa de introdução ao narcisismo*. Obras Psicológicas Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1.

¹⁴⁰FREUD, S. (1905a). *Três ensaios sobre a sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v. 7.

¹⁴¹LAPLANCHE, J.; PONTALIS, B. (1985). *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 79.

¹⁴²Ibidem, p. 80-81.

[...]quando Freud fala de auto-erotismo, principalmente nos Três ensaios, ele não tem a intenção de negar a existência de uma relação primária com o objeto; pelo contrário, indica que a pulsão só se torna auto-erótica depois de ter perdido o seu objeto. Se se pode dizer do auto-erotismo que é sem objeto (objektlos), não é, em absoluto, porque tenha aparecido anteriormente a toda e qualquer relação com um objeto, nem mesmo porque, com o seu surgimento, todo objeto deixasse de estar presente na busca de satisfação mas, tão-somente, porque o modo natural de apreensão do objeto se encontra clivado: a pulsão sexual separa-se das funções não-sexuais (alimentar-se, por exemplo), nas quais ela se apóia (Anlehnung) e que lhe indicavam sua meta e seu objeto.

O auto-erotismo pode então ser compreendido como um estado de potência pulsional, no qual a alternância entre prazer-desprazer, vivenciadas pelo bebê no seu contato com o mundo, cria modos de ser erógeno. Apesar de ser a base da erogeneização, diferencia-se desta por ser uma experiência originária, fragmentada e parcial, e por ser um registro sensório-mnêmico. As pulsões auto-eróticas originárias ligam-se apenas à sensação. Já o processo de erogeneização se faz por meio dos toques, das palavras, do olhar, numa relação marcada pelo investimento libidinal e pelo sentido.

Ferenczi¹⁴³ enfoca que o circuito pulsional se faz por meio de desintrações e intrincações, como um processo de ligação com o mundo e a produção de sentidos. A experiência de privação produz uma desintração pulsional e é responsável pela introdução da dimensão temporal, relacionada ao tempo de espera pelo atendimento. Esse autor considera que o regime pulsional auto-erótico, em seu estado de dispersão e intensidades, é condição necessária, mas não suficiente, para a construção do “sentido erótico de realidade”. A presença de um outro que sustente e aja como continente é também necessária. Este traz consigo um outro regime de eroticidade, envolvendo o bebê em seu

¹⁴³FERENCZI, S. Thalassa- psychanalyse des origines de la vie sexuelle. Paris: Payot, 1968.

próprio regime narcísico, libidinal e lingüístico. Laplanche e Pontalis¹⁴⁴ destacam a idéia freudiana:

O papel de sedutora efetivamente desempenhado pela mãe (ou outros) quando lava, coloca fraldas, acaricia seu bebê, e se notarmos que as zonas erógenas privilegiadas (oral, anal, urogenital, pele) são, simultaneamente, as regiões que atraem a maior atenção da mãe e aquelas que possuem uma significação manifesta de troca (orifícios ou revestimento cutâneo), percebe-se como certos pontos eletivos do próprio corpo podem não apenas servir de suporte para um prazer local, mas também lugar de encontro com o desejo, com a fantasia materna e, por conseguinte, com uma modalidade de fantasia originária.

Aulagnier¹⁴⁵ destaca a primeira experiência que possibilita a experiência de prazer das zonas erógenas como o encontro inaugural boca-seio. Tal encontro tem como característica fundamental a antecipação: o oferecimento do seio, segundo a autora, precede a sua demanda, estando calcado na interpretação de quem exerce os cuidados com a criança. O bebê é, então, sobrecarregado daquilo que é interpretado pela mãe, que antecipa um Eu que ela idealiza, conforme os seus anseios. O corpo da criança torna-se um corpo falado. A função de antecipação marcada pelo discurso materno mostra a importância para a psique dos enunciados identificatórios nele contidos, que são necessários para o advento do Eu.

O seio como objeto primordial vai permitir a vivência de uma parte de si, que não se relaciona nem com o corpo imaginário nem com o corpo real. Segundo essa autora, a boca, antes de ter qualquer representação ao nível da imagem corporal, só é reconhecida como receptáculo, enquanto lugar de introjeção. O que a introjeção visa é à negação do objeto como exterior a si. O objeto-seio é alucinado enquanto interior ao próprio corpo, e o que se torna fonte de prazer é a fusão dos objetos parciais – boca-seio. Essa fusão traz consigo a característica de todo objeto parcial: a ambigüidade espacial, na qual não só toda descontinuidade corporal é momentaneamente abolida,

¹⁴⁴Op. Cit., p. 83.

¹⁴⁵AULAGNIER, P. (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Tradução de Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

como também se torna impossível reconhecer a qual dos dois corpos ele pertence.

Aulagnier¹⁴⁶ denomina a fusão dos objetos parciais como “imagem do objeto-zona complementar”, designando um esquema relacional no qual há uma relação de identidade e de especularização recíproca. Essa “imagem da coisa corporal” é o pictograma. De acordo com a autora, todo prazer de uma zona é também o prazer global do conjunto de zonas. Assim, a amamentação é acompanhada por uma série de percepções sensoriais, e o prazer dessa primeira experiência antecipa a experiência total e indizível que será futuramente denominada de gozo. A representação pictográfica define-se, então, como:

a figuração de uma percepção pela qual se apresentam, no originário e para o originário os afetos que ali se localizam de forma sucessiva, atividade inaugural da psique, para a qual, como sabemos, toda representação é sempre auto-referente e indizível não podendo responder a nenhuma das leis a que se deve obedecer ao dizível, por mais simples que seja¹⁴⁷.

O aspecto totalizante da excitação das zonas, que antecede a integração como corpo unificado, é também fonte de angústia, já que tem como característica uma unidade, uma fragmentação, implicando uma desintegração da imagem corporal. O seio-boca, fonte de satisfação da necessidade, de excitação e causa de prazer, representa um fragmento que tem o caráter de ser, ao mesmo tempo, audível, visível, tátil, olfativo e nutritivo, numa totalidade de prazeres. A boca torna-se “o representante pictográfico e metonímico das atividades do conjunto de zonas” e o seio — “será representado como fonte global e única dos prazeres sensoriais”¹⁴⁸. Dessa forma, seio-boca, “zona-objeto complementar”, constitui-se fantasia originária, numa relação complementar e de interpenetração recíproca. Essa complementaridade faz com que o desprazer, resultante da ausência ou inadequação por excesso ou falta, seja vivido como ausência ou inadequação da própria

¹⁴⁶Idem.

¹⁴⁷Idem.

¹⁴⁸Ibidem, p. 53.

zona. A rejeição do objeto implica a rejeição da zona, sendo que o dilaceramento e a rejeição entre a zona e o objeto são a representação de ódio presente entre Thanatos, que quer destruir aquilo que traz excesso ou falta, e Eros, que quer totalizar, unificar, apaziguar. A esse propósito, Freud¹⁴⁹ observa:

O Eu odeia, abomina, persegue, com intenções destrutivas todos os objetos que se tornem para ele fontes de desprazer, sem levar em conta se são um obstáculo à satisfação sexual ou à satisfação das necessidades [Bedürfnisse] de conservação. Podemos até mesmo afirmar que os verdadeiros modelos da relação de ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do Eu pela sobrevivência e para se impor [...] Portanto, embora o amor e o ódio se nos apresentem como completamente opostos em seu conteúdo, a relação entre ambos de modo algum é simples. Não provêm da clivagem de um elemento original comum, possuem origens diversas e cada um passou pelo seu próprio desenvolvimento antes de, sob a influência da relação prazer-desprazer, tomarem a forma de opostos [...] O ódio é uma exteriorização da reação de desprazer provocada pelos objetos e mantém sempre um estreito vínculo com as pulsões de conservação do Eu.

O corpo apresenta-se, então, como essencial à constituição do Eu, lugar de prazer e também de desprazer. O corpo-prazer é, segundo Aulagnier¹⁵⁰, o primeiro elemento da realidade que torna necessário e possível o investimento do Eu originário na dimensão real dos objetos. Já o corpo-sofrimento vai direcionar a relação que o Eu, em todo o seu “devenir”, manterá com a realidade. Enquanto corpo-sofrimento, irá se revelar autônomo, impondo uma vivência que o Eu sofre, sem poder evitá-la. Dessa forma, o objeto-corpo impõe-se ao Eu como objeto real e exterior, o qual não pode perder ou separar-se, que precisa que um outro o cuide. Para tanto, tem de se tornar visível a si e ao outro:

¹⁴⁹FREUD, S. (1915b). *O inconsciente*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2. p. 160-161.

¹⁵⁰Op. Cit.

Este corpo que não se elegeu nem em sua anatomia, nem em sua forma, nem em suas qualidades estéticas, este corpo segue sendo aquele por meio do qual o outro – e antes de tudo a mãe – se manifesta como ocupando um fragmento da realidade externa e não como puro ser pensado pro ela. Duplo encontro e duplo descobrimento que estão na origem do investimento pelo Eu da realidade, e na origem do desejo e de sua necessidade de achar nessa realidade objetos conforme seus anseios, suas exigências e sua demanda¹⁵¹.

III – A PERCEPÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DO EU

É por meio da afetação que o ser humano se constitui. Freud¹⁵² relaciona nascimento do psiquismo ao processo de afetação entre o Eu e o mundo. Husserl¹⁵³ apresenta a afetação como a base da apreensão do mundo: “é uma disposição de sentimento [...], um sentir que é agora *ativo*, um sentir em atos [*tätig*] a partir [...] de um Eu que sente” (*tradução nossa*). A afetação se dá pelo sentir.

Husserl¹⁵⁴ explicita que a constituição da consciência ocorre na esfera da representação que se dá num sentido determinado e ao mesmo tempo se determinando, ou seja, uma consciência afetiva. A disposição do olhar ocorre ao mesmo tempo em que ocorre uma afetação, um sentimento de prazer ou desprazer, agradável ou desagradável. O objeto é constituído como objeto de um sentido. O Eu é excitado de uma forma particular, ainda não ativa, designando passividade, afetação, modo de sentir sem participação ativa. Ao mesmo tempo, essa disposição de sentimento no processo de apreensão, é um sentir em ato (*tätig*), um sentir prazeroso ou desprazeroso. Isso leva a “uma nova objetivação em atos, que, precisamente, dirige sobre o

¹⁵¹Idem, p. 112.

¹⁵²FREUD, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2.

¹⁵³HUSSERL, E. (1920/1921). *De la synthèse active*. Traduit par Jean-François Pestureau; Marc Richir. Grenoble: Jérôme Millon, 2004. p. 11-31.

¹⁵⁴Idem.

prazeroso o olhar temático, o identifica como objeto e o determina”¹⁵⁵ (*tradução nossa*).

Portanto, para Husserl, o Eu é um Eu que está disposto a conhecer e sentir. Nessa perspectiva, o Eu é inseparável da constituição do pensar, possibilitada pelo acesso à linguagem. O Eu é a transformação da afetação, em sentimentos das imagens, em representação de idéias, que coincide com a constituição mesma do inconsciente, num processo que nunca cessa de ser elaborado. Dessa forma, um processo dialético se instala entre o simbólico, como um sistema independente do Eu, e o imaginário, como um conjunto de possibilidades não determinadas, por meio do qual o Eu pode se pensar, constituindo-se ele próprio num objeto da consciência.

A percepção é um fator importante no processo de formação do Eu, mas também está submetido aos investimentos e às transformações libidinais, que estão na origem do Eu e fundam a realidade psíquica. Husserl¹⁵⁶ aborda que a apreensão do mundo se dá pela disposição de atenção (o olhar) e suas derivações. Prestar atenção seria o ponto inicial de toda atividade de conhecimento e apreensão, mesmo que essa atenção seja própria de uma passividade, base sobre a qual se realiza toda atividade. Essa atenção primeira Husserl vai denominar de afecção, que significa sermos afetados por algo que se encontra no nosso campo de visão.

Tendo como pano de fundo a passividade, o sujeito se conforma à afecção e se dirige sobre o que o impressiona. Em relação à consciência objetivante, propriamente dita, esse autor vai relacioná-la à representação, ou seja, à expressão de algo presente em um sentido determinado. O sentido objetivo se dá por meio da disposição do olhar que se produz a partir da afecção produzida sobre o sujeito. Ao acatar a impressão que o afeta, o sujeito volta-se para o que o afetou, na tentativa de sua determinação e apreensão. Segundo Husserl, o objetual, constituído na passividade, já comporta em si um sentimento,

¹⁵⁵Ibidem, p. 18.

¹⁵⁶Idem.

caracterizado como prazeroso ou, no caso de seu desaparecimento, desprazeroso, percebido como “dolorosamente faltante”. Portanto, a consciência do objeto funda uma consciência de um novo gênero, uma consciência do sentir que contém uma intencionalidade. Se o objeto se constitui a partir de um sentir subjacente e se processa nas identificações engajadas por este objetivar, pode-se então entender a consciência como um objetivar prolongado, constituindo-se ela mesma um objeto.

Freud¹⁵⁷ aborda a questão da consciência quando da instauração do princípio da realidade. Para ele, nesse momento, a realidade externa passa a ter toda uma importância, tornando igualmente relevante à função dos órgãos dos sentidos: “A consciência, além de captar as qualidades de prazer-desprazer, as únicas que interessavam até então, aprendeu também a captar as qualidades sensoriais”. A função de atenção então constituída como atividade psíquica faz com que se vá ao encontro das impressões sensoriais, no lugar de ficar passivamente esperando pelas mesmas. Uma parte da carga de investimento que permanecia livre vai ser transformada em carga de investimento fixada. O pensar, antes inconsciente e dirigido às impressões deixadas pelo objeto, passa a ser perceptível conscientemente pela fixação a restos de palavras das impressões qualitativas do objeto. Porém, segundo Freud, um determinado tipo de pensar ainda permaneceu livre, submetido ao princípio do prazer, constituindo-se no fantasiar, que se inicia com o brincar e, posteriormente, com o “devaneio”, não mais se sustentando em objetos reais.

Abordando a questão da polaridade prazer-desprazer na constituição das representações, Freud¹⁵⁸ enfatiza que, originalmente, o Eu da criança não distingue o mundo externo do mundo interno. A distinção é feita entre o que é prazeroso, representado como algo bom e introjetado, e aquilo que é desprazeroso, representado como algo mau e

¹⁵⁷FREUD, S. (1911b). *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1.

¹⁵⁸FREUD, S. (1915b). *O inconsciente*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2.

projetado. O Eu é um Eu-prazer, relacionado aos processos primários. Com o advento do princípio da realidade, estabelece-se a distinção de dentro e fora e, com isso, a dicotomia Eu-prazer e Eu-realidade.

A representação, desenvolvida a partir do Eu-prazer inicial, já está, portanto, inserida no Eu como representação e pode, então, ser redescoberta também na percepção, na realidade:

Conforme podemos notar, é novamente uma questão de dentro e fora. O não-real, isto é, o que é somente imaginado [das Vorgestellte], o subjetivo, está presente somente no dentro; enquanto o real estará também presente no fora. Assim, no curso do desenvolvimento psíquico, a consideração pelo princípio de prazer foi, nesse momento, colocada de lado. A experiência ensinou à psique que não é somente importante saber se uma coisa [Ding] (objeto de satisfação) possui uma qualidade “boa”, isto é, se merece ser acolhida no Eu, mas também se ela está presente no mundo externo, de modo a que seja possível apoderar-se dela conforme surja a necessidade [Bedürfnis] para tal. Para melhor compreender esse desenvolvimento, devemos nos lembrar que todas as representações mentais [Vortellungen] se originaram de percepções e de fato elas são repetições [Wiederholung] destas últimas. Dessa forma, a própria existência de uma representação [Vorstellung] já é, na sua origem, uma garantia da realidade do representado [des Vorgestellten]. Assim, a oposição entre o subjetivo e o objetivo não existe desde o início. Ela somente se estabelece pelo fato de que o pensar possui a capacidade de novamente presentificar, através da reprodução no imaginar [Vorstellung], algo que já foi uma vez percebido, isto é, pode-se imaginar o objeto sem que ele precise estar presente no mundo externo. O primeiro e mais imediato objetivo do teste de realidade não é, então, encontrar na percepção real um objeto correspondente ao que foi imaginado [vorgestellt] mas reencontrá-lo, certificar-se de que ainda permanece presente. Mas ainda há uma outra faculdade do pensar que contribui para o afastamento [Entfremdung] entre o subjetivo e o objetivo: é o fato de que a reprodução do percebido na forma de uma representação mental [Vorstellung] nem sempre é a sua fiel repetição; ela pode ser modificada pela omissão de diferentes elementos ou pela sua condensação. Portanto, o teste de realidade deve controlar até que ponto chegam essas deformações. Cabe ainda acrescentar que, ao longo do desenvolvimento, o teste de realidade só entrará em cena quando e se os objetos, que outrora trouxeram satisfação, já tiverem sido perdidos¹⁵⁹.

Freud¹⁶⁰ analisa que a criança transforma suas experiências de prazer e desprazer em representações. Isso nos coloca face à questão da anterioridade histórica: o fato de o bebê existir e das pessoas que cuidam dele também é condição para que as experiências pulsionais ocorram. A primeira questão da criança se relaciona com o ser: ela é o

¹⁵⁹FREUD, S. (1925b). *A negativa*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 3. p. 149

¹⁶⁰Idem.

objeto (o seio, por exemplo). Mais tarde, ela vem a ter consciência de sua própria existência, e do outro enquanto alteridade. Só então ela pode ter o objeto, pois não é mais o objeto. A percepção, portanto, segundo Freud, não é um processo passivo. Ela está desde o início permeada pelas necessidades pulsionais.

IV – A LINGUAGEM NA CONSTITUIÇÃO DO EU

Além e conjuntamente da percepção, a linguagem é outro fator indispensável ao processo do pensar, já que as representações dependem da sua associação com os restos verbais. A constituição do sujeito se dá no interior de um campo lingüístico, no qual um universo de significações participa da construção de sua singularidade. A linguagem é fundamental no processo e na gênese dos mecanismos de criação de sentido, na medida em que inscreve o Eu na ordem da cultura, apresentando-se, desde sempre, como um dos agentes reguladores das relações existentes entre o Eu e o mundo. Vergote¹⁶¹ destaca que “a teoria freudiana anuncia, nesse sentido, o que a lingüística e a psicologia da linguagem desenvolverão sobre a relação entre percepção, consciência e linguagem” (*tradução nossa*). O acesso à linguagem e ao mesmo tempo ao pensar só é possível por meio da constituição do Eu, que funciona como mediador da nomeação e da idéia. A dialética interna do Eu é constitutiva, determinada pelo Eu-inconsciente (simbólico) e pelo Eu-consciente (imaginário).

Martins¹⁶² analisa a importância da linguagem, apontando: “Antes de a criança ter acesso pleno à linguagem, o seu Eu é dominado pela dimensão sensorial e representativa. Aliás, estas dimensões são as mais permanentes e são condição para existência do Eu resultante do processo de mediação”. Freud¹⁶³ aborda que na criança a linguagem é

¹⁶¹VERGOTE, A. “Le sujet en psychanalyse”. In: *Problèmes de psychanalyse* (recueil de textes; collection recherches et débats). Paris: Desclée de Brouwer, 1978. p. 33.

¹⁶²MARTINS, F. *O complexo de Édipo*. Brasília: EdUnB, 2002. p. 101-103.

¹⁶³FREUD, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2.

inicialmente um ato, como ele pode observar no jogo do Fort! Da!. O surgimento da linguagem na espécie humana está relacionado aos atos que expressam uma confiança estabelecida entre os seres humanos pelo compromisso contido nas palavras da possibilidade de realização de atos futuros, que leva o ser humano a aguardar, a adiar uma satisfação pulsional. Freud¹⁶⁴ aborda que o acesso à linguagem é marcado pelo prazer e é como atividade lúdica que ela se inicia e desenvolve. Tal enfoque também é compartilhado por Piaget¹⁶⁵.

Nos primeiros anos de vida, a criança emite, repete e imita sons. Piaget¹⁶⁶ observa que essa repetição, denominada ecolalia, tem um aspecto social e individual. Social por ser um jogo, uma forma de interação com o outro. No entanto, tem também um aspecto essencialmente egocêntrico: a criança não sabe que está imitando e imita como se estivesse criando, pelo prazer em repetir os sons por eles próprios, sem uma adaptação a um outro. Nessa fase, afirma Piaget¹⁶⁷, há “uma confusão entre o eu e o não eu e entre a atividade do próprio corpo e do corpo do outro; na fase que a criança mais imita, ela imita todo o ser, identificando-se com o objeto imitado”. Para a criança, a palavra, o som, são ligados ao movimento: o fato de pronunciá-los deflagra a própria ação.

Piaget¹⁶⁸ estabelece que o desenvolvimento infantil parte da atividade autística não-verbal à fala socializada e desta ao pensamento lógico. Ao apoiar-se no pressuposto de uma seqüência genética de duas formas de apreensão, uma que serve ao princípio do prazer e outra que serve ao princípio da realidade, Piaget acentua, como Freud, o fato de o princípio do prazer ser o vetor que direciona o desenvolvimento psíquico.

¹⁶⁴FREUD, S. (1905b). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v.8.

¹⁶⁵ PIAGET, J. (1966). *A linguagem e o pensamento da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

¹⁶⁶Idem.

¹⁶⁷Ibidem, p. 9.

¹⁶⁸Idem.

Segundo Sinclair¹⁶⁹, o bebê que aos três meses começa a balbuciar, não constrói os sons da sua linguagem a partir do silêncio. No início, ele produz todos os fonemas possíveis e progressivamente elimina aqueles que as pessoas ao seu lado não empregam. Rosolato¹⁷⁰ destaca que “o balbucio ordena-se por seleção restritiva em oposições fonemáticas iniciais. A primeira filtragem desemboca na emissão objetiva, reconhecível, mesmo que ainda sem valor fonológico do som vocálico A”.

A prevalência do A também é apontada por Jakobson¹⁷¹, que define um esquema evolutivo sobre a emissão do sistema vocálico. Nesse esquema, Jakobson enfatiza que o A, vogal aberta, emerge junto com uma oclusiva labial, P ou M. Ocorre, então, a primeira oposição consonantal, entre uma labial e uma nasal, *papa/mama*, seguida pela oposição das labiais e dentais, *papa/tata e mama/tata*: “Estas oposições representam o consonantismo mínimo presente em todas as línguas vivas do mundo e são as únicas que não podem faltar”.

Rosolato¹⁷² chama a atenção também para a “polaridade materna da consoante nasal M:

que ela seja a primeira a aparecer (com o P) explica-se [...] pelo fato, freqüentemente notado, de que o murmúrio de tipo nasal (mmm), a nasalidade que pode ser produzida de boca fechada, corresponde a um estado de descontentamento, que acompanha os choros e os suspiros, por um desejo insatisfeito, visando a um apelo de alimento, podendo ser emitido com a boca cheia, ao seio, durante a sucção e, principalmente, prolongado, como podem ser as vogais.

Fónagy¹⁷³ enfatiza a característica constrictiva das consoantes, que estabelecem um obstáculo, um “estrangulamento” do tubo sonoro, que

¹⁶⁹SINCLAIR, H. *Aquisition du langage et développement de la pensée*. Paris: Dunod, 1967.

¹⁷⁰ROSOLATO, G. (1985). *Elementos da interpretação*. São Paulo: Escuta, 1988. p. 179.

¹⁷¹JAKOBSON, R. *Langage enfantin et aphasie*, Paris: de Minuit, 1969. p. 52.

¹⁷²Op. Cit., p. 180.

¹⁷³FÓNAGY, I. “Les bases pulsionelles de la phonation”. In: *Revue Française de Psychanalyse*. 1970, n. 1. p. 101-136.

tem de ser ultrapassado, ao passo que as vogais não apresentam nenhum impedimento:

a vogal tem uma função muito diferente da consoante. Permite, sobretudo, a livre emissão prolongada, sustentada, como ação corporal intensa, principal e sonora, de um apelo e de uma expressão: ela é livre expansão pulsional inicial em direção à mãe [...] pode-se também dizer que nas consoantes manifesta-se o efeito paterno, como primeiro tempo de obstáculo ao fluxo pulsional, à fusão afetiva, à relação materna, e como pólo, eixo do sistema simbólico.

Já Spitz¹⁷⁴ enfatiza:

o fenômeno da linguagem é um fenômeno surpreendente do trânsito da criança desde uma passividade, durante a qual a descarga regula os estados tensionais segundo o princípio do prazer, a um início de atividade, em que a descarga mesma pode converter-se em uma fonte de satisfação (*tradução nossa*).

Assim, a vocalização da criança, descarga de impulsos no seu início, transforma-se em um jogo, com repetição dos próprios sons que emite, como uma experiência nova. Depois, a criança passa a repetir os sons que escuta da mãe, numa relação com um objeto constituído no mundo exterior:

No desenvolvimento da linguagem humana, esta espécie de comunicação primitiva representa a parte filogenética que cada um de nós possui ao nascer, em forma de *Anlage*. Sobre esta parte filogenética, ocorrerá um desenvolvimento ontogenético exclusivamente humano. Este irá se constituir em uma comunicação dirigida e transmitida com a ajuda de sinais e signos semânticos, desembocando, na sua mais elevada evolução, na função simbólica¹⁷⁵ (*tradução nossa*).

A comunicação inicial da criança, segundo Spitz¹⁷⁶, se dá por signos, que o autor considera como uma percepção empiricamente associada à experiência de um objeto ou situação. Já as procedentes do adulto são percebidas pela criança como sinais, consideradas como

¹⁷⁴SPITZ, R. (1958). *El primer año de vida del niño*. Versión española de Pedro Barcelo y Luis Fernandez Cancela, 3. ed. Madrid: Aguilar, 1974. p. 24-25

¹⁷⁵Ibidem, p. 39.

¹⁷⁶Idem.

uma percepção associada artificialmente a um objeto ou situação. No primeiro ano de vida da criança, a mãe serve como intérprete de toda percepção, ação ou conhecimento. Tal questão é enfocada também por Aulagnier¹⁷⁷ como o conceito de violência primária, manifestada pela oferta, no discurso materno, de significação. Esse discurso antecipa-se à possibilidade de resposta por parte da criança, apresentando-se como um excesso: “esta antecipação encontra sua forma mais absoluta no momento inaugural, no qual a atividade psíquica do *infans* é confrontada às produções psíquicas da psique materna e deve forjar uma representação de si mesma a partir dos efeitos deste encontro”¹⁷⁸.

Aulagnier¹⁷⁹ explicita que a atividade de representação é para o Eu sinônimo de interpretação: a nominação de um objeto revela a interpretação que se apresenta ao Eu como causa e função da existência do objeto: “é próprio à estrutura do Eu impor aos elementos presentes nas suas representações (quer se trate de uma representação) de si mesmo ou do mundo um esquema relacional conforme a ordem de causalidade imposta pela lógica do discurso”. O psiquismo funciona por meio de três formulações:

– o todo existente é auto-engendrado pela atividade do sistema que o representa; este é o postulado do auto-engendramento, segundo o qual funciona o processo primário; – o todo existente é um efeito da onipotência do desejo do Outro; este é o postulado próprio do funcionamento do primário; – o todo existente tem uma causa inteligível, tornada acessível pelo discurso; este é o postulado segundo o qual funciona o secundário.

O ato de representação está ligado a um investimento que procura encontrar uma experiência de prazer. A primeira representação ocorre por meio do estabelecimento de um duplo encontro com o corpo e as produções psíquicas maternas. No processo originário, a única característica que marca esse encontro é a qualidade prazer-desprazer do afeto. Com o estabelecimento dos processos primário e secundário, a

¹⁷⁷AULAGNIER, P. (1979). *Los destinos del placer*. Traducción de Ítalo Manzi. Barcelona: Argot, 1984.

¹⁷⁸Ibidem, p. 35.

¹⁷⁹Ibidem, p. 30.

atividade psíquica tem de considerar dois aspectos intrínsecos do objeto: sua exterioridade, ou seja, o reconhecimento do objeto como um espaço separado do seu próprio, atividade esta que ocorre no processo primário; e a propriedade de significação do objeto, ou seja, a atribuição de sentido ao mundo, própria do processo secundário. A representabilidade diz respeito a quais objetos serão inseridos ou não no esquema relacional que constitui a estrutura do representante, portanto, para o Eu: “para que a atividade psíquica seja possível, é necessário que ela possa se apropriar ou incorporar uma matéria exógena”¹⁸⁰.

Freud¹⁸¹ enfatiza o que já havia sido analisado nos seus estudos sobre a afasia¹⁸²:

aprendemos a falar associando uma “imagem sonora da palavra” a uma “sensação de inervação da palavra”. Depois que falamos, temos uma “representação motora da fala” (sensações centrípetas dos órgãos da fala), e a “palavra” tem para nós dupla determinação motora [...] Nessa etapa (a do desenvolvimento da fala na criança), servimo-nos de uma linguagem que nós próprios criamos, comportando-nos nesse caso como pessoas com afasia motora, associando diferentes e estranhos sons de palavras a um único som, que nós mesmos produzimos.

A criança aprende a linguagem dos outros ao tentar aproximar a imagem sonora, por ela produzida, mais semelhante ao que deu origem à inervação da fala. Mas a palavra só adquire o seu significado, para Freud, por meio da sua ligação com a “representação-de-coisa”, que é composta de várias representações visuais, acústicas, táteis, cinestésicas e outras, constituindo-se assim como algo aberto. A “representação-de-palavra”, ao contrário, aparece como algo fechado que pode ser ampliado. Portanto, as “representações-de-palavra” vêm da percepção sensorial, assim como as “representações-de-coisa”, mas se tornam conscientes: “Entendemos que a vinculação a representações-

¹⁸⁰Ibidem, p. 79.

¹⁸¹FREUD, S. (1915b). *O inconsciente*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2. p. 56.

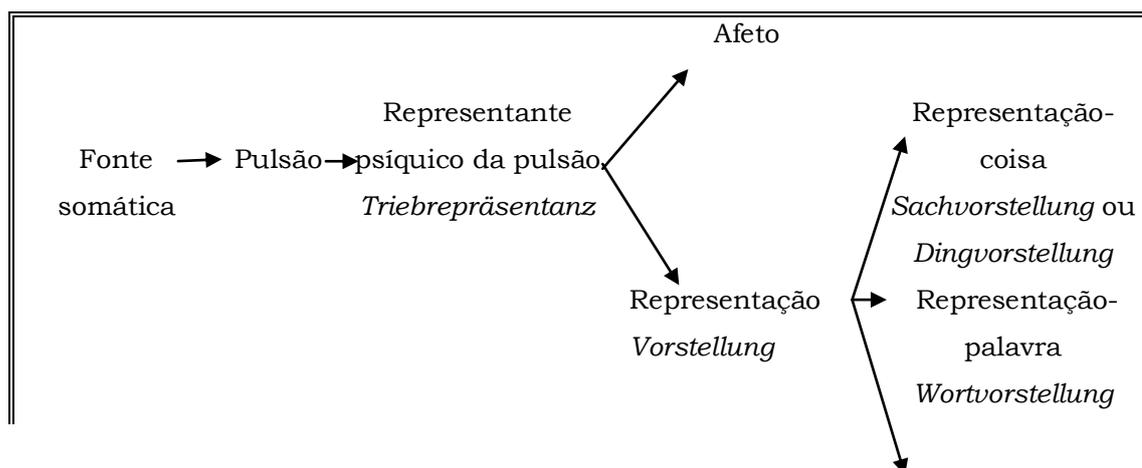
¹⁸² FREUD, S. (1891). *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70, 1979. p. 67-68.

de-palavra ainda não coincide com o afloramento da consciência, mas apenas possibilita que isto aconteça”¹⁸³.

Corveleyn¹⁸⁴ elucida o conceito freudiano de representação [*Vorstellung*] e dos representantes psíquicos da pulsão. O termo representação, na teoria freudiana, é uma representação-de-coisa e não uma rerepresentação. Os termos alemães *Repräsentanz* e *Repräsentant* são de origem latina e significam representante de algo ou alguém. O conceito de pulsão [*Trieb*], conceito limite entre o psíquico e o somático, se articula e precede o conceito de representação [*Vorstellung*], já que, por ser ligado à biologia num sentido amplo, corresponde ao que impulsiona o pensamento e a ação. Os representantes psíquicos da pulsão [*Triebrepräsenz*] relacionam-se a dois aspectos: à idéia ou representação e ao afeto, entendido com quantidade de investimento energético. Apesar de interligados, esses dois aspectos podem ter destinos diferentes, pois o afeto pode se desligar da representação e ligar-se à outra. O percurso apresentado no esquema abaixo por Martins¹⁸⁵ articula a pulsão com os seus representantes:

QUADRO 9

DA FONTE SOMÁTICA DA PULSÃO AOS REPRESENTANTES PSÍQUICOS DA PULSÃO



¹⁸³Op. Cit., p. 50.

¹⁸⁴CORVELEYN, J. “L’inconscient”. In: *Psychanalyse – L’homme et ses destins*. Louvain, Paris: Peeters, 1993. p.147.

¹⁸⁵MARTINS, F. *Semiologia e psicanálise*. Brasília: Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia, UnB, 1999. p. 38.

A linguagem é inicialmente elemento exterior, mas ao mesmo tempo é constituidora do psiquismo humano e, na concepção de Freud, pertence aos sistemas pré-consciente e consciente. Freud explicita que o inconsciente é constituído pelo sistema de representações-coisa (*Sachvorstellungen* ou *Dingvorstellungen*), diferentemente do sistema pré-consciente, constituído por representações-palavra (*Wortvorstellung*), e pela consciência, que é constituída por representações-objeto (*Objektvorstellung*).

Freud¹⁸⁶ explicita:

aquilo que antes chamávamos de representação mental do objeto ou idéia consciente do objeto, ou seja, representação-de-objeto, agora se divide em representação-de-palavra (*Wortvorstellung*) e representação-de-coisa (*Sachvorstellung*). Esta última consiste no investimento de cargas – se não nas imagens diretas da lembrança-de-coisa (*Sacherinnerungsbilder*) –, nos traços de lembrança que estão mais distantes e derivam dessas lembranças [...] Uma representação (*Vorstellung*) consciente abrange a representação-de-coisa (*Sachvorstellung*) acrescida da representação-de-palavra (*Wortvorstellung*) correspondente, ao passo que a representação (*Vorstellung*) inconsciente é somente a representação-de-coisa (*Sachvorstellung*).

As representações-de-palavra estão relacionadas à verbalização e à tomada de consciência. Tal concepção é importante para a compreensão da passagem do processo da identidade de percepção para a do processo de identidade de pensamento. Benveniste¹⁸⁷ enfoca que a linguagem não é somente a condição de transmissibilidade, mas, antes de tudo, a condição de realização do pensamento, que é formado e atualizado por meio da linguagem. Portanto, não se pode separar continente e conteúdo, já que o pensamento se materializa na

¹⁸⁶Op. Cit., p. 49.

¹⁸⁷BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002. v. 1-2.

linguagem, e esta tem por função significar. Pensamento e linguagem não têm uma relação simétrica, mas são interdependentes. Rudge¹⁸⁸ aborda que:

a linguagem, por ser essencial para qualquer estruturação de um universo de representações, já está implicada em toda a regulação pelo par princípio de prazer/princípio de realidade. Freud (1891), no estudo sobre as afasias, “inaugurou uma concepção do psiquismo fundada na linguagem.

E mais: “A linguagem, na construção teórica freudiana, assume desde o início o papel de *condição* das representações”¹⁸⁹. A autora enfatiza vários aspectos importantes que foram introduzidos por Freud posteriormente ao estudo sobre as afasias, dentre eles a mudança no “par representação de objeto e representação de palavra. Em 1915, temos representação de coisa e representação de palavra”¹⁹⁰. Rudge explicita que a diferença não é apenas de termos, que têm o mesmo significado. A mudança desloca o pensamento teórico, antes relacionado à linguagem e aos distúrbios afásicos, para um enfoque metapsicológico, no qual a linguagem vai estar relacionada à pulsão.

Freud¹⁹¹ ressalta, como citado anteriormente, que a idéia, consciente, de representação de objeto passa a ser composta pelas representações de palavra e coisa. A representação inconsciente é apenas representação de coisa e são os primeiros investimentos de carga no objeto. Já quando há um sobre-investimento de carga, que ocorre a vinculação da representação de coisa à representação de palavra, então surge o sistema pré-consciente. Essa concepção vai ser retomada por Freud¹⁹², reafirmando a distinção entre representação de objeto e de coisa. Nessa segunda tópica, “mantém-se o papel das representações de palavra como a mediação necessária para que os processos de pensamento tornem-se conscientes, já que, por meio

¹⁸⁸RUDGE, A. M. *Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 76.

¹⁸⁹Ibidem, p. 81.

¹⁹⁰Ibidem.

¹⁹¹Op. Cit., p. 49.

¹⁹²FREUD, S. (1923a). *O Eu e o id*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 3. p. 85.

dessas representações, o pensamento é percebido como se viesse de fora, como percepção externa”. Entretanto, a idéia de prazer da fala, bem como de seu aspecto relacional, permanecem para Freud desde o estudo sobre as afasias.

Conforme Martins¹⁹³ aponta, o acesso da criança à linguagem se caracteriza pela atividade lúdica que a compõe. Ao longo de sua obra, Freud introduz a idéia de que é por meio da relação existente entre o jogo, o prazer e as palavras que a criança adquire a linguagem. Freud¹⁹⁴, em sua obra sobre os chistes, aponta:

O jogo – guardemos esse nome – aparece nas crianças que estão aprendendo a utilizar as palavras e a reuni-las. Tal jogo obedece provavelmente a um dos instintos que compelem as crianças a exercitar suas capacidades (Gross[1889]). Ao fazê-lo, deparam com efeitos gratificantes, que procedem de uma repetição do que é similar, de uma redescoberta do que é familiar, da similaridade do som, etc. e que podem ser explicados como insuspeitadas economias na despesa psíquica. Não é de admirar que esses efeitos gratificantes encorajem a criança a prosseguir no jogo e a continuá-lo sem atentar para o sentido das palavras ou para a coerência das sentenças.

É por meio do jogo que a criança entra em contato com a língua. A criança reproduz e cria sons por meio da balbuciação. Gross (1889, p. 121 *apud* FREUD)¹⁹⁵ observa que “o período em que a criança adquire o vocabulário da língua materna proporciona-lhe um óbvio prazer de ‘experimentá-lo brincando com ele’, segundo as palavras de Gross [p.121]. Reúne as palavras, sem respeitar a condição de que elas façam sentido, a fim de obter delas um gratificante efeito de ritmo ou de rima”. Brincando com os sons, a criança vai criando a linguagem, associando uma imagem sonora da palavra com a inervação da representação da palavra, conforme Freud¹⁹⁶ sublinha.

¹⁹³MARTINS, F. “Le langage dans la schizophrénie”. Tese (doutorado). Université Catholique de Louvain, Bélgica, 1986.

¹⁹⁴FREUD, S. (1905b). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 8. p. 151.

¹⁹⁵Ibidem.

¹⁹⁶FREUD, S. (1891) *A interpretação das afasias*. Tradução de António Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1979. p. 148.

Não se trata ainda, nesse momento, de ato de designação. O prazer da repetição lúdica é o que mobiliza a criança. Não há separação entre a palavra e a coisa. Aos poucos, tal atividade lúdica vai ser submetida ao processo educacional. Freud¹⁹⁷ observa:

Pouco a pouco esse prazer vai lhe sendo proibido até que só restem permitidas as combinações significativas de palavras. Quando mais velho, tenta ainda emergir ao desrespeito das restrições que aprendera sobre o uso das palavras. Estas são desfiguradas por pequenos acréscimos particulares que lhes faz, suas formas sendo alteradas por certas manipulações (p. ex., por repudiações ou 'Zittersprache'); é possível mesmo a construção de uma linguagem secreta, para uso entre companheiros de brincadeira. Tais tentativas são reencontradas entre certas categorias de doentes mentais.

Isso é o que ocorre, por exemplo, na criação de neologismos e na glossolalia dos esquizofrênicos. Vejamos primeiro as crianças. Veremos os psicóticos no próximo capítulo. Lentamente, a criança vai tendo acesso à língua materna. Mesmo assim, permanece emitindo sons que ela e outras pessoas próximas reconhecem, que designam coisas, pessoas, objetos ou desejos. Um pequeno diário de uma mãe cuidadosa traz as anotações das primeiras palavras de seu filho e o que significavam. Não podemos deixar de registrar a riqueza desse material:

Macau, 11 de abril de 1937 [a criança na época estava com dois anos e dois meses] [...] Vou escrever agora seu valioso vocabulário, primeiro quero dizer como você chama a si mesmo desde janeiro deste anno: Peteda Aguça Beleja... Lindo! (o nome da criança era *Marcello Augusto Varella*, que bem autorizou esta citação.)

Peidão – Ceição	Aprina – botão
Pedé – José	Gagás – sapato
Mone – Simone	Abacaqui – abacaxi
Maninha – Irmã	Aguiga – água
Bobô – Angelo José	Bibi – carro
Bagali – Magali	Acada – escada
Abunga – D. Raimunda	Bê – livro qualquer
Bália – Maria	Cença – licença
Pacacão – Dr. Menescal	Bagadicida –
Obrigada	
Abigo – (amigo)Dr. João de Melo	Acá – Venha cá”. (e
outras)	

¹⁹⁷Op. Cit, p. 148.

Hupet¹⁹⁸ observa que as crianças não aprendem as palavras e descobrem em seguida seu sentido. Elas adquirem ou inventam palavras, que não são forçosamente próximas à linguagem adulta, para satisfazer suas necessidades e representar as estruturas profundas complexas. Aos 18 meses, desenvolvem uma regra de gramática eficaz: elas sabem produzir frases de duas ou três palavras. Essas frases curtas não são imitadas nem aleatórias. Nesse período, as crianças dispõem de um vocabulário com cerca de duzentas palavras e formam suas frases dentro de um sistema, por meio do estabelecimento de uma primeira regra.

Uma descrição dessa primeira regra é proposta pelo reconhecimento de duas classes nas quais se dividem as palavras: a classe “pivot” é fechada e contém poucas palavras (não há, freqüentemente, palavras novas); a classe “aberta” é grande e é nela que vai entrar a maior parte das palavras novas. Dessa forma, as crianças falam uma linguagem estruturada que é própria delas. As regras que fazem parte da construção ou compreensão das frases em linguagem adulta são conservadas, as outras são progressivamente modificadas pelas crianças, cuja tarefa é encontrar as regras subjacentes da gramática (estrutura profunda) e “descobrir” o sistema que sustentará a superfície de cada enunciado, ligando a pronúncia ao senso.

Chomsky¹⁹⁹ aborda a aquisição de uma língua por meio da assimilação de um sistema de regras que liga de algum modo o som e o sentido, cuja correlação é ilimitada, o que torna a internalização das regras um fator determinante para a aquisição de uma língua: “A criança não sabe, ao nascer, que língua vai aprender, mas ela deve saber que sua gramática deve ser de tal forma predeterminada, que exclui muitas outras línguas imagináveis”²⁰⁰.

¹⁹⁸HUPET, M. *Psychologie génétique du langage*. Apostila do curso da Université Catholique de Louvain, 1983, p. 22. Inédito.

¹⁹⁹CHOMSKY, N. (1968). *Le langage et la pensée*. Paris: PBP, 1980. p. 46.

²⁰⁰Idem.

As crianças devem aprender a produzir e compreender todas as frases possíveis de uma língua, ou seja, aprender as regras que permitem produzir frases. O acesso à língua materna exige a aceitação de regras transmitidas pela linguagem do outro. Para que isso ocorra, é necessário que a criança tenha adquirido a distinção entre dentro e fora e que já estabeleça trocas sociais com os sons e a língua. Essa última etapa da aquisição da linguagem é difícil para a criança: significa abdicar ao prazer do jogo da glossolalia lúdica para adotar as regras de linguagem.

Uma criança de aproximadamente dois anos e meio, durante um carnaval de rua, depara-se com um sujeito fantasiado: maquiado, enfeitado com colares, calçando uma sandália de salto alto e vestindo uma sunga de banho. O sujeito rebojava ao som da música. A criança, assustada, apontando para o sujeito, dirige-se à mãe: “Quiisso, mãe, quiisso?”. Naturalmente, não conseguiu criar uma palavra que designasse ou classificasse tal figura, de um homem transvestido de mulher. Essa criança, na época, já vinha apresentando a colocação de algumas regras gramaticais, como, por exemplo, a diferenciação entre masculino e feminino, embora ainda o fizesse ao seu modo: “bonzinho – bonzinha”.

A introdução da criança no mundo da linguagem se dá ao mesmo tempo em que o acesso à negatividade, que se relaciona com a experiência de presença e ausência da mãe. A criança, por meio do jogo e das palavras, pode sair do imediatismo, não necessitando mais da presença real dos objetos para reconhecê-los. Freud²⁰¹ analisa uma brincadeira infantil que nos permite compreender como a criança passa a utilizar um fonema para se designar e se introduzir no universo da intersubjetividade. A citação embora longa, merece ser colocada na íntegra:

²⁰¹FREUD, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2. p. 141-142.

Pude observar a primeira brincadeira de um garotinho de um ano e meio criada por ele mesmo. Entretanto, foi mais do que uma observação superficial, pois passei algumas semanas com a criança e seus pais sob o mesmo teto e pude me debruçar nessas observações por certo tempo até que essa atividade enigmática e repetida sem cessar pela criança me revelasse seu sentido. A criança não era de modo algum precoce em seu desenvolvimento intelectual. Com um ano e meio falava apenas algumas palavras compreensíveis e dispunha só de alguns sons significativos que eram entendidos por aqueles à sua volta. Tinha, no entanto, uma boa relação com os pais e uma única empregada da casa; além disso, era elogiada pelo seu “bom” caráter. Não perturbava os pais à noite, obedecia conscienciosamente às proibições de tocar em certos objetos e de entrar em determinados cômodos da casa. Porém, o mais importante é que nunca chorava quando a mãe a deixava por horas, apesar de estar ternamente ligada à mãe, que não apenas a amamentou, como também dela cuidou e a criou sem qualquer ajuda alheia. Essa boa criança passou a apresentar agora o hábito, às vezes incômodo, de atirar todos os objetos pequenos que conseguisse pegar para bem longe de si, para um canto do cômodo, para debaixo de uma cama etc., de modo que juntar seus brinquedos não era uma tarefa fácil. Ao mesmo tempo, com uma expressão de interesse e satisfação, emitia um sonoro e prolongado “o-o-o-o”, que, segundo o julgamento da mãe e do observador, não era uma interjeição, mas significava “fort”. Finalmente me dei conta de que isso era uma brincadeira e de que a criança apenas utilizava seus brinquedos para brincar de “fortsein” com eles. Um dia fiz então uma observação que confirmou minha maneira de ver. A criança estava segurando um carretel de madeira enrolado em um cordão. Nunca lhe ocorria, por exemplo, que poderia arrastá-lo no chão atrás de si para brincar de carrinho com ele, mas, ao contrário, atirava o carretel amarrado no cordão com grande destreza para o alto, de modo que caísse por cima da beirada de seu berço cortinado, onde o objeto desaparecia de sua visão, ao mesmo tempo que pronunciava seu “o-o-o-o” significativo; depois, puxava o carretel pelo cordão de novo para fora da cama e saudava agora seu aparecimento com um alegre “da”. Esta era, então, a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. Em geral, só se via o primeiro ato, que era incansavelmente repetido como uma brincadeira em si, embora o maior prazer estivesse sem dúvida vinculado ao segundo ato. (Esta interpretação foi totalmente confirmada por outra observação posterior. Um dia em que a mãe esteve ausente por muitas horas, foi saudada em seu retorno com as palavras: Nenê o-o-o-o!, que pareceram incompreensíveis de início. Logo ficou evidente que a criança, durante essa longa solidão, havia encontrado um meio de fazer desaparecer a si mesma.

Descobriu sua imagem em um espelho que chegava quase até o chão e acorava-se, para que sua imagem “desaparecesse”). A interpretação da brincadeira então estava clara. Relacionava-se com uma grande aquisição cultural dessa criança: a renúncia pulsional que ela conseguiu efetuar (renúncia à satisfação pulsional), por permitir a partida [Fortgehen] da mãe sem manifestar oposição. A criança se ressarcia dessa perda colocando em cena o desaparecimento e retorno, utilizando para isso os objetos ao seu alcance. Para estimar o valor afetivo dessa brincadeira, é naturalmente indiferente saber se a criança mesma a inventou ou se foi estimulada para tal. Nosso interesse volta-se para outro ponto. Não é possível que a partida da mãe fosse agradável ou mesmo apenas indiferente para a criança. Como então, conciliar com o princípio do prazer o fato de que a criança repete como brincadeira essa experiência dolorosa para ela? Talvez se possa responder que “ir embora” precisaria ser encenado como condição da alegria do reaparecimento, no qual residia o verdadeiro propósito da brincadeira. Mas depõe contra isso o fato de que o primeiro ato, o “ir embora”, era encenado como brincadeira em si, e na verdade com frequência incomparavelmente maior do que a brincadeira inteira levada até o final prazeroso.

Podemos perceber, pelo relato de Freud, que a linguagem é um fator essencial na constituição do Eu. No caso citado, a criança consegue realizar a separação da mãe, investindo em si mesma como objeto, transformando o fonema “o-o-o-o”, que representava a ausência da mãe, para “nenê o-o-o-o”, fazendo aparecer e desaparecer sua própria imagem. Ou seja, a introdução da criança no mundo da língua materna permite passar da voz média, registro do originário e do primário, para a voz reflexiva, registro do secundário.

Sproviero²⁰² faz uma interessante comparação entre a voz média e a evolução da linguagem na criança:

²⁰²SPROVIERO, M. B. (1997). *Linguagem e consciência: a voz média*. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand3/language.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2004.

a criança tem uma linguagem média, ela não diz eu, ela não se destaca do mundo [...] Quando surge a consciência de si, começa a destacar-se um médio-ativo, um eu-e-o-mundo numa relação ainda não partida e o eu sozinho. Numa outra fase, eu já me distingo totalmente do mundo e vejo o mundo como “outro” e eu agindo sobre mim, o médio se torna supérfluo e, vindo a análise, já não se consegue a integração eu-mundo, própria do médio. Nessa linha, até algumas interpretações da Filosofia de Hegel como tentativa de ligar – por um termo médio – sujeito e objeto, precisamente pela perda da forma média.

A dialética hegeliana (*Aufhebung*) explica como uma situação atual sobrepuja a antiga, mas incluindo-a. Sproviero ²⁰³ destaca que a média apresenta esta não-distinção entre sujeito e mundo, enquanto na ativa o Eu aparece distinto do mundo e, na passiva, o mundo é distinto e age sobre o sujeito, como um mundo “mágico”. Como a média se perdeu, para retomar a integração Eu-mundo, foram criadas formas “substitutivas”. A média, segundo o autor, desapareceu também da consciência, passando a existir somente a nível inconsciente. Estabelece, nesse sentido, quase uma dialética: inicialmente, há duas fases – uma fase da média, fase infantil da consciência, correspondendo à consciência mítica, anterior à consciência de si; depois, uma fase em que começa a consciência de si, a consciência ativa coexistindo com a consciência média (não perdida ainda).

²⁰³Idem.

CAPÍTULO 3

O NARCISISMO NA CONSTITUIÇÃO DO EU: DA VOZ MÉDIA À VOZ REFLEXIVA

O nome com que se designa um sujeito, que fala dele como se fosse uma unidade, a imagem refletida no espelho, que produz a ilusão da unidade, tudo isso faz com que se vinculem os atributos de um sujeito. Tudo pode servir para sentir-se único, diferente, desde que receba um olhar que assim o ateste. O lugar que o recém-nascido vem ocupar, que dará origem ao desejo, é marcado pela relação que se estabelece entre a criança e os que dela se ocupam, como presença real, mas também como suportes simbólicos da cultura. Só existe consciência de si porque o outro existe como consciência oposta a ele. O sujeito só se reconhece por intermédio do outro.

Inicialmente indiferenciado do mundo que o rodeia, o Eu encontra no olhar-desejo do outro a possibilidade de se unificar, para então diferenciar sujeito e objeto e vir a ser seu próprio objeto.

Federn²⁰⁴ designa o estado inaugural do Eu como *eu-sujeito*, em contraposição ao *eu-objeto*, como sujeito de um investimento libidinal no momento em que os investimentos não podem ser caracterizados como de um sujeito em relação a um objeto de amor, já que ainda não há distinção entre sujeito e objeto. O autor define esta fase como um momento de configuração da fronteira de Eu, definindo-se como sujeito de um verbo na média, anterior à reflexiva, em que o Eu se apresenta como sujeito e objeto ao mesmo tempo (amar a si mesmo).

A média, conforme os estudos lingüísticos anteriormente analisados, apresenta-se como acentuação do sujeito e impossibilidade

²⁰⁴FEDERN, P. (1929). *La psychologie du moi et les psychoses*. Paris: PUF, 1979.

de distinção entre sujeito e objeto. Benveniste²⁰⁵ afirma que a ativa é a produção de uma ação que enfatiza a posição exterior do sujeito em relação ao processo. Já a média define o sujeito como interior ao processo.

A análise de Sproviero²⁰⁶ apresenta a média como uma não-distinção entre sujeito e mundo, tendo a mesma, na evolução das línguas, se perdido e desaparecido também da consciência, passando a existir somente como inconsciente. Podemos, portanto, dentro desse enfoque, considerar o Eu na fase do narcisismo primário como um sujeito da voz média, no qual todo o acento recai sobre o si mesmo, enquanto o Eu do narcisismo secundário abarca mais o sentido do sujeito da reflexiva, no qual já existe uma distinção entre sujeito e objeto e sendo que o Eu ocupa, nessa fase, o lugar de sujeito e objeto, mas já numa sentido ativo, numa ação que se volta para si mesmo.

Nessa perspectiva, também podemos analisar a regressão que ocorre nos adoecimentos narcísicos como um retorno à média, no qual o Eu volta a ocupar um lugar sujeito-objeto num investimento defensivo de autoconservação, que proteja sua integridade, que se observa nos estados paranóicos, ou se torna impessoal, indeterminado, não conseguindo realizar o movimento de sustentação sequer de um sujeito, restando-lhe apenas a posição objetual, como ocorre nos estados esquizofrênicos.

I – NARCISISMO PRIMÁRIO: DA VOZ MÉDIA À VOZ REFLEXIVA

O Eu desejante só surge por meio do reconhecimento de um outro que o deseja. Freud²⁰⁷ afirma:

²⁰⁵BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002. v. 1-2.

²⁰⁶Op. Cit.

²⁰⁷FREUD, S. (1914). *Á guisa de introdução ao narcisismo*. Obras Psicológicas Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1, p. 99.

É uma suposição necessária a de que uma unidade comparável ao Eu não esteja presente no indivíduo desde o início; o Eu precisa antes ser desenvolvido. Todavia, as pulsões auto-eróticas estão presentes desde o início, e é necessário supor que algo tem de ser acrescentado ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo.

O narcisismo não se define apenas pelo amor a si mesmo, uma vez que tem relação com o outro e é engendrado no desejo de outro: “o ser humano possui dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que cuida dele e, com isso, estamos pressupondo que em todo ser humano há um narcisismo primário”²⁰⁸.

A criança nasce com um corpo biológico e é na relação mãe – bebê, relação esta não apenas autoconservativa, mas já libidinal, que a função materna erogeneiza o corpo do bebê. É a mãe, no momento de desamparo do *infans*, pela sua presença nos cuidados com ele, quem libidiniza o corpo da criança, inscrevendo os traços do gozo corporal. A mãe é o primeiro sedutor, executando todo um processo de apassivação na criança. A teoria freudiana enfoca o bebê seduzido e desamparado que recebe, sobre o seu corpo, uma quantidade de excitação indissociável da função materna, guardando as marcas dessa experiência, inscrita junto ao excesso energético vivenciado, que fica depositado até que algo possa ressignificá-lo. É uma marca que vai além da necessidade. A nova ação psíquica, aludida por Freud, vem do encontro com o olhar, o desejo da mãe, que possibilita ao *infans*, que se vivencia como partes de corpo erotizadas e fragmentadas, ver-se como um corpo unificado, como um “si mesmo”. O processo de apassivação decorre do desejo, do amor que reflete no olhar da mãe: “ela me ama” coloca a criança, ao mesmo tempo, como objeto de desejo da mãe, apassivando-a, como também, ainda na indiferenciação, como objeto de amor de si mesmo. “Ela me ama” e “Eu me amo” representam um só enunciado, fusionado.

²⁰⁸Ibidem, p. 108.

Freud²⁰⁹, na análise do Caso Schreber, propõe uma fase intermediária entre o auto-erotismo e o amor objetal, no qual o sujeito toma a si mesmo, seu corpo, como objeto de amor. Tal fase ele denomina de narcisismo. Nas neuroses narcísicas e nas psicoses, o enfoque dado na teoria freudiana é da retração da libido sobre o Eu, ou seja, o reinvestimento do Eu pela libido que se desinveste do objeto.

Na primeira tópica da concepção freudiana sobre o narcisismo, período que vai de 1910 a 1915, o enfoque dado é de interiorização de relação, como uma *identificação narcísica* com o objeto. O sujeito adquire unidade psíquica por meio da imagem de si mesmo advinda do modelo do outro, na relação dual mãe – criança. Segundo Laplanche e Pontalis²¹⁰, “o narcisismo seria a captação amorosa do indivíduo por essa imagem”. Já na segunda tópica, Freud²¹¹ vai denominar essa identificação como narcisismo secundário:

é preciso que procedamos a um importante aprimoramento da teoria do narcisismo. De início [Uranfang] toda libido está ainda acumulada no Id, enquanto o eu ou se encontra ainda em processo de deformação ou já se formou, mas ainda é frágil. Nessa fase é o Id que emite uma parte desta libido, investindo-a nos objetos. Mais adiante, quando já está mais fortalecido, o Eu tenta se apoderar ele mesmo desta libido objetal enviada pelo Id e busca se impor como objeto de amor ao Id. O narcisismo do Eu é, dessa forma, um narcisismo secundário que foi retirado dos objetos.

O que se observa, na obra de Freud, é a descrição de dois processos: um denominado narcisismo primário e outro, narcisismo secundário. O narcisismo primário é caracterizado por uma indiferenciação entre o Eu e o Id, no momento do encontro originário entre a mãe e a criança. Freud²¹² observa:

²⁰⁹FREUD, S. (1911a). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v. 12.

²¹⁰LAPLANCHE, J.; PONTALIS, B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. Santos: Martins Fontes, 1975. p. 367.

²¹¹FREUD, S. (1923a). p. 55.

²¹²FREUD, S. (1940 [1938]). *Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v. 23. p. 175-176.

Podemos imaginar um estado inicial como sendo o estado em que a energia total disponível de Eros, a qual, doravante, mencionaremos como “libido”, acha-se presente no ego-id ainda indiferenciado e serve para neutralizar as tendências destrutivas que estão simultaneamente presentes [...] É difícil dizer algo do comportamento da libido no id e no superego. Tudo o que sabemos sobre ele relaciona-se com o ego, no qual, a princípio, toda cota disponível de libido é armazenada. Chamamos a este estado absoluto de narcisismo primário. Ele perdura até o ego começar a catexizar as idéias dos objetos com a libido, a transformar a libido narcísica em libido objetal.

Portanto, o narcisismo primário, que ocorre numa fase de indiferenciação entre o Eu e o mundo, encontra-se no registro da voz média, ao passo que o narcisismo secundário, que coloca o Eu como objeto de investimento libidinal, está no registro da voz reflexiva, no qual o investimento é retirado dos objetos e retorna ao Eu.

O Eu inaugura-se no encontro dual entre mãe e filho, que é um encontro de demandas. A mãe demanda que o filho demande e este demanda o que a mãe deseja que ele demande. Há, portanto, uma interligação que impede o reconhecimento da diferença. O narcisismo primário é uma relação na qual o Eu, que está se formando, é igual a ele mesmo e ao outro ao mesmo tempo. A nova ação psíquica que Freud²¹³ coloca como necessária à constituição do narcisismo, Lacan²¹⁴ vai explicitar na concepção do *estádio do espelho*. O narcisismo se apresenta como a imagem que a criança percebe dada no olhar do outro. A criança se vê unificada no olhar, no desejo da mãe. Paradoxalmente, a experiência da criança é de fragmentação, relacionada às experiências de excitação e prazer, que se dão em partes do seu corpo.

A imagem refletida no espelho, segundo Lacan²¹⁵, é dialética:

²¹³Op. Cit.

²¹⁴LACAN, J. (1954-1955). Seminário Livro 2: *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

²¹⁵Ibidem, p. 69.

Toda a dialética que lhes dei a título de exemplo com o nome de estágio do espelho está fundamentada sobre a relação entre, de um lado, um certo nível das tendências vivenciadas – digamos, por enquanto, num certo momento da vida – como que desconectadas, discordantes, despedaçadas – e sempre fica alguma coisa –, e, por outro lado, uma unidade com a qual ele se confunde e se emparelha. Esta unidade é aquilo em que o sujeito se conhece pela primeira vez como unidade, porém, como unidade alienada, virtual. Ela não participa dos caracteres de inércia do fenômeno de consciência sob a forma primitiva, pelo contrário, ela tem uma relação vital, ou contra vital com o sujeito.

A relação entre o Eu e o outro implica a negação do despedaçamento e a identificação com a unidade, para que a imagem possa ser reconhecida. O sujeito fica fascinado por essa imagem, refletida no olhar do outro. Mas ela é virtual: o sujeito não está nela. O que essa imagem reflete é o desejo da mãe. O sujeito encontra-se, então, com a imagem que é de outro, com o desejo do outro. Lacan²¹⁶ analisa:

Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago* [...] A função do estágio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com a sua realidade.

É com a imagem do desejo da mãe que a criança vai se identificar, num movimento dialético, no qual ela parte do não-idêntico, do despedaçado, para a identidade como imagem de unidade refletida no olhar da mãe. A relação dual mãe – bebê funda uma relação una, especular, que é o narcisismo primário. O sujeito vai se constituindo nesse processo de alienação, no qual o Eu é o outro. No narcisismo primário, não existe o outro que não sou Eu, não há o outro enquanto objeto, não há perda. O que existe é a completude: o sujeito sendo o autor e o centro do evento (diátese interna), que caracteriza a voz média.

²¹⁶LACAN, J. (1966). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 97 e 100.

Aulagnier²¹⁷ destaca que o processo primário difere do originário pelo reconhecimento que se estabelece da separação de dois espaços corporais. Tal reconhecimento, advindo da experiência ausência-presença, é representada pela relação que une o separado, na identificação com o desejo do outro, no qual se reconhece e se nega a separação. Os dois espaços encontram-se sobre o desejo de um só, no qual o Eu é o outro. O primário é fundado pelo desejo do outro que erogeneiza a psique. É enquanto fonte de prazer que o objeto tem acesso à psique. A existência do desejo do outro possibilita a construção do sistema fantasmático. Esse sistema remodela o que foi representado como a fonte de um estado de prazer em algo reconhecido como exterior. Na fase do primário, o Eu se constitui como imagem, atividade de reflexão que remete a uma “figuração de uma relação”, relação esta fantasiada entre o desejo da mãe e o prazer da criança:

A representação desta relação implica a ação psíquica que se define pelo termo da introjeção. Introjeção que pressupõe, da parte da psique, a percepção, na cena exterior, da presença de um “sinal” interpretado como prova da presença do outro e como manifestação de seu desejo de dar ou de recusar o prazer. Esta interpretação é, por um lado, a projeção sobre um fragmento do exterior, de um Outro desejante e, por outro lado, a introjeção na cena psíquica de um desejo deste Outro e ao qual a criança responde. A relação estabelecida é de uma dialética simétrica: “prazer do sujeito – desejo do Outro”²¹⁸.

Freud²¹⁹ aponta a dificuldade do narcisismo primário se apreendido pela observação direta. Ele pode ser inferido pela atitude dos pais, que atribuem à criança todas as perfeições, reivindicando para ela os privilégios que um dia renunciaram:

²¹⁷AULAGNIER, P. (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Tradução de Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

²¹⁸Ibidem, p. 77.

²¹⁹FREUD, S. (1914). p. 110.

A criança deve satisfazer os sonhos e os desejos nunca realizados dos pais [...] O comovente amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo renascido dos pais que, ao se transformar em amor objetal, acaba por revelar inequivocamente sua antiga natureza.

O amor por si mesmo, que ocorreu na infância, vai ser dirigido para a criança, o Eu ideal, revivenciando nos pais a satisfação da perfeição e a completude narcísicas.

Mas a criança não consegue permanecer neste estado pleno de satisfação e fascínio e procura recuperar tal experiência por meio de um ideal de Eu: “o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido na infância, durante o qual ele mesmo era seu próprio ideal”²²⁰. A formação do ideal do Eu é influenciada pelo processo educacional, que ocorre primeiro por meio dos pais, posteriormente de seus substitutos, os professores. Uma instância psíquica se forma pela transmissão do que os pais falam ao educar a criança, funcionando como uma *consciência moral*, que se relaciona à satisfação narcísica. Essa instância pode ser observada no delírio paranóide de estar sendo observado, que apresenta o poder dessa instância, de forma regressiva, “como se fosse uma intrusão hostil oriunda do mundo externo”²²¹.

Aulagnier²²² enfatiza a importância do discurso materno que responde à demanda infantil. Segundo a autora, o primário é responsável pela lógica do desejo, relacionando-se à atividade secundária da psique materna: “O primário compreende o conjunto dos protótipos sobre os quais a função da linguagem se apoiará, para operar o trabalho de metabolização que os tornará adequados às leis do processo secundário e da atribuição de sentido, sob a égide do discurso”. Os protótipos se referem aos primeiros modelos sobre a qual a problemática edípica irá se estruturar secundariamente. Este primeiro modelo baseia-se no que deve ser reprimido: o precursor do

²²⁰Ibidem, p. 112.

²²¹Ibidem, p. 114.

²²²Op. Cit, p. 76.

Édipo, no processo primário, constitui-se pelo que os pais se autorizam a manifestar como formas de amor e proibições. O bebê representa a criança do desejo originário do Édipo parental, e os sentimentos a ela dedicados também são sucessores dos sentimentos que os pais vivenciaram em seu tempo.

Tanto Freud (1923) como Aulagnier (1975) colocam a representação de coisa como o antecedente necessário que vai permitir a inclusão da representação de palavra. A representação de coisa está mais próxima do inconsciente, embora as percepções sensoriais, tanto de fora como de dentro, tenham sido anteriormente conscientes. As representações inconscientes se referem a algo que permanecerá desconhecido. Já as representações de coisa que se tornaram pré-conscientes devem-se à conexão que estabeleceram com as representações de palavra correspondentes.

Aulagnier²²³ propõe que a “imagem de palavra”, ao conectar-se à “imagem de coisa”, apresenta produções que levam o primário a adequá-las ao sistema de significação imposto pelo discurso:

A imagem de palavra não é uma criação *ex-nihilo*; ela tem sua fonte no primeiro porta-voz que possui um “seio-leite-falante”. Da mesma maneira, a ação repressiva seria enigmática, se sua origem não residisse na palavra de um representante do Outro já marcado por uma repressão efetuada: transmissão indefinida, de sujeito a sujeito, de um “ter que reprimir”, ao qual nenhum ser que fala – neurótico ou psicótico – pode escapar totalmente.

Segundo Freud²²⁴, as representações de palavra foram anteriormente percepções e podem, como “restos-de-lembranças”, voltar a ser conscientes. Os “restos-de-palavra” têm sua origem nas percepções acústicas, sendo um “resto-de-recordação” da palavra ouvida. A conexão do “resto-de-recordação” da palavra escutada à representação de coisa estabelece um sistema de significações que se diferencia do sistema de significações secundárias pelo fato de estar relacionada à onipotência do desejo da mãe. O que antes era

²²³Ibidem, p. 84.

²²⁴FREUD, S. (1923a).

relacionado à busca de prazer, ligado à excitação da zona sensorial, referindo-se apenas à qualidade sensorial do audível, passa. a partir da atividade do primário, a ser algo que informa a presença ou a ausência da voz, que traz consigo o desejo, independentemente de a zona auditiva experimentar prazer ou desprazer. O processo primário, para Aulagnier²²⁵, “metabolizará a percepção dos elementos sonoros em sinais que informam do desejo do seio em relação ao que escuta”.

Freud²²⁶ enfatiza o sistema sensorial acústico na concepção do psíquico. Ao apresentar um desenho do aparelho psíquico, coloca em destaque um “pavilhão auricular”: “Acrescentemos em nosso desenho ainda a hipótese de que o eu possui um “pavilhão auricular”, que, pelo que se conhece da anatomia cerebral, deve estar localizado somente de um lado e assentar-se sobre o Eu em um ângulo inclinado”. Tal aspecto vai ser explorado por Aulagnier²²⁷ quando a autora aborda a questão do “ver, ouvir, pensar o escutado”. No primário, o que antes era o prazer causado pela excitação da atividade da zona sensorial auditiva, passa a ser um prazer ligado ao desejo que a voz do outro oferece. Tal transformação pressupõe o reconhecimento do seio como objeto separado. A presença da voz vai ser investida ou rejeitada, conforme a significação que o primário vivencia em relação ao desejo do outro sobre a criança.

A voz da mãe é percebida como manifestação do desejo que lhe é imputado, decidindo o afeto que acompanha a percepção e envolvendo todas as outras zonas sensoriais. A ausência da voz implica uma ameaça da não-vivenciação de qualquer experiência de prazer:

²²⁵AULAGNIER, P. (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Tradução de Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979. p. 88.

²²⁶Op. Cit, p. 37..

²²⁷Op. Cit.

toda espera de prazer parcial vai ser acompanhada, também, de uma espera do objeto de prazer da zona auditiva [...] eis porque a voz pode tornar-se este objeto cuja presença será imprescindível, objeto e de um prazer que deverá acompanhar os demais prazeres [...] Este poder lhe conferirá um lugar particular entre os objetos parciais ²²⁸.

Os transtornos psicóticos, denominação esta bastante complexa, como nos faz perceber Freud²²⁹ e Zimermam²³⁰, mostram-nos a voz, na alucinação auditiva e no delírio persecutório, como este objeto tem o poder de impelir todo momento e todo movimento de afastamento, objeto que pode fazer irrupção a cada instante, sem que sua aparição seja previsível.

Um paciente, classificado como esquizofrênico no CID 10, reclamava que não conseguia evacuar e atribuía tal constipação às vozes que sempre o perturbavam, acordado ou dormindo, e que lhe roubavam tudo: os seus sonhos, o seu sangue, os seus cocôs, o seu sobreviver. Tal experiência terrificante expressava-se de forma visível: o paciente, que estava participando ativamente dos momentos terapêuticos, começava, de repente, a “ruminar”, ficava bastante irritado e ia ao banheiro, onde ficava longo tempo tentando evacuar. Como não conseguia, voltava colérico, esbravejando contra seus perseguidores, prometendo a si mesmo exterminá-los. Em outras ocasiões, destituía-se de todos os presentes que por ventura havia ganhado, pois só assim teria de volta os seus cocôs. Só conservava os presentes relacionados à limpeza do seu próprio corpo. Era o único tesouro que se permitia; os outros não podiam lhe pertencer. Então, ele tinha de dá-los em troca de outro tesouro: sua vida. Para ser, ele não podia ter.

Aulagnier²³¹ enfatiza que a relação perseguidor-perseguido só ocorre no primário, já que a ação persecutória se manifesta como uma interdição da separação entre o Eu e o outro, ou seja, após o

²²⁸Op. Cit, p. 93.

²²⁹FREUD, S. (1911a).

²³⁰ZIMERMAM, D. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e prática* – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.

²³¹Op. Cit.

reconhecimento da separação, portadora de significação, que permite a comunicação entre o espaço psíquico do *infans* e da mãe, incluindo a criança num discurso. Este discurso transmite, ao mesmo tempo, o desejo materno como leis e exigências de uma ordem externa, é marcado pela repressão que se realizou outrora na mãe e permite uma libidinização da criança. Esta poderá, então, investir nos objetos, já que os mesmos foram, secundariamente, metabolizados pela mãe: “o humano se caracteriza pelo fato de confrontar, desde a origem, a atividade psíquica a um outro espaço, o qual se revelara sob a forma imposta pelo discurso que fala: discurso que prova a ação exercida pela repressão”²³².

Antes do nascimento da criança já existe um discurso no qual, o sujeito desejante desta criança é filho de uma historia que o concerne, transmitindo um desejo parental que se sucede por meio das gerações. A criança funciona como uma instância repressora ao desejo inconsciente da mãe, servindo de apoio para suas defesas. Dessa forma, o desejo edipiano aparece revertido no desejo de que o filho venha a se tornar pai ou mãe, que possa desejar um filho. A criança, ao nascer, ocupa o lugar de um primeiro objeto desejado: “criança-objeto-mítico”, o que permite a transmissão da interdição necessária à organização do espaço psíquico da criança.

Aulagnier²³³ observa que o desejo de ter um filho é resultado de transformações sintáticas que se operam sobre o enunciado, elaborado no primário, de ser objeto do desejo da mãe:

- ser objeto do desejo da mãe;
- ter um filho da mãe;
- tomar o objeto de desejo da mãe;
- ser o objeto do desejo do pai;
- ter um filho do pai;
- dar um filho ao pai;
- desejar que seu próprio filho se torne pai.

²³²Idem, p. 108.

²³³Op. Cit.

O que permanece nessas transformações é o objeto: a criança. Esse objeto complementar é indissociável do agente do objeto de prazer, que caracteriza o originário: a busca do prazer. O primeiro objeto que se deseja é aquele que se refere a um estado de prazer. Portanto, se a complementaridade é indissociável, não há ainda a diferenciação entre o que se quer ser (ser o desejado pelo seu desejo) e o que se quer ter (ter o objeto desejado pelo desejo). O desejo de ser faz de si o desejado do desejo, tornando-se possuidor deste desejo: o ser o objeto do meu desejo. Ser e ter confirmam uma relação de especularidade. Aulagnier²³⁴ conclui que:

o desejo de “ter uma criança” é herdeiro de um passado que faz deste enunciado a formulação do desejo humano, mas que este desejo, tal qual a mãe o pronuncia, e tal qual ela o imputa à criança, é, paradoxalmente, o que permite à mãe de se colocar como um doador interdito.

Essa interdição demonstra que a criança ocupa a posição dos primeiros destinatários do desejo da mãe: seus pais. No narcisismo primário, há o reconhecimento de um exterior, de uma primeira diferença. O Eu continua sob o domínio do prazer, mas pode utilizar a fantasia, sonhando com a satisfação que ele deseja. A representação de palavra impõe ao primário as representações com qualidade de dizível e consciente, embora ainda submetidos à lógica do princípio do prazer e da indiferenciação, mas o princípio da realidade começa a atuar sobre a presença de um espaço exterior e separado. O princípio do prazer deverá então remodelar o outro espaço, para torná-lo à representação que estabelece entre a relação da criação e o mundo, abandonando a atividade alucinatória.

Freud²³⁵ aponta:

²³⁴Ibidem, p. 120.

²³⁵FREUD, S. (1911b). p. 66.

foi preciso que não ocorresse a satisfação esperada, que houvesse uma frustração, para que essa tentativa de satisfação pela via alucinatória fosse abandonada. Em vez de alucinar, o aparelho psíquico teve então de se decidir por conceber [*Vorzustellen*] as circunstâncias reais presentes no mundo externo e passou a almejar uma modificação real deste.

Uma nova função passa a ser utilizada: não mais se espera que as impressões sensoriais apareçam; vai-se ao encontro delas. A realidade passa a ser modificada pelo agir: “a realidade do pensar torna-se equivalente à realidade exterior e o mero desejar já equivale à realização do desejo ou equipara-se até mesmo à ocorrência do evento desejado”²³⁶. As conseqüências psíquicas da adaptação ao princípio da realidade levam ao processo de busca do objeto, ao amor objetal. Entramos no domínio do secundário e conseqüentemente da reflexiva, que toma o Eu, o si mesmo, como outro e como objeto.

A noção de narcisismo primário, elaborado por Freud inicialmente nos textos do período de 1910 a 1915, localiza-se entre o auto-erotismo e o amor objetal, fazendo surgir a unificação do Eu. Parte do estado indiferenciado entre o sujeito e o mundo externo, para incluí-lo numa história que o antecede, no qual o narcisismo dos pais é herdado pelos filhos, unindo e separando estes de seus antecessores. O encontro dos pais com os filhos revela o desejo e o narcisismo parental. Na identificação primária, o investimento de objeto e a identificação são inseparáveis, relação esta marcada pelo processo de incorporação, no qual a identificação direta e imediata da representação especular captura o filho que existe como a mãe que o vê. A criança é erogenizada e significada pelo desejo da mãe, levando a criança a amar a si mesmo como o outro.

A relação com o objeto mãe é a primeira de todas as relações. Essa relação, a princípio indiferenciada, será a base do desenvolvimento da satisfação libidinal. Nessa ligação, a satisfação de um é também a do outro. Essa relação objetal primária tem como base a interdependência

²³⁶Ibidem, p. 70.

da criança com a mãe Ferenczi²³⁷ destaca que os primeiros contatos do bebê com o mundo se dão por meio dos cuidados maternos, no qual o processo psíquico da criança captura marcas diferenciais das sensações de prazer/desprazer percebidas. Uma qualidade, algo fora do Eu, passa a ser investida, ocupada enquanto espaço psíquico. Essa qualidade é introjetada, constituindo introjeções primitivas ou transferências originárias de energia psíquica, que atuam como matrizes identificatórias.

Ferenczi²³⁸ aborda o registro da memória, assim como Freud²³⁹, como corporal. As primeiras marcas psíquicas significativas da alternância da presença/ausência se instalam após o nascimento. Espaços como boca, pulmões e outros precisam ser preenchidos para que o recém-nascido sobreviva. Os ritmos dos batimentos cardíacos, da respiração, do sugar, da presença e da ausência da mãe impõem o mover-se, no sentido da necessidade de receber coisas do mundo, ligando-as em série de marcas, que serão o caminho pelo qual a pulsão circulará. Por meio das transformações de excitações pulsionais desordenadas em investimentos narcísicos, capturados no processo de introjeção, se configura o narcisismo. Ferenczi²⁴⁰ afirma que o Eu se organiza, incorporando os objetos do mundo exterior e suas propriedades são anexadas e atribuídas ao próprio Eu.

Freud²⁴¹ já apresentava o enfoque abordado por Ferenczi, quando observa que:

no que se refere ao juízo, cumpre ainda observar que sua base é, evidentemente, a presença de experiências corporais, sensações e imagens motoras de si próprio. Enquanto faltarem esses elementos, a porção variável do complexo perceptivo permanece não compreendida, isto é, poderá ser reproduzida, mas não apontará a direção para novas vias de pensamento.

²³⁷FERENCZI, S. *Psychanalyse*. Paris: Payot, 1962.

²³⁸Idem

²³⁹FREUD, S. (1923b). *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 19.

²⁴⁰Op. Cit.

²⁴¹FREUD, S. (1895a). *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974.. v. 1. p. 350

Essa porção variável, Freud²⁴² explicita:

comparando o complexo perceptual com outros complexos congêneres, pode-se decompô-lo em dois componentes: o primeiro, que geralmente se mantém constante, é o neurônio a, e o segundo, habitualmente variável, é o neurônio b. A linguagem aplicará mais tarde o termo juízo a essa análise e descobrirá a semelhança que de fato existe [por um lado] entre o núcleo do ego e o componente perceptual constante e [por outro] entre as catexias cambiantes no *pallium* e a componente inconstante: esta [a linguagem] chamará o neurônio a de coisa, e o neurônio b de sua atividade ou atributo – em suma, de seu predicado.

II – NARCISISMO SECUNDÁRIO: VOZ REFLEXIVA.

As pulsões do Eu, na teoria freudiana, estão relacionadas à autoconservação, dirigindo o homem não à procriação, mas à exaltação de sua pessoa, num movimento narcísico. Nesse sentido, o Eu se coloca como uma representação de si, com funções defensivas e inconscientes, garantindo a integridade do sujeito.

O Eu também tem como atributo um papel inibidor em relação ao processo primário, evitando que as imagens mnêmicas de satisfação ganhem força alucinatória, alterando a percepção da realidade. O Eu inibe as representações de prazer que trazem ameaça à sua integridade, como, por exemplo, o excesso de excitação advindo das exigências originadas das necessidades internas do organismo, que busca a satisfação das mesmas. Os estímulos advindos dessas sensações são vivenciados como desprazerosos.

Segundo a teoria freudiana, a satisfação das necessidades internas se acopla ao corpo, determinando partes como zonas de prazer, desenvolvendo, assim, o auto-erotismo, sem distinção entre o Eu e o mundo externo. Essa fase, denominada narcisismo primário,

²⁴²Ibidem, p. 345.

estabelece a função do Eu enquanto objeto de amor. Segundo Vergote²⁴³, o movimento pulsional dessa fase origina as realidades psíquicas do Eu, como objeto para si-mesmo, do eu-sujeito como objeto de amor:

a emergência do sujeito a si-mesmo se faz então por uma ação libidinal sobre si-mesmo e que se completa por uma ação que dirige a libido em direção ao outro [...] ao ser transformado em sujeito-objeto de sua própria libido, o indivíduo se torna também sujeito-agente.

A partir de então, há uma busca em direção aos objetos, ou seja, a busca de um investimento do outro ocorre sob a égide de um desdobramento do sujeito em sujeito-agente de amor por si-mesmo. Freud²⁴⁴ observa que “o desenvolvimento do Eu consiste em um processo de distanciamento do narcisismo primário e produz um intenso anseio de recuperá-lo”. Por meio do deslocamento da libido em direção a um ideal de si, há a substituição do narcisismo primário, buscando recuperá-lo na forma de um Ideal de Eu, imposto externamente, cuja realização traz a satisfação da busca do prazer. Esse ideal, que tem tanto uma parcela individual, quanto também social, é o precursor do Supereu.

O Eu Ideal, que se constitui no estágio do espelho, traduz o narcisismo primário, a dimensão imaginária e idealizada relacionada ao narcisismo dos pais e que confere ao sujeito uma sensação de onipotência. Entretanto, os pais não projetam apenas seu narcisismo, mas também o que é da ordem do recalcado. O Eu, então, ficará comprometido em ter de ser/fazer/cumprir determinadas demandas para ser amado e reconhecido.

O Ideal do Eu refere-se ao narcisismo atravessado pela castração e está no registro do imaginário. Para que se constitua, tem de haver uma distância, na qual o sujeito verá algo que ele ainda não é, formulando um Eu que sustenta um ideal. A formação do ideal é

²⁴³VERGOTE, A. “Le sujet em psychanalyse”. In: *Problèmes de psychanalyse* (recueil de textes; collection recherches et débats). Paris: Desclée de Brouwer, 1978. p. 24.

²⁴⁴Op. Cit., p. 117.

condição para a repressão, que se liga ao complexo de castração, elemento essencial do complexo edípico. É pela castração que a criança abandona o Eu Ideal, mudando-o para a nova forma do Ideal do Eu.

Lacan ²⁴⁵ situa o Eu Ideal na dimensão imaginária, enquanto a transformação que o sujeito sofre ao se deparar com a sua imagem. O Ideal do Eu tem uma dimensão simbólica e refere-se à relação com o outro:

O *Ich-Ideal*, o ideal do eu, é o outro enquanto falante, o outro enquanto tem comigo uma relação simbólica, sublimada, que no nosso manejo dinâmico é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente da libido imaginária [...] O *Ich-Ideal*, enquanto falante, pode vir situar-se no mundo dos objetos ao nível do *Ideal-Ich*, ou seja, ao nível em que pode produzir essa captação narcísica com que Freud nos martela os ouvidos, ao longo desse texto.

No Ideal do Eu, o narcisismo se vê relacionado à ordem simbólica e assinala uma dimensão de falta pela qual o desejo pode circular.

Segundo Freud²⁴⁶, a idealização é um processo em que o objeto é engrandecido e exaltado e pode ocorrer tanto na libido do Eu como na libido objetal. A idealização se refere ao objeto:

A formação do ideal-do-Eu é muitas vezes confundida com a sublimação da pulsão, o que prejudica sua compreensão. Aquele que trocou seu narcisismo pela veneração de um ideal-de-Eu elevado não conseguiu necessariamente sublimar suas pulsões libidinais. Embora para ser alcançado o ideal-de-Eu requeira tal sublimação, ele não pode forçá-la. A sublimação continua sendo um processo especial, e ainda que, de início, possa ser motivado pelo ideal, a ocorrência ou não da sublimação independe dessa motivação [...] o eu lançou os investimentos libidinais aos objetos. Ele empobreceu em favor desses investimentos e do ideal-do-Eu e voltará a enriquecer-se tanto pelas satisfações obtidas com os objetos como pela via da realização do ideal.

²⁴⁵LACAN, J. (1953-1954). Seminário Livro 01: *os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. p. 166.

²⁴⁶FREUD, S. (1914). *À guisa de introdução ao narcisismo*. Obras Psicológicas Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1. p. 113 e 117.

A existência de obstáculos que impeçam o Ideal de Eu de levar a satisfação até os objetos faz voltar à vertente sexual para ser novamente o seu próprio ideal, inclusive em relação às aspirações sexuais. Já em relação aos obstáculos reais à satisfação narcísica, o ideal sexual poderá ser utilizado sob a forma de escolha objetal narcísica:

amaremos aquilo que fomos e deixamos de ser, ou aquilo que possui qualidades que nunca teremos. Uma fórmula paralela à anterior seria: será amado aquilo que possui uma qualidade que falta ao Eu para chegar ao ideal²⁴⁷.

Pode-se afirmar que o Ideal do Eu poderá se constituir o herdeiro, o sucessor do Eu Ideal, e abre o campo da temporalidade no narcisismo. O narcisismo do Eu Ideal é transferido para os ideais que o sujeito se esforçará para alcançar, por meio da promessa de restituição, pelo menos em parte, do encanto narcísico perdido.

O Ideal do Eu seria uma nova forma de ideal, já atravessada pelos valores culturais, morais e críticos, forma por meio da qual o sujeito procura recuperar a perfeição narcísica outrora desfrutada. Freud ²⁴⁸ refere-se à formação do ideal como o fator condicionante do recalque. Tanto o Ideal do Eu quanto o Eu Ideal são formas de alteridade necessárias à constituição do Eu. Lacan²⁴⁹ aborda que a identificação ao Ideal do Eu:

permite ao homem situar com precisão a sua relação imaginária e libidinal ao mundo em geral. Está aí o que lhe permite ver o seu lugar, e estruturar, em função desse lugar e do seu mundo, seu ser [...] O sujeito vê o seu ser numa reflexão em relação ao outro, isto é, em relação ao ideal do eu.

Ao analisar a obra de Schreber ²⁵⁰, Freud²⁵¹ aborda aspectos do narcisismo, observando questões que estabelecem relações entre o Eu

²⁴⁷Ibidem, p. 118.

²⁴⁸ Idem

²⁴⁹Op. Cit, p. 148.

²⁵⁰SCHREBER, D. P. (1903). *Memórias de um doente dos nervos*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

²⁵¹FREUD, S. (1911). p. 95.

Ideal e o Ideal do Eu: “o processo da repressão propriamente dita consiste num desligamento da libido em relação às pessoas – e coisas – que foram anteriormente amadas [...] É bem possível que um desligamento da libido seja o mecanismo essencial e regular de toda repressão”. Ao estabelecer a diferenciação que propõe para a paranóia, Freud²⁵² observa que:

Em geral, contudo, não são de muito grande importância as denominações que damos aos quadros clínicos. O que me parece mais essencial é que a paranóia deve ser mantida como um tipo clínico independente, por mais frequentemente que o quadro que ofereça possa ser complicado pela presença de características esquizofrênicas. Do ponto de vista da teoria da libido, embora se assemelhe à demência precoce na medida em que a repressão propriamente dita em ambas as moléstias teria o mesmo aspecto principal – desligamento da libido, juntamente com sua regressão para o ego –, ela se distinguiria da demência precoce por ter sua fixação disposicional diferentemente localizada e por possuir um mecanismo diverso para o retorno do reprimido (isto é, para a formação de sintomas).

Freud²⁵³ conclui, estabelecendo a diferença entre a demência precoce e a paranóia, que naquela:

a regressão estende-se não simplesmente ao narcisismo (manifestando-se sob a forma de megalomania), mas a um completo abandono do amor objetal e um retorno ao auto-erotismo infantil. A fixação disposicional deve, portanto, achar-se situada mais atrás do que na paranóia e residir em algum lugar no início do curso do desenvolvimento entre o auto-erotismo e o amor objetal.

A partir desse enfoque, podemos abordar que a esquizofrenia está relacionada ao Eu Ideal. O sujeito fica aprisionado na imagem especular, na qual ele é não sendo, já que Lacan²⁵⁴ aponta a dialética permanente do reconhecimento de um Eu, que só pode adquirir uma unidade por meio do desejo do outro, no qual se constituiu para negar

²⁵²Ibidem, p.100.

²⁵³Ibidem, p. 102.

²⁵⁴LACAN, J. (1953-1954). Seminário Livro 01: *os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

aquilo que é: um corpo fragmentado em pulsões parciais advindas do processo psíquico originário.

Freud²⁵⁵ acentua que “a paranóia deve ser mantida como um tipo clínico independente”. Entretanto, após tal afirmação, observa que:

podemos compreender como um quadro clínico como o de Schreber pode ocorrer e merecer o nome de demência paranóide, a partir do fato de que, na produção de uma fantasia de desejo e de alucinações, ele apresenta traços parafrênicos, enquanto na causa ativadora, no emprego do mecanismo de projeção e no desfecho, exhibe um caráter paranóide. Porque é possível que diversas fixações sejam abandonadas no curso do desenvolvimento, e cada uma delas, sucessivamente, pode permitir uma irrupção da libido que havia sido impelida para fora – começando talvez com as últimas fixações adquiridas, e passando, à medida que a moléstia se desenvolve, às originais, que se acham mais perto do ponto de partida.

O que chama atenção nesse enfoque abordado por Freud é a possibilidade apresentada sobre o início do adoecimento se dar nas últimas fixações adquiridas. O desenvolvimento dessa idéia nos leva ao encontro da paranóia como uma fixação no segundo momento do narcisismo, o secundário, se relacionando ao Ideal do Eu. Este, como sucessor do Eu Ideal, tem como essência a relação com o outro, diferenciado e separado do Eu, e está no registro do simbólico, o que explica as “teorias” construídas em torno de um conflito marcado pela castração presente no discurso do outro falante. Tal enfoque é reforçado quando Freud²⁵⁶ aponta:

Pode-se suspeitar, contudo, que aquilo que capacitou Schreber a reconciliar-se com sua fantasia homossexual e possibilitou à sua moléstia terminar em algo que se aproxima de um restabelecimento, pode ter sido o fato de que seu complexo paterno achava-se, principalmente, afinado de maneira positiva, e que, na vida real, os anos finais de seu relacionamento com um pai excelente provavelmente não foram tempestuosos.

²⁵⁵Op. Cit., p. 102-103.

²⁵⁶Ibidem, p. 103.

Segundo Green²⁵⁷, no narcisismo secundário, a regressão narcísica tem a significação de “selar o signo de uma pertença de si para si e de si ao outro”. A diferença, a separação entre a mãe e a criança, é compensada pela investidura narcísica. O Eu propõe-se como objeto de amor, tomando do objeto traços emprestados, permitindo o sentimento de que eles o tornam independente frente ao desejo. O narcisismo secundário apóia-se no objeto, no Ideal do Eu, que é atravessado por valores culturais, morais e críticos.

Assim como na esquizofrenia há uma regressão ao Eu Ideal, a paranóia se relaciona a uma regressão ao Ideal do Eu. O Eu Ideal é marcado pela indiferenciação, na qual o sujeito é sustentado pela imagem que o outro faz dele: não há separação entre o que outro deseja e vê e o Eu. Há uma unificação do Eu que se dá por meio da fusão com a imagem percebida no olhar da mãe, ou seja, no desejo da mãe. As experiências de despedaçamento experimentadas no adoecimento esquizofrênico nos remetem à fixação em um tempo narcísico em que o Eu Ideal estava em formação. A fala de um paciente com sua mãe mostra claramente essa fusão.

O paciente, que permaneceu três noites sem dormir, saiu para votar (dia de eleição para Presidente da República) e diz ter votado em Deus: *Eu votei em todos, votei na suprema personalidade de Deus, Capitão América*. Após registrar seu voto, foi com a esposa e o filho (fantasiado de Capitão América) para o Parque da Cidade. Um dia antes, acreditando ser São Pedro, fez o voto de Cristo, e então todos os pecados do mundo passaram a ser seus, para que todos pudessem ser deuses, e ele, o único homem responsável. No parque, pegou uma pedra (Pedro – pedra) e pediu mentalmente ajuda. Deixando-se levar, foi caminhando de olhos fechados. Ao se aproximar de um espinheiro (*sic*), um transeunte avisou-lhe que poderia se machucar. Ele encostou a mão no rapaz, sentiu uma fígada no rosto e achou que estava chorando sangue. Achou que o rapaz era Deus Pai. Perdeu-se da

²⁵⁷GREEN, A. . *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

esposa e do filho e ficou andando no parque até tarde. De madrugada, dirigiu-se à casa de sua mãe, mas não entrou *para não incomodá-la*. De manhã, encontrou um senhor que pensou ser Deus Pai e pediu que o abraçasse. Um transeunte levou-o até a emergência psiquiátrica do Hospital de Base, onde foi admitido e encaminhado posteriormente para tratamento no Hospital Dia. Chegou à clínica acompanhado de sua mãe. Enquanto esperava o atendimento, travou com ela o seguinte diálogo:

Paciente: Mãe, você gosta de mim?

A mãe faz um gesto duvidoso, de quem gosta e não gosta e sorri para o filho.

Paciente: Então você não gosta.

Mãe: Eu não gosto quando você faz estas coisas, foge, fica desse jeito (e ri).

Paciente: Então eu vou ser obediente.

Mãe: Quero que você apenas concorde com o que estou dizendo, que é o melhor para você.

Paciente: Concorde. É isso! Cor de coração. Coração com. Batendo junto. O meu e o seu.

Mãe: E você sabe que tenho problema cardíaco. Não posso ter preocupações. Posso passar mal.

O paciente sai repentinamente, assustado, à procura de um médico, pois não queria morrer. Nesse extrato, que traz elementos para muitas interpretações, queremos, no momento, observar a fusão do paciente com a mãe. Quando sai, apressadamente, em busca de ajuda médica, nos deparamos com a experiência de aniquilamento que deixa o paciente apavorado: se o coração da mãe parasse de bater, o seu também pararia.

Já em relação ao Ideal do Eu, o Eu é investido enquanto objeto, separado do outro. Não há mais fusão. A libido, antes direcionada aos objetos, retorna ao Eu e este é colocado como objeto de investimento. Estamos no registro da reflexiva. O enunciado “Eu me amo.” indica esta relação. Amar é um verbo transitivo direto e exige complementação de um objeto. O objeto, no caso, é a própria pessoa. Apesar de o agente coincidir com o objeto, há uma separação. No caso da média, propriamente dita, conforme abordamos no capítulo 1,

estariamos mais próximos dos verbos depoentes, no qual o Eu é o centro do evento, como, por exemplo “Eu nasci”. Não se nasce, no sentido restritivamente ativo, nem se é nascido, no sentido totalmente passivo do termo (embora em inglês tenhamos “*I was Born.*”).

A díade relacional que marca o narcisismo primário, processo este sem diferenciação, abarca exatamente a característica dos verbos depoentes, denominados de médios por Benveniste²⁵⁸:

São médios os verbos nascer [...] morrer [...] seguir [...] falar [...] são colocados nessa classe verbos que, de acordo com pelo menos duas línguas, garantem a diátese antiga conservando-a no uso histórico [...] Seria fácil alongar essa lista com a ajuda de verbos que são, para cada língua específica, médios [...] o sujeito é centro ao mesmo tempo que ator do processo; ele realiza algo que se realiza nele, nascer, dormir, imaginar, crer etc. Ele é interior ao processo do qual ele é agente (*tradução nossa*).

No narcisismo secundário, ocorre uma escolha objetual narcísica, na qual o Eu é sujeito e objeto do investimento. Nesse sentido, estamos no registro da média reflexiva, denominada em português de reflexiva. Trata-se agora de verbos que pedem um objeto, que fazem uma relação, direta ou indireta, com um complemento. O enunciado “Eu me amo.” é reflexivo, pois tanto o sujeito quanto o pronome, que é o objeto da ação do sujeito, se relacionam à primeira pessoa. No enunciado “Ele me ama.”, a voz é ativa, embora com sentido reflexivo, já que a ação recai sobre a própria pessoa da enunciação; neste caso, sujeito e pronome não se referem ao mesmo sujeito do enunciado, mas o sujeito do enunciado e o objeto da ação se referem à mesma pessoa. Sabemos que apenas os verbos que fazem a relação direta, sem auxílio de preposição, de mediação com o objeto, podem sofrer transformação passiva. Teremos esse aspecto mais explicitado quando abordarmos a questão do masoquismo.

Retomando a questão narcísica secundária, Green²⁵⁹ afirma:

²⁵⁸BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002. v. 1-2. p. 172.

o que temos que compreender é que, da díade primitiva mãe-criança ao Eu unificado, um conjunto de operações interveio: a separação dos dois termos desta díade que abandona a criança à angústia de separação, à ameaça de desintegração e à superação do *Hilflosigkeit* pela constituição do objeto do Eu “narcisado”. Este último encontra no amor que tem por si mesmo uma compensação pela perda do amor fusional, expressão de sua relação com um objeto consubstancial. O narcisismo é, portanto, menos um efeito de ligação do que de religação.

Portanto, o desenvolvimento do Eu e da libido é concluída por meio do reconhecimento do objeto em si mesmo pelo Eu. O Eu se tornou seu próprio objeto de investimento. Green²⁶⁰ aponta que é necessário que “os investimentos do Eu se enriqueçam com um outro investimento endereçado a um objeto integralmente idealizado com o qual se fundira, de maneira como procedia com o objeto primário”.

O investimento do processo de identificação tem, pois, sua origem nas pulsões auto-eróticas, convertendo posteriormente os outros em objetos de amor. Esse movimento libidinal narcísico permanece no Eu, como pode ser visto nos estados regressivos dos adoecimentos narcísicos. O processo fundamental do Eu se constitui na identificação, que progressivamente promove uma posição relacional com a assimilação do Eu voltado para o outro, permitindo assim um processo de transitividade que caracteriza a posição da ativa. Segundo a teoria da lingüística cognitiva, como observa Langacker²⁶¹, a transitividade representa uma interação energética assimétrica entre dois participantes, reduzindo-se sempre que não fica estabelecida uma relação energética entre dois participantes distintos e claramente especificados. As diferentes diáteses (vozes ou posição do sujeito na construção) implicam variações na transitividade, sendo que a valência da transitividade se reduz nas construções reflexivas, médias, passivas e impessoais, deixando de apresentar dois participantes centrais distintos em interação assimétrica. A identificação é condição de

²⁵⁹Op. Cit., p. 26.

²⁶⁰Ibidem, p. 23.

²⁶¹LANGACKER, R. W. “Foundations of cognitive grammar”. In: *Theoretical prerequisites*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 1987.

entrada no Édipo, estabelecendo uma transitividade que permite interditar uma posição sujeito-objeto indiferenciada, na qual o investimento fica aprisionado sobre si mesmo e para si mesmo e impede que o Eu se transforme em um sujeito desejante e submetido à ordem cultural.

III – MASOQUISMO PRIMÁRIO: DA VOZ ATIVA À PASSIVA

É na constituição do masoquismo primário que o circuito da pulsão se completa. Freud²⁶² expõe três formas de masoquismo: erógeno primário, feminino e moral. Ao definirmos o masoquismo como um prazer na dor, ou um prazer no desprazer, nos deparamos com a questão do funcionamento do princípio de prazer. Freud²⁶³ destaca:

a existência de uma vertente [*Strebung*] masoquista na nossa vida pulsional é um fenômeno assaz enigmático. Afinal, se o princípio de prazer domina os processos psíquicos a tal ponto que estes têm como meta imediata obter o prazer e evitar o desprazer, não há como se compreender o masoquismo. Quando a dor e o desprazer deixam de ter a função habitual de alarmes e, ao contrário, passam a ser metas almejadas, o princípio de prazer fica totalmente fora de combate, ou seja, o guardião de nossa vida psíquica fica paralisado.

O desprazer deixa de ser um aviso vital, passando a ser uma meta em si mesmo, o que significa que um sujeito pode renunciar à satisfação de suas necessidades vitais e colocar sua vida em perigo. A noção de desprazer foi abordada por Freud em relação ao aumento de excitação interna provocada pelas necessidades da criança. A satisfação da necessidade leva à experiência de satisfação. Quando a criança tenta obter tal satisfação alucinatoriamente, acaba por

²⁶²FREUD, S. (1924c). *O problema econômico do masoquismo*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 3.

²⁶³Ibidem, p. 105..

desapontar-se, pois essa atividade apenas adia, mas não encontra a satisfação real. Esse desapontamento, que se relaciona ao princípio da realidade, é fundamental para o desenvolvimento libidinal da criança.

Nesse enfoque, o masoquismo primário permite à criança suportar o desprazer provocado pela excitação, constituindo-se em um mecanismo de proteção contra a pulsão de morte. Sem ele, haveria a exclusão de toda a excitação e, com isso, “a passagem de estado de instabilidade, inerente à vida, à estabilidade do estado anorgânico”²⁶⁴. A satisfação da pulsão de morte é a redução da excitação ao nível zero, e o masoquismo erógeno primário é, ao contrário, o prazer pelo aumento da excitação. Tem por função assegurar a continuidade da excitação e evitar uma ruptura na vida psíquica.

Todavia, se o masoquismo primário pode ser visto como proteção, também pode tornar-se extremamente ameaçador, quando exacerbado. A ação mortífera da satisfação masoquista encontra-se nos casos de mutilações graves que alguns psicóticos se infligem, ou mesmo nas passagens ao ato, que a clínica nos expõe no seu cotidiano. O superinvestimento masoquista da excitação enfraquece as defesas do Eu, em especial a projeção. Ocorre um abandono do objeto, mesmo que ele seja narcísico. Os atos de suicídio com os quais nos defrontamos na clínica deixam bem clara a questão do “masoquismo mortífero”. O sujeito investe masoquistamente todo o sofrimento, todo o desprazer, sem possibilidade de deslocamento da pulsão de morte para o exterior.

Freud²⁶⁵ observa:

²⁶⁴Ibidem, p. 106.

²⁶⁵Ibidem, p. 109.

a pulsão de morte teria como meta desfazer esses seres e conduzir cada um dos organismos elementares ao estado de estabilidade anorgânica (apesar de essa estabilidade ser, na verdade, apenas relativa). Caberia, pois, à libido a tarefa de tornar inofensiva essa pulsão destrutiva. Para tal, ela [...] desviaria grandes parcelas da pulsão de morte para fora, dirigindo-as contra os objetos do mundo externo [...] a pulsão de morte passaria, então, a atuar como pulsão de destruição, pulsão de apoderamento ou como vontade de exercer poder.

O relato, descrito anteriormente, do paciente que era perseguido pelas vozes que roubavam “o seu sangue, os seus sonhos, os seus cocôs, o seu sobreviver”, leva-nos a inferir que sua cólera contra tais “perseguidores” o impedia de continuar tentando retirar suas fezes de forma bastante invasiva e agressiva, que certamente causavam muita dor e muito prazer. Assim como Schreber (*apud* FREUD)²⁶⁶, que também sofria a influência perseguidora de Deus:

O comportamento de Deus na questão da premência de evacuar (ou ‘c...r’) leva-o a um grau especialmente alto de indignação [...] Ele pode, portanto, continuar a repetir as mesmas atormentadoras provações, milagres e vozes, sem alteração, ano após ano, até que, inevitavelmente, torna-se motivo de riso para a vítima de suas perseguições.

A projeção, ou deslocamento, para o exterior é uma defesa primária contra a ameaça de destruição interna, advinda da pulsão de morte, que dirige para o exterior a maior parte dessa pulsão. Mas uma outra parte permanece no interior do Eu e fica ligada libidinalmente, a serviço da função sexual, constituindo-se no núcleo do masoquismo primário:

²⁶⁶FREUD, S. (1911a). p. 42 e 44.

assim, esse masoquismo seria o testemunho e um resquício da antiga fase de formação tão essencial para a vida, em que houve um amálgama [*Legierung*] entre a pulsão de morte e Eros. Portanto, não devemos nos espantar em ouvir que, sob certas circunstâncias, o sadismo – ou pulsão de destruição – projetado e voltado para fora, poderá novamente ser reintrojetado, redirecionado para dentro, regredindo assim à sua antiga condição e resultando, então, em um masoquismo secundário que se somaria ao masoquismo original²⁶⁷.

Portanto, podemos inferir que existe uma fusão pulsional primária ao masoquismo erógeno primário. O Eu não pode se constituir sem essa fusão. A pulsão de morte precisa estar ligada para que o Eu não seja destruído.

Essa questão, abordada por Martins²⁶⁸, enfatiza a importância das fantasias originárias na constituição do Eu, conforme apresentado a seguir:

QUADRO 10

OS MODOS DE ANGÚSTIA E AS FANTASIAS ORIGINÁRIAS

Angústia preferencial	Separação	Vazio	Moral	Despersonalização
Fantasia originária	Retorno ao seio	Sedução	Cena originária	Castração

²⁶⁷Op. Cit., p. 110.

²⁶⁸MARTINS, F. *O complexo de Édipo*. Brasília: EdUnB, 2002. p. 106.

relacionamos diretamente os tipos preferenciais de angústia às fantasias originárias. Isto tem uma razão, posto que entendemos as fantasia como o modo mais espontâneo que o psiquismo trabalha. Neste sentido, as fantasias originárias são as disposições ou soluções encontradas pelo psiquismo em diferenciação nos primeiros anos de vida. Tanto quanto a angústia, elas são incontrolláveis e são o resultado de como o próprio psiquismo elaborou questões cruciais humanas para o pequeno ser. A angústia pressupõe um mínimo de diferenciação egóica. Ela evidencia como o psiquismo e o Eu passam a elaborar o estado ideal de narcisismo primário, onde não existe lugar para a diferença, e para a falta do objeto amado. Por outro lado, no extremo paternal, ela se apresenta como possibilidade de aniquilamento do Eu representação-sensação, através da angústia de castração. Via de regra trata-se de uma angústia que tem origem no funcionamento simbólico, ou seja, na possibilidade de ocorrência de algo imaginado e tomado como possível. Em síntese, a chamada angústia de castração se funda naquilo que Peirce chamou de consciência do futuro, naquilo que Kiekergaard chamou de desespero radical ou na terceira forma de desespero humano, que é daquele Eu que assume as responsabilidades face ao mundo, independente de sua eventual angústia. Neste último caso, a angústia é a doença mortal, justamente pelo fato do ser humano ter um Eu.

Laplanche²⁶⁹ propõe uma reflexão sobre o tema da pulsão na obra de Freud, abordando as questões da sexualidade, do Eu e da pulsão de morte. No capítulo cinco, ao introduzir a agressividade e o sadomasoquismo Laplanche²⁷⁰ confirma clinicamente os destinos pulsionais apresentados por Freud²⁷¹:

- 1º tempo: “Meu pai espanca a criança que odeio”.
- 2º tempo: “Meu pai me espanca”.
- 3º tempo: “Espanca-se uma criança”.

²⁶⁹LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

²⁷⁰FREUD, S. (1915a). *Pulsões e destinos das pulsões*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1. p. 100 e 101.

²⁷¹Idem.

O primeiro tempo da fantasia de espancamento se relaciona ao ciúme da criança e aos seus interesses egoístas. Freud²⁷², em questão ao caráter sexual ou sádico dessa fantasia: “Assim, talvez possamos dizer, em termos que recordam a profecia feita pelas Três Feiticeiras a Banquo: ‘Não claramente sexual, nem sádica, em si, mas ainda assim a natureza da qual ambos os impulsos surgirão depois’”. Laplanche²⁷³, ao analisar o paradoxo apontado por Freud, insiste no aspecto agressivo da primeira fase em um plano pré-sexual, que estaria relacionado a um triângulo de rivalidade estabelecido pelo “complexo fraternal”, envolvendo os irmãos: “sobretudo, porém, na estrutura, o triângulo em questão não é o triângulo edípiano: ego(menina)-pai-mãe, mas o triângulo rivalitário designado, em outras ocorrências, como “complexo fraternal”: ego-pais-irmão ou irmã. Em nota de rodapé, acrescenta:

Não queremos dizer, evidentemente, que esse triângulo “rivalitário” seja “anterior”, cronologicamente, ao triângulo “sexual” do Édipo”. E explicita: “a sexualidade recém-formada parece poder tomar como ponto de partida qualquer coisa: naturalmente, as funções vitais, mas também, em última análise, a própria relação “edípiana”, no seu conjunto, considerada como relação natural, tendo uma função de preservação e de sobrevivência.

Na passagem do primeiro tempo para o segundo tempo da fantasia, Freud²⁷⁴ vai transformar a fantasia em: “O meu pai não ama essa outra criança, ama apenas a mim”. Freud supõe que tal fantasia já envolve uma excitação genital, que se satisfaz por meio de um ato masturbatório. Essa segunda fase, caracterizada pelo amor incestuoso, sofre uma repressão e com ela um sentimento de culpa,

²⁷²FREUD, S. (1919). *Uma criança é espancada*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 17. p. 234.

²⁷³LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. p. 104.

²⁷⁴FREUD, S. (1919). *Uma criança é espancada*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 17. p. 234.

resultante da instância auto-observadora, a “consciência moral”, apresentada por Freud²⁷⁵ ao focar o tema do narcisismo:

Não seria de admirar se encontrássemos uma instância psíquica especial que, atuando a partir do ideal-de-Eu, se incumbisse da tarefa de zelar pela satisfação narcísica e que, com esse propósito, observasse o Eu atual de maneira ininterrupta, medindo-o por esse ideal. Contudo, se existir uma instância como essa, é claro que será impossível descobri-la de fato; poderemos apenas distingui-la e demarcá-la. Nesse sentido, se atentarmos para o fato de que aquilo que habitualmente designamos consciência moral possui exatamente as características da instância que descrevemos, poderemos considerar que tal instância existe e atua.

O sentimento de culpa pune a criança fantasiante, invertendo a fantasia em “Não, ele não ama você, pois está batendo em você.”, tornando-a masoquista²⁷⁶.

Freud²⁷⁷ observa:

‘O meu pai me ama’ queria expressar um sentido genital; devido à regressão, concerte-se em ‘O meu pai está me batendo (estou sendo espancado pelo meu pai)’. Esse ‘ser espancado’ é agora uma convergência do sentimento de culpa e do amor sexual. *Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação*, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios. Aqui temos, pela primeira vez, a essência do masoquismo [...] Essa segunda fase – a fantasia da criança ser espancada pelo pai – permanece, via de regra, inconsciente, provavelmente em consequência da intensidade da repressão [...] e só pode ser reconstruída no decorrer da análise.

A segunda fase é, portanto, inconsciente e inacessível, sendo puramente fantasmática, e foi designada por Freud como “fantasia original” [*Ursprüngliche Phantasie*]. Laplanche²⁷⁸ enfatiza, sobre a

²⁷⁵FREUD, S. (1914). *Á guisa de introdução ao narcisismo*. Obras Psicológicas Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1. p. 113.

²⁷⁶Op. Cit., p. 236.

²⁷⁷Ibidem, p. 237 e 238.

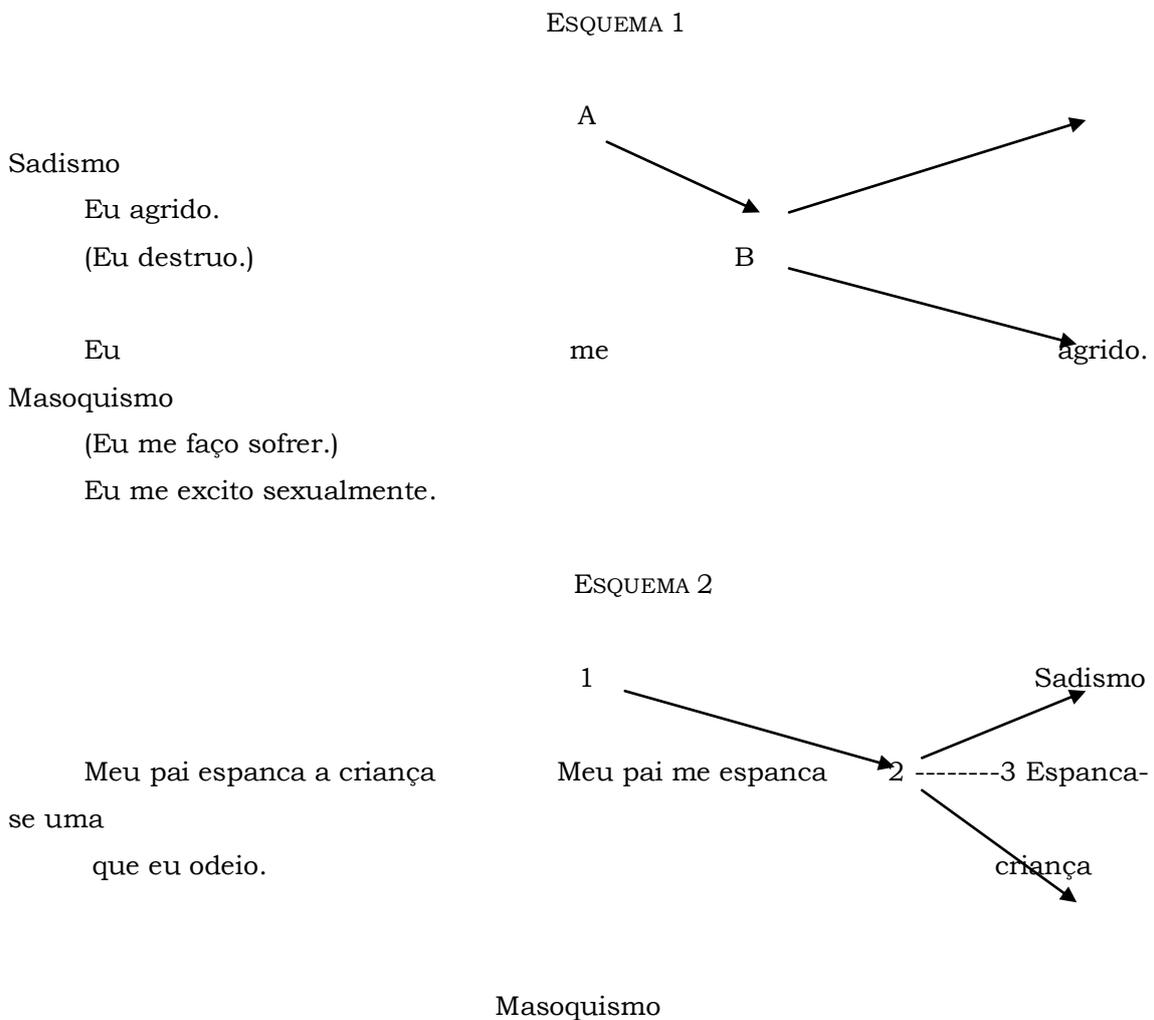
²⁷⁸LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. p. 103.

passagem do primeiro ao segundo tempo, o surgimento do auto-erotismo:

Na passagem para o estágio dois que aparecem, num só movimento, a fantasia, o inconsciente e a sexualidade, na forma de excitação masoquista. Além disso, no conteúdo fantasmático, a passagem da primeira fase para a segunda, comportando um “retorno contra a própria pessoa”, nos encoraja a lembrar o esquema da gênese da pulsão sadomasoquista.

Laplanche²⁷⁹ apresenta dois esquemas que, ele próprio admite, são passíveis de discordâncias e variáveis.

QUADRO 11
PULSÃO SADOMASOQUISTA



²⁷⁹Ibidem, p. 103.

Vejam os que Laplanche propõe para a elucidação das relações existentes entre os enunciados propostos no esquema 1. Antes de mais nada é preciso ressaltar que Laplanche²⁸⁰ enfoca a noção de agressividade, tanto auto quanto hétero, como de essência não sexual:

Entretanto, uma vez nitidamente afirmada a *coaptation* do texto freudiano e dos significantes que utiliza com a dialética daquilo que ele descreve, nós leitores de Freud somos obrigados, para melhor controlar e detectar os deslizamentos em jogo, a forçar na criação de uma terminologia mais rígida: reservaremos, pois, os termos sádico (sadismo), masoquista (masoquismo) para tendências, atividades, fantasias etc., que comportam necessariamente, de modo consciente ou inconsciente, um elemento de excitação ou de gozo sexuais. Assim nós os distinguiremos da noção de agressividade (auto ou heteroagressividade) que, então, será considerada como de essência não sexual. Essa distinção prévia não supõe em absoluto a existência efetiva de uma agressividade não sexual e, inversamente, não desmente *a priori* que comportamentos comumente chamados “sádicos” possam em realidade depender de elementos instintivos não sexuais.

Laplanche considera, portanto, o primeiro tempo ativo, “Eu agrido.”, como um tempo não sexual, sendo dirigido para um objeto externo de forma agressiva ou destruidora. Tal tempo corresponde, no texto de Freud²⁸¹, ao processo descrito como: “o sadismo consiste em violência, em exercício de poder contra outra pessoa tomada como objeto”. Laplanche²⁸² elabora uma análise das argumentações de Freud, buscando demonstrar outro esquema sobre a passagem do sadismo para o masoquismo.

Laplanche explicita que o sadismo é um processo que se origina da auto-agressão, assim como o masoquismo. Nesse enfoque, haveria uma fase intermediária entre os dois tempos propostos por Freud: “Eu me espanco.”, no qual a questão pulsional se efetua por meio do retorno sobre a própria pessoa, correspondendo à voz média reflexiva,

²⁸⁰Ibidem, p. 91..

²⁸¹FREUD, S. (1915a). *Pulsões e destinos das pulsões*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1. p. 153.

²⁸²LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. p. 93-95.

e na qual o Eu é o sujeito e o objeto da ação, interior ao processo. A partir desse movimento, teríamos então as duas vertentes: sadismo, com uma polaridade ativa e com o objeto situado externamente “Eu o espanco.”, e masoquismo, com uma polaridade passiva e com o objeto localizado em outra pessoa, que passa a ser sujeito da ação, ficando o Eu como objeto da ação desse outro “Meu pai me espanca”. Neste caso, não estamos na passiva, mas na ativa com sentido passivo, já que o Eu, anteriormente sujeito da ação, passa a ocupar o lugar de objeto, devido à transformação do alvo ativo em passivo.

Laplanche²⁸³ propõe:

Um outro esquema nos é proposto, o qual, através de diferentes retoques, tem a vantagem de definir melhor a passagem do sadismo ao masoquismo. Este último, agora, nos é apresentado sob dois aspectos: o que chamamos comumente masoquismo e que implica em passividade diante de uma pessoa estranha, e um estágio intermediário em que “encontramos o retorno para a própria pessoa sem que haja passividade diante de uma nova pessoa”. As três etapas são pois:

- a) “Uma atividade da violência, uma manifestação de poder em relação a uma outra pessoa tomada como objeto”, atividade que Freud denomina sadismo, mas onde fica bem claro, para nós, que a sexualidade não está em jogo;
- b) Retorno para a própria pessoa: “Da voz ativa, o verbo passa não à voz passiva, mas à voz média reflexiva”. Trata-se do tormento infligido a si mesmo, que não é ainda o masoquismo verdadeiro;
- c) O masoquismo passivo, onde se operou uma transformação do alvo ativo em alvo passivo, o que implica na procura de uma outra pessoa como “objeto” (objeto da pulsão, mas sujeito da ação).

O esquema proposto por Laplanche pode ser colocado da seguinte forma:

- a) Eu espanco – ativa
- b) Eu me espanco – média reflexiva
- c) Meu pai me espanca – ativa com sentido passivo, na qual o Eu fica no lugar de objeto.

²⁸³Ibidem, p. 95.

Tal construção permite a transformação para a passiva: “Eu sou espancada pelo meu pai.”. Laplanche²⁸⁴ aborda que o componente sexual só vai aparecer com o retorno da agressividade em auto-agressão: “é sempre ao tempo “auto-” que corresponde a emergência da sexualidade. Notemos também que nesse tempo “auto-” o objeto está perdido e só é reencontrado no desdobramento fantasmático (no estágio “b”) depois na procura do estágio “c” onde intervêm a inversão dos papéis ativo e passivo”.

Freud²⁸⁵ apresenta, em relação ao par de opostos sadismo-masochismo, o seguinte processo:

- a) O sadismo consiste em violência, em exercício de poder contra outra pessoa tomada como objeto.
- b) Esse objeto é deixado de lado e substituído agora pela própria pessoa. O redirecionamento contra a própria pessoa transforma, ao mesmo tempo, a meta pulsional ativa em passiva.
- c) Novamente outra [*fremde*] pessoa é procurada como objeto, a qual, devido à transformação ocorrida na meta, tem então de assumir o papel de sujeito.

Freud²⁸⁶ vai ainda acrescentar que:

Na neurose obsessivo-compulsiva, encontramos o redirecionamento contra a própria pessoa, sem fazer-se acompanhar da passividade perante outra pessoa. A transformação vai somente até a etapa b. A compulsão [*-Sucht*] de atormentar se transforma em autotormento, autopunição, mas não em masochismo. O verbo na voz ativa não se transforma na passiva, mas na reflexiva média.

Em nota de rodapé, Laplanche²⁸⁷ vai observar o uso que Freud faz do conceito da média reflexiva:

²⁸⁴Ibidem, p. 96.

²⁸⁵Op. Cit., p. 153.

²⁸⁶Op. Cit., p. 153.

²⁸⁷Op. Cit., p. 96.

A aproximação estabelecida por Freud entre esses “destinos” pulsionais e as transformações gramaticais é inteiramente inovadora, apaixonante, embora ela se faça numa certa confusão. Assim ficam confundidas por ele as vozes “média” e “reflexiva”. Entretanto, deveria ser cuidadosamente distinguido o médio e o reflexivo na estrutura da fantasia, assim como eles são bem definidos gramaticalmente e semanticamente, mesmo se a maneira pela qual eles se enunciam seja, às vezes, a mesma. Assim a expressão “ferir-se” corresponde ao mesmo tempo à forma média (feri-me com a faca) e à forma reflexiva (eu me feri no dedo com a faca). A forma reflexiva distingue mais claramente o sujeito e o objeto da ação, permitindo às trocas fantasmáticas de posição operar-se. Na forma média, os termos da fantasia permanecem num estado de coalescência.

Parodiando Freud²⁸⁸, “para uma apresentação mais clara dessas relações, é indispensável passar agora a um exame mais aprofundado”. Em primeiro lugar, Freud²⁸⁹ enfoca que, na primeira fase da fantasia de *Uma criança é espancada*, o relato dos pacientes demonstra claramente que “a criança em que estão batendo não é jamais a que cria a fantasia, mas, invariavelmente, outra criança, com mais freqüência um irmão ou uma irmã”. Anteriormente, em *Pulsões e destinos da pulsão*²⁹⁰, Freud havia observado que “o sadismo consiste em violência, em exercício de poder contra outra pessoa tomada como objeto”, o que vai ser retomado em Freud²⁹¹:

A fantasia, então, não é certamente masoquista. Seria tentador chamá-la de sádica, mas não se pode esquecer o fato de que a criança que cria a fantasia não é a que bate. A identidade real da pessoa que bate permanece obscura, inicialmente. Só se pode estabelecer o seguinte: não é a criança, mas um adulto. Mais tarde, esse adulto indeterminado torna-se clara e inequivocamente reconhecível como o pai (da menina).

Laplanche²⁹² vai dizer tratar-se de uma fase pré-sexual. Estaríamos, portanto, no registro do narcisismo primário, no qual a

²⁸⁸Op. Cit., p. 152.

²⁸⁹Op. Cit., p. 231.

²⁹⁰Op. Cit., p. 153.

²⁹¹FREUD, S. (1919). *Uma criança é espancada*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 17. p. 232.

²⁹²LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

relação se dá com a média, num “estado de coalescência”, que se observa na relação da díade mãe-filho.

Uma outra observação se faz importante. Quando se utiliza a tradução do francês “*On bat un enfant*”, deparamo-nos com duas possibilidades: “Bate-se numa criança.” ou “Espanca-se uma criança”. Na primeira construção, temos, em português, um verbo transitivo indireto, que exige a preposição “em” e, por esse motivo, não admite passiva. A sentença transformada em passiva analítica ficaria: “Uma criança é batida.”, que é agramatical. Já na segunda construção, o verbo é transitivo direto, admitindo, pois, a passiva. A transformação em passiva analítica deriva na sentença “Uma criança é espancada.”, perfeitamente gramatical. O verbo “bater” admite duas regências, conforme o contexto em que esteja inserido: “Bati meu carro no poste.” é uma construção na qual o verbo “bater” apresenta-se como transitivo direto. A transformação passiva se dá como “Meu carro foi batido no poste (por mim)”. Já na construção “Bati no meu filho.”, o verbo é transitivo indireto, não admitindo passiva, pois a sentença “Meu filho foi batido por mim.” é agramatical.

Martins²⁹³, citando John Forrester, apresenta a análise transformacional da fantasia. Tomamos a liberdade de alterar as frases traduzidas com o verbo “bater” (que pode apresentar as duas regências verbais – transitiva direta e indireta), para a tradução com o verbo “espancar” (transitivo direto, portanto sempre admite passiva):

John Forrester propõe de forma quase semelhante a nossa um esquema de conjunto das transformações necessárias à geração da proposição: “Espanca-se uma criança”. Neste esquema, que apresentamos em seguida, são indicadas duas tendências gerais: tendência A = tendência egoísta, edipiana e genital; B = tendência sádica e erótica.

²⁹³MARTINS, F. *Análise gramatical da fantasia*. Brasília: UnB, 1987. p. 51.

QUADRO 12

ESQUEMA DE ANÁLISE TRANSFORMACIONAL DA FANTASIA “ESPANCA-SE UMA CRIANÇA”,
SEGUNDO JOHN FORRESTER

<p><u>Tendência A</u></p> <p>A1 - Eu amo meu pai. A2 - Meu pai me ama. A3 - Meu pai <u>só</u> ama a mim. ↔ Eu odeio outra criança.</p>		<p><u>Tendência B</u></p> <p>B1 - Eu o espanco. B2 - Eu me espanco. B3 - Ele está me espancando.</p>
<p>A3a - Meu pai está espancando uma criança, que eu odeio.</p>	<p>A3b - Meu pai não me ama.</p>	↓
<p>A4 - Meu pai está me espancando.</p>	↔	<p>B4- Meu pai está me espancando.</p>
		↙
	<p>AB5 - (Meu pai está espancando uma criança.)</p>	
	<p>AB6 - Espanca-se uma criança.</p>	

É necessário notar, como o faz Forrester, que o esquema de análise adotado por Freud adota de saída o acoplamento das duas correntes principais, ou das duas seqüências de orações designadas. Ou seja, Freud indica as seguintes frases:

a - Meu pai está espancando uma criança (que eu odeio) = A3a.

b - Meu pai está me espancando = A4 mais B4.

c - Espanca-se uma criança = AB6.

Mesmo a frase a, que na verdade já comporta as duas tendências (A+B), conforme mostra a frase entre parênteses (“que eu odeio”), demonstra que Freud adota na sua análise de “saída” um reconhecimento que quando da análise “ao vivo” é impossível se separar só dois registros. Com efeito, Freud vê-se obrigado a abandonar uma seqüência puramente linear de transformações gramaticais, sendo obrigado a integrar duas seqüências de frases que aumentam em muito as possibilidades combinatórias caso seja tentado uma análise exaustiva e completa.

Assim como Freud utiliza de maneira confusa a reflexiva e a passiva, embora deixe claro que é a meta pulsional ativa que se transforma em passiva, Forrester, citado por Martins²⁹⁴, também introduz uma construção denominada conjugação perifrástica, ou seja, uma construção com uma locução verbal constituída de um verbo auxiliar (está) mais gerúndio (espancando), na qual também se observa a transformação da meta pulsional de ativa em passiva. Segundo Oliveira²⁹⁵, os tempos compostos da ativa são formados pelos verbos auxiliares “ter” ou “haver” acompanhados do particípio do verbo principal. Os tempos compostos da passiva são formados com o uso simultâneo dos verbos auxiliares “ter” (ou “haver”) e “ser”, seguidos do particípio do verbo principal.

Melo²⁹⁶ enfoca que a construção passiva com o auxiliar “estar” seguido do particípio do verbo principal é um tipo de passiva denominado de passiva de estado.

Quanto ao enunciado “Uma criança é espancada.”, Laplanche²⁹⁷ observa:

²⁹⁴Op. Cit

²⁹⁵OLIVEIRA, M. F. “A voz passiva no português do século XX”. In: *Inventário*. 3. ed. Salvador: PPGLL/UFBA, 2003.

²⁹⁶MELO, G.C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978. p. 235.

²⁹⁷LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. p. 101.

a indeterminação voluntária dessa proposição traduz a neutralidade que o paciente quer conservar quanto aos elementos da cena: “A própria pessoa não aparece nessa fantasia. Insiste-se, e ela admite: “eu assisto, talvez, à cena” (FREUD (1919), p. 232 e 233). Notemos, aliás, que a tradução francesa “on bat un enfant” (espanca-se uma criança) já inverte a posição dos termos sujeito e objeto, em relação à fórmula alemã “*Ein Kind wird geschlagen*” “*un enfant est battu*” – (uma criança é espancada). Isto, não para sublinhar uma imprecisão de tradução, mas, ao contrário, para mostrar que nesse estágio da fantasia há indeterminação, ou pelo menos reversibilidade entre a formulação ativa e a formulação passiva.

Se nos basearmos nos estudos mais recentes sobre a passiva sintética com o uso da partícula **se**, estaremos de acordo com Laplanche sobre a questão da impessoalidade de tal construção. De acordo com Oliveira²⁹⁸:

É por considerar-se a possibilidade de as passivas de *se* fazerem, legitimamente, parte da história da língua portuguesa que se fala aqui em reanálise do *se* apassivador como *se* impessoal; é possível que o pronome oblíquo *se* já tenha servido para apassivar orações. Hoje, as evidências têm demonstrado que este pronome não apassiva orações, antes as impessoaliza com grande frequência. Por fim, com base na descrição e análise que aqui se fizeram dos dados obtidos na pesquisa sobre a passiva no português do século XX, conclui-se que, tanto no português europeu quanto no português brasileiro, as verdadeiras passivas são as passivas de *ser*; as passivas pronominais da gramática tradicional são ilegítimas, chamadas aqui, por isso, de pseudo-passivas pronominais. Os numerosos exemplos de reanálise explícita de *se*, signo de apassivação, como *se*, signo de impessoalização, que se evidenciam no português contemporâneo corroboram essa conclusão acerca da voz passiva na língua.

Said Ali²⁹⁹ analisa a construção com a partícula **se**, articulando argumentos sincrônicos e diacrônicos e enfocando que a principal motivação para a postulação de uma passiva sintética por alguns gramáticos teria sido o incômodo causado pela inexistência de um termo que pudesse assumir a função de sujeito nessa estrutura. É o

²⁹⁸Op. Cit., p. 3.

²⁹⁹SAID ALI, M . *Dificuldades da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966.

que também se constata no capítulo referente aos verbos impessoais, no mesmo livro:

As dificuldades na análise destes casos [a) os verbos impessoais que exprimem fenômenos da natureza; b) as orações impessoais em que se emprega o verbo haver; c) as orações em que para não mencionar o agente empregamos o verbo acompanhado do reflexivo se] nascem entre nós não tanto dos fatos em si; resultam antes de estarmos sempre propensos a subordinar e amoldar todos os fatos gramaticais a certas doutrinas tradicionais estabelecidas a priori. Em vez de aceitarmos os fenômenos lingüísticos tais quais se apresentam, andamos geralmente a procurar fora da linguagem um termo reclamado por um princípio apriorístico. Fantasiamos possibilidades, socorremo-nos de sujeitos imaginários, fingimos a sua existência, ou então, sentindo-nos incapazes de analisar uma frase diretamente, substituímo-la por outra, lingüisticamente diversa, e analisamos a segunda. Em suma, não analisamos: sofismamos a análise³⁰⁰.

Leeuwen³⁰¹, ao tratar da indeterminação do sujeito, afirma que a mesma está relacionada à exclusão dos atores sociais do processo enunciativo e analisa que a exclusão serve a “interesses e propósitos” do falante, sendo difícil saber se os atores sociais suprimidos deveriam ou não ser recuperáveis pelo leitor. As representações, portanto, podem reorganizar as relações sociais, colocando, nos processos de ativação e apassivação, os atores sociais em papéis ativos ou passivos. A reflexiva metafórica e as sentenças com indeterminação do sujeito são casos de ativa, portanto, em português, a passiva somente se constrói pela forma analítica. Nos dois casos, há a exclusão dos atores sociais.

Como já foi abordado anteriormente, no tratamento dado à passiva sintética, a afinidade sintático-semântica não é levada em conta, tratando-se como fatos distintos a “passiva sintética” e a indeterminação do sujeito com a partícula **se**. As construções “Ama-se.” e “É amado.” não apresentam o mesmo sentido, nem a nível semântico,

³⁰⁰SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966. p. 80.

³⁰¹LEEUVEN, T. V. *A representação dos atores sociais. Análise Crítica do Discurso – uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997.

nem a nível sintático. Portanto, a afirmação de Laplanche³⁰² precisa ser melhor entendida: “*On battre enfant = enfant être battu par on*”.

Said Ali³⁰³ afirma:

Tem-se dito que a nossa forma reflexiva se identifica com a passiva. Apesar das restrições que todos concedem, que são forçados a conceder, tenho a afirmação por leviana, a começar pelos exemplos banais com que a esteiam. *Aluga-se esta casa e esta casa é alugada* exprimem dois pensamentos, diferentes na forma e no sentido. Há um meio muito simples de verificar isto. Coloque-se na frente de um prédio um escrito com a primeira das frases, na frente de outro ponha-se o escrito contendo os dizeres *esta casa é alugada*. Os pretendentes sem dúvida encaminham-se unicamente para uma das casas, convencidos de que a outra já está tomada. O anúncio desta parecerá supérfluo, interessando apenas aos supostos moradores, que talvez queiram significar não serem eles os proprietários. Se o dono do prédio completar, no sentido hipergramatical, a sua taboleta deste modo: *esta casa é alugada por alguém*, não se perceberá a necessidade da declaração e os transeuntes desconfiarão da sanidade mental de quem tal escrito expõe ao público.

Nesse sentido, se realizarmos o mesmo raciocínio de Said Ali, podemos inferir que na proposição “Espanca-se uma criança.”, embora os atores sociais, sujeito e agente, fiquem impessoalizados, a ênfase fica na ação, ou seja, o espancamento. Já na proposição “Uma criança é espancada.”, a impessoalidade também é preservada, mas a ênfase recai sobre a criança, que é de fato o autor e o centro da fantasia. Portanto, a proposição “Uma criança é espancada.” [*Ein Kind wird geschlagen*] é a mais fiel à idéia apontada por Freud em relação à fantasia de masoquismo.

³⁰²LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. p. 101.

³⁰³Op. Cit., p. 98.

CAPÍTULO 4

NARCISISMO E APASSIVAÇÃO NOS ESTADOS DE ADOECIMENTO

Quando adoecemos, nos recolhemos na nossa dor. Qualquer que seja esse adoecimento, ele provoca uma retração. Sentimo-nos inibidos, às vezes até paralisados. Mas nem sempre esse adoecimento nos é perceptível. Os sintomas ocorrem sem que saibamos tê-los. Podem ir de uma simples negação a uma denegação radical.

A retração retira nossos investimentos dos objetos e do mundo. Regredimos a uma época em que nos sentíamos completos. É o que Freud³⁰⁴ denomina de narcisismo secundário. Entretanto, não ocorre apenas essa regressão narcísica; o alvo da pulsão também fica estagnado numa posição passiva.

Os enunciados e os relatos de nossos pacientes nos mostram tal apassivação de forma explícita. É o que veremos a seguir.

Quem adoece sofre e se queixa. Mesmo que não se dê conta dos sintomas, o sofrimento se apresenta e, com ele, a queixa. Nas queixas sintomáticas, podemos enfocar, segundo Martins³⁰⁵, quatro grandes campos de síndromes articulados entre si, que podem ser sistematizados segundo características semióticas comuns: as síndromes timopáticas, as perversas, as neuróticas e as psicóticas, sendo cada qual uma problematização do processo semiótico. As síndromes timopáticas estão relacionadas às experiências ligadas ao originário, ao acontecimento ou, em termos peirceanos, à primeiridade

³⁰⁴FREUD, S. (1914). *À guisa de introdução ao narcisismo*. Obras Psicológicas Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1.

³⁰⁵MARTINS, F. *Psicopatologia II – Semiologia clínica: Investigação Teórico-Clínica das Síndromes Psicopatológicas Clássicas*. Brasília: ABRAFIPP, 2003. p. 307-311.

(*Firstness*). As síndromes perversas e neuróticas são caracterizadas pelo conflito, pela reatividade e pela luta, sendo expressões da segundidade (*Secondness*) de Peirce. Finalmente, as psicoses, cujo centro é o conceito de terceiridade (*Thirdness*), mediadas pela alteração radical da mediação, da linguagem.

Os sintomas timopáticos apresentam-se no tempo por meio de oscilações cíclicas. Os sintomas perversos são geralmente paroxísticos, ocorrem na forma de um ataque súbito e rápido. Podem existir diversas combinações entre o ciclo e o paroxismo, mas o essencial na caracterização e na diferenciação desses dois tipos de sintomas é o caráter de transitoriedade. Já na sintomatologia neurótica e psicótica, existe uma tendência à permanência.

A qualificação da consciência e do Eu é essencial no aspecto de espacialização na clínica, que se organiza em função do Eu que fala do seu sofrimento. O Eu neurótico mantém relações de referência com o mundo externo e consigo mesmo, mas elas são de natureza conflituosa. Há um processo, embora este possa ocorrer de forma a atropelar as resoluções no tempo e no espaço. Pode-se pensar o Eu neurótico como o mais próximo do dito sadio; porém, considerar somente os estados e a reversibilidade freqüentes na sintomatologia neurótica nos leva ao engodo de considerá-la mais próxima da normalidade.

O estado, presente na sintomatologia neurótica, distingue-se dos ciclos e dos paroxismos pela sua maior permanência ao longo do tempo. Já a noção de processo refere-se a uma mudança sintomatológica permanente, e talvez irreversível. Podemos dizer que o processo realiza um prolongamento, no sentido do tempo, do estado. O processo implica uma modificação permanente em direção a um destino final. A consciência é tomada pelo que Freud denomina de processos inconscientes: a negação; a ausência de contradição; o processo primário com mobilidade dos investimentos (deslocamento e condensação); a atemporalidade; a substituição da realidade externa pela realidade psíquica. O psicótico paranóico pensa ser um outro. Na

verdade, é o inconsciente, a céu aberto, quem diz. Martins³⁰⁶ enfatiza que podemos, então, distinguir sintomas que têm uma tendência mais permanente dos que tendem a uma desapareção espontânea, porém com recorrências – as timopáticas e as perversões. Na verdade, todos – ciclos, paroxismos, estados e processos – são encontrados em todas as formas estruturais:

A metáfora do Eu humano, agregado às suas predicções, como sendo o palhaço do circo, circo este que está via de regra pegando fogo, é perfeita, pois mostra o quanto ele pode ser somente enganador e enganado no longo e elaborado processo psíquico de cada um. Junto com esse Eu, entregue ao sintoma analisado nas síndromes como predicções, vemos o sujeito que naufraga. O Eu aqui é apreciado como sendo relacionado ao conceito de processo e à temporalidade e constituição de sua história, pelo menos aquela a que podemos ter acesso indireto, via os signos.

A espacialização é caracterizada por diferentes modalidades de consciência criadas pelo aparelho psíquico, ou seja, das formas de representação do sintoma que se apresenta por um Eu-enunciador, sendo este um Eu em processo, incluído na atividade de enunciação, podendo estar presente também no enunciado. O espaço de representação [*Vorstellung*] do sintoma se relaciona aos tipos de consciência. O sintoma timopático expressa a consciência sensorializada, enquanto sensibilidade primária. Trata-se de aumento ou diminuição cíclica, refletindo-se na intensidade e na qualidade da experiência. A consciência representada por imagens é reação e reconstrução em permanência, refletindo um mínimo de mediação. A consciência simbólica é ancorada nos processos e na permanência da imagem e da palavra. É essencialmente possibilidade de mediação, sendo uma linguagem semantizada.

A queixa trabalha o próprio sujeito e torna-se o centro da dor egóica narcísica. A deflexão do sujeito sobre si mesmo – definição do

³⁰⁶Op. Cit., p. 309.

que é o Eu humano para Kierkegaard³⁰⁷ – se faz por meio de muitos movimentos que voltam sempre ao mesmo ponto: a dor, que pode levar ao desespero, e o desespero, que incha a dor da queixa, tornando-a maior do que é. Um Eu inflado da doença mortal do desespero, de acordo com Kierkegaard³⁰⁸, pode tomar três formas: o desesperado inconsciente de ter um Eu, para ele o verdadeiro desespero, mas que podemos considerar como uma condição do humano; o desespero de querer ser ele mesmo; e aquele que não quer ser. O sujeito neurótico deseja desesperadamente ser ele próprio. Já o desespero psicótico busca desvencilhar-se do próprio Eu, para ser da ordem do Eu Ideal ou do Ideal do Eu.

Freud³⁰⁹, quando introduz o narcisismo, aborda a questão como um movimento de retração da libido num retorno a si mesmo e coloca tal movimento como um fenômeno normal, que ocorre em várias manifestações psíquicas, como no sono, no sonho, na doença orgânica, na paixão, no luto e também nos adoecimentos narcísicos psíquicos. O conceito de narcisismo se relaciona à existência de um mundo interno em oposição ao mundo externo, idéia sempre presente na teoria freudiana.

O narcisismo pode ser compreendido como uma tendência humana de voltar-se ao seu próprio mundo interno. É uma condição inerente e constitutiva da natureza humana. Sua especificidade está no fato de o destino da libido retornar ao próprio Eu, que sempre sofre uma alteração na ocorrência dos fenômenos narcísicos. Esta pode ser transitória, como nos sonhos, no estado de paixão, nas doenças orgânicas ou no luto, como podem ser de natureza mais radical, fato que ocorre nos adoecimentos ditos narcísicos.

Freud³¹⁰ enfatiza:

³⁰⁷KIERKEGAARD, S. “O desespero humano, doença até a morte”. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 196.

³⁰⁸Ibidem, p. 196-200.

³⁰⁹FREUD, S. (1914). *À guisa de introdução ao narcisismo*. Obras Psicológicas Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1.

³¹⁰Op. Cit., p. 104.

Analogamente ao que ocorre com a doença, também o estado de sono implica um recolhimento narcísico da libido, esta sai das posições antes ocupadas e realoca-se agora na própria pessoa, e, mais especificamente, para o exclusivo desejo de dormir. O egoísmo dos sonhos inscreve-se perfeitamente nesse contexto. Em ambos os casos, vemos exemplos de alterações na distribuição da libido em consequência da alteração ocorrida no Eu [*Ichveränderung*] [...] Quanto à hipocondria, esta se manifesta, tal como a doença orgânica, por meio de sensações corporais penosas e dolorosas e coincide com a doença também no efeito sobre a distribuição da libido [...] Contudo, salta à vista uma diferença entre a hipocondria e a doença orgânica: no segundo caso, as sensações desagradáveis calcam-se sobre alterações comprováveis, e, no primeiro caso, não.

“Amar-se a si mesmo”: o narcisismo é uma construção no registro da reflexiva. No narcisismo primário, “Eu me amo.”, sujeito e objeto da pulsão coincidem. Não é uma posição nem ativa, nem passiva. Não há outro. É o próprio sujeito que exerce a ação sobre si. O sujeito é o centro do evento: média. O Eu se constitui tomando o desejo do outro, que é ele mesmo refletido nesse desejo. O Eu se torna o “me”, objeto do desejo de um outro que o reflete: “Eu sou o amor por mim mesmo”. Esse é o momento primitivo do narcisismo: primário e mítico. A média, enquanto voz do momento originário da constituição do Eu, do momento fusional, do Eu Ideal.

A reflexiva, voz do narcisismo secundário, é a voz do retorno a si mesmo. Um retorno, como bem frisa Freud. O “me” se torna objeto do desejo do Eu. Há o outro e há o Eu. A alteridade se faz presente: Ideal do Eu. Há sujeito e objeto. Há transitividade. E onde há transitividade pode haver transformação: de amor em ódio, de atividade em passividade, de prazer em desprazer. A pulsão passa a mover o Eu em busca dos seus destinos.

O narcisismo constitui os fundamentos do psiquismo e é imprescindível para o amor e para a saúde. O amor é a sua meta e se torna sofrimento se a referência a si mesmo aprisiona o Eu, impedindo-o de desviar da própria imagem e encontrar o outro. O Eu aspira a ser amado: apassivação.

As perturbações narcísicas acompanham o Eu durante toda a sua existência. Presentes em toda a vida psíquica, marcam os investimentos objetais do sujeito neurótico, manifestando sua forma mais radical nas psicoses. O narcisismo se relaciona às representações que o Eu faz de si mesmo. Tais aspirações são afetadas pelas relações intersubjetivas. Cada vez que a aspiração narcísica não se estabelece, devido ao desequilíbrio entre os fluxos dos investimentos narcísicos e objetais, o Eu pode entrar num colapso narcisista. Vejamos como isso se dá.

I – PAIXÃO E LUTO

A paixão e o luto fazem parte do humano. Por mais dolorosas que possam ser, são da ordem do inevitável. Acometem-nos.

No texto sobre o narcisismo, de 1914, Freud estabelece uma relação entre a paixão amorosa e o conceito de narcisismo. A paixão é vista como a revivência de um momento fusional, na busca de recuperar as impressões vivenciadas na relação do Eu Ideal. O amor-paixão busca uma plenitude já vivenciada, sendo regido pelas instâncias primárias, narcísicas e moldadas, portanto, pelos ideais. Freud³¹¹ destaca: “O estado de paixão consiste em um transbordamento da libido sobre o objeto. Este estado tem o poder de suspender recalques e de restaurar perversões. Eleva o objeto sexual à categoria de um ideal sexual”.

Podemos compreender melhor a relação da paixão com a perversão por meio do comentário de Rocha³¹², quando analisa o conceito de *Verliebtheit*, traduzindo-o por paixão amorosa. Segundo Rocha, o prefixo *ver*, diante de verbos e substantivos alemães, aponta para uma conotação especial, implicando um desvio na significação dos termos aos quais se junta, alterando-lhes o sentido. E é esse desvio que permite considerar a paixão como uma forma de “perversão do amor”.

³¹¹Op. Cit., p. 118.

³¹²ROCHA, Z. “Desamparo e metapsicologia”. In: *Síntese* – Ver. De Filosofia. Belo Horizonte, 1999. v. 26, n. 86. p. 338.

Freud³¹³ observa que “um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, no final, precisamos amar para não adoecer, e iremos adoecer se, em conseqüência de impedimentos, não pudermos amar”. O amor correspondido estaria em sintonia com o Eu e em simetria com o outro, objeto de amor. O amor é uma demanda que faz referência à falta e pressupõe compartilhamento, ou seja, o Eu e a pessoa que corresponde a um investimento libidinal privilegiado têm de ser reconhecidos, um pelo outro, como fonte de prazer e de sofrimento privilegiados. Privilegiado não quer dizer exclusivo, já que a exclusividade é que vai diferenciar o amor da paixão. Para que esse prazer seja possível, o Eu precisa estar convencido de que elegeu e de que foi elegido, mesmo sem saber o quão relativa e limitada é sua escolha.

Freud³¹⁴ enfoca que existem diferenças entre o homem e a mulher em relação ao tipo de escolha de objeto:

O amor objetual pleno segundo o tipo de escolha por veiculação sustentada é característico do homem. Nesse modo de escolha, está presente uma supervalorização sexual, que provém do narcisismo original da criança e que corresponde a uma transferência desse narcisismo para o objeto sexual. Essa supervalorização sexual permite o surgimento do peculiar estado de paixão. Que aponta para a compulsão [*Zwang*] neurótica e que, assim, leva a um empobrecimento da libido do Eu em benefício da libido objetual.

Já por parte da mulher, Freud aponta que, apesar de existir um grande número de mulheres que fazem suas escolhas de acordo com o modelo masculino, o mais freqüente é o tipo de escolha que intensifica o narcisismo original: “é só a si mesmas que essas mulheres amam com intensidade comparável à do homem que as ama. Elas não têm necessidade de amar, mas de ser amadas, e estão dispostas a aceitar o homem que preencher essa condição”.

Freud³¹⁵ estabelece, então, dois tipos de escolha de objeto: a do tipo narcísico, na qual se ama “o que se é, o que se foi, o que se gostaria

³¹³Op. Cit., p. 106

³¹⁴Ibidem, p. 108-109.

de ser ou a pessoa que outrora fez parte de nosso próprio Si-mesmo”; e a do tipo por veiculação sustentada, na qual se ama “a mulher que nutre ou o homem protetor”. O tipo de escolha por veiculação sustentada se relaciona ao Ideal do Eu. Rocha³¹⁶ observa que:

com o ideal do ego temos um modelo diferente tanto de subjetividade quanto de ideal, pois o ideal do ego é uma instância aberta para a alteridade, que leva o ego a reconhecer suas deficiências e a buscar fora de si um ideal, que funciona como apelo e não como exigência, e que está sempre presente no horizonte das buscas e das procuras do sujeito, animando-lhe a caminhada mesmo quando se sabe que o ideal nunca será atingido plenamente.

Aulagnier³¹⁷ observa que no amor é essencial que se invista no tempo futuro por meio do processo identificatório:

Esperança de um futuro [...] que aceitamos continuar investindo, mesmo quando estejamos obrigados a reconhecer que tais possibilidades de realização desse mais de prazer não são seguras; que uma interdição, uma proibição ou a autonomia do desejo do outro pode torná-lo impossível. [...] Recordo finalmente que se o amor pressupõe que o outro seja um objeto privilegiado no registro dos investimentos libidinais e do prazer, também exige que esse outro não se torne o destinatário exclusivo da totalidade das demandas (*tradução nossa*).

Já o tipo de escolha narcísico está mais próximo do Eu Ideal, que é “forjado segundo as ambições fálicas” e que com ele “prevalece o modelo de uma subjetividade fechada, na qual o ego se constitui como se fosse sua própria origem e fundamento”³¹⁸.

Na paixão, há a predominância de uma ética totalitária, que molda as relações de domínio e anulação do outro enquanto alteridade. O objetivo da paixão é negar qualquer diferença, na busca de se fazer uno, de não entrar em contato com a dor, de se ser só. As configurações da paixão estão ligadas ao narcisismo, mas um narcisismo que aprisiona o

³¹⁵Ibidem, p. 109-110.

³¹⁶Op. Cit., p. 338.

³¹⁷AULAGNIER, P. (1979). *Los destinos del placer*. Barcelona: Argot, 1984. p. 162 e

³¹⁸ROCHA, Z. “Desamparo e metapsicologia”. In: *Síntese – Ver. De Filosofia*. Belo Horizonte, 1999. v. 26, n. 86. p. 338.

sujeito. A expressão “Eu me apaixonei.” pode ser entendida como “Eu me amo.”, numa reflexiva que não deixa lugar para nenhum outro objeto senão o si-mesmo, ou aquilo que se configura na ilusão do seu duplo: amo aquilo que em você acredito ser eu-mesmo, ou segundo Freud³¹⁹, aquilo que fui ou quero ser. O outro não existe como alteridade, apenas como reflexo do que fui um dia junto com o olhar de minha mãe, ou do que acredito que venha a ser no olhar deste “mesmo” pelo qual me apaixonei. Há um retorno sempre a si-mesmo, uma apassivação que se traduz na contemplação de um objeto que foi eleito pelo reflexo que o faz retornar a si-mesmo.

Sendo assim, não podemos dizer que a paixão anula o si pelo enaltecimento do outro enquanto objeto de paixão. Ao contrário, a paixão enaltece o si-mesmo. Não é o outro que é o objeto: é o si-mesmo. Se analisarmos as expressões que se referem à paixão, como “Eu me apaixonei.”, “Eu estou apaixonado.”, esse retorno para si-mesmo fica bastante explícito. O realce sempre recai no Eu, seja enquanto sujeito, seja enquanto objeto. Podemos até mesmo admitir um complemento: “Eu estou apaixonado por você”. Seria essa expressão uma voz passiva? Se assim for, existe, então, um outro enquanto alteridade e uma transitividade entre o sujeito e o objeto. Mas como transformar essa expressão em voz ativa? Gramaticalmente, teríamos de interpor outra oração: “Você me fez apaixonar.”, mas por quem? Apaixonar é um verbo reflexivo: “Eu me apaixono.”, mas não é transitivo direto, apenas indireto, e não admite passiva. A expressão “Eu estou apaixonado.” não é uma forma de passiva, é a indicação de um estado: qualifica o sujeito, o Eu.

Gori³²⁰ observa que a paixão se coloca como algo que impede a experiência da falta, necessária à constituição do sujeito:

³¹⁹Op. Cit.

³²⁰GORI, R. *Lógica das paixões*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004. p. 33.

a paixão funciona como um obturador. E, enquanto paramento, ela vem para obliterar uma perda originária. Esta, que de fato se encontra na nascente do fenômeno passional, fica portanto ao mesmo tempo mascarada para o sujeito que, ele, vive a experiência da paixão e coloca o risco desta perda abaixo [...] Neste sentido, este pavor ou esse sentimento de desamparo devidos ao abandono vivido durante os estados passionais não são os efeitos da paixão, mas o que a produz a fim de dar um nome e uma imagem, em outras palavras, uma representação a uma paixão originária da qual não mais nos lembramos.

O apaixonado busca, narcisicamente, a fusão. Necessita de ser amado e acredita que preenche as faltas do outro: “Eu sou tudo para o outro”. Segundo Gori³²¹, “a importância maior atribuída por Clérambault à erotomania revela uma verdade essencial, ao mesmo tempo constitutiva das paixões e dos delírios psicóticos: “o Outro quer algo de mim e seu desejo se revela correlativo à minha existência como sujeito”. E acrescenta: “o que separa o delírio erotômico do amor apaixonado é toda a distância que separa a *certeza postulada* e a *convicção intimamente procurada*”. Nesse aspecto, a paixão se aproxima da “loucura”.

Aulagnier³²² relaciona a paixão a uma relação de assimetria, diferenciando do amor, que a autora considera uma relação simétrica. O outro se converte na fonte exclusiva de todo prazer e é colocado no registro das necessidades. Aulagnier aponta três destinos para a paixão: “a relação do toxicômano com o objeto droga; a relação que vincula o jogador com essa atividade particular que é o jogo; a relação do sujeito com o Eu de outro, ou seja, a paixão chamada ‘amorosa’”. Aulagnier³²³ ressalta:

a paixão pela droga ou pelo jogo, assim como a que toma como objeto o Eu do outro, concerne aos sujeitos nos quais a droga ou o jogo não somente se converteram na fonte de único prazer que conta verdadeiramente, como também de um prazer que se tornou uma necessidade.(tradução nossa)

³²¹Ibidem, p. 48-49.

³²²AULAGNIER, P. (1979). *Los destinos del placer*. Traducción de Ítalo Manzi. Barcelona: Argot, 1984. p. 167-168.

³²³Ibidem, p. 168.

Rosolato³²⁴ aborda as três formas patológicas do amor e sua circulação no enunciado “Eu o/a amo.”: os delírios passionais, fazendo desaparecer o “Ele/ela me ama.”; a erotomania, “Ele/ela me ama.”; e no ciúme e na paranóia, na qual:

o desejo puro liberta-se do desconhecido por um duplo retorno: o que deveria ter sido apenas acaso identificável, ou banalidade, e por isso compreensível, logo sem ser portador de desconhecido, torna-se fonte de interrogação e de desconhecido incompreensível que é então dominado por explicações delirantes [...] onde a formulação negativa de não se amado(a) vira perseguição cujo ódio aniquila a esperança do amor.

Outra perspectiva trazida pelo autor é a paixão mística, na qual há:

uma recusa da fecundação sexual, desqualificando a relação carnal do pai e mãe na cena primária. Assim fazendo, ao interromper o prolongamento genealógico conforme a vida dos corpos, ao aceitar uma morte antecipada da linhagem, uma transposição para um Pai Idealizado e seu correspondente materno enquanto comunidade milita em favor de uma transmissão espiritual por meio das gerações e mais-além da morte³²⁵.

A paixão nega a falta, mas necessita da confirmação de um outro, reflexo do si-mesmo, para que possa ser vivida em sua plenitude. Quando o outro não mais está lá, a angústia vivenciada é da ordem do aniquilamento: “Eu não sou tudo para o outro”. Há o risco do desaparecimento do Eu. A ferida narcísica que se instala ao ser abandonado por esse outro que sou eu, ou que é aquilo que falta para que eu novamente seja “completo”, precisa de um tempo para se cicatrizar. Trabalho de luto do objeto perdido, reconhecimento da falta.

O luto é um trabalho de separação psíquica e implica um tempo de produção. Freud³²⁶ explicita:

³²⁴ROSOLATO, G. (1996). *A força do desejo: o âmago da psicanálise*. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 144-145.

³²⁵Ibidem, p. 144-145.

³²⁶FREUD, S. (1913 [1912-13]). *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 13. p. 87.

O luto tem uma missão psíquica muito específica a efetuar; sua função é desligar dos mortos as lembranças e as esperanças dos sobreviventes. Quando isto é conseguido, o sofrimento diminui e, com ele, o remorso e as autocensuras e, conseqüentemente, também o medo dos demônios.

O luto refere-se à perda de um ser querido, próximo. Fédida³²⁷ destaca:

O luto é em primeiro lugar uma relação com o tempo: o efêmero garante o tempo. Mas da mesma maneira que a memória, ele precisa do luto para passar pela prova da lembrança e descobrir momentaneamente a impotência do esquecimento. *Como o pudor e a vergonha, o luto é o acontecimento – por assim dizer, transcendental – da subjetividade.*

Freud³²⁸ aborda a questão da elaboração do luto como um processo natural, sem necessidade de interferência sobre ele:

no caso do luto, embora ele implique graves desvios do comportamento normal, nunca nos ocorreria considerá-lo um estado patológico e tampouco encaminharíamos o enlutado ao médico para tratamento, pois confiamos em que, após determinado período, o luto será superado, e considera-se inútil e mesmo prejudicial perturbá-lo.

Preferimos denominar esse trabalho normal do luto como uma aceitação. Não sabemos se é possível a elaboração da morte, já o processo em que algumas pessoas necessitam de ajuda terapêutica para aceitar a perda de uma pessoa amada podemos denominar de elaboração de luto. A clínica nos presentifica tal fato.

Uma senhora busca ajuda após a morte de seu filho, ainda jovem, vítima de uma grave enfermidade. Passara-se um ano do acontecimento e ela dizia que já havia aceitado tal fato. Encontrava-se, porém, bastante deprimida e falava dos acontecimentos relativos à morte do filho emocionada e chorosa. Os seus relatos iniciais giravam em torno de “Por que ele? Por que não eu?”. Um ano antes do falecimento do filho, ela foi vítima de um infarto que quase a levou à morte. Foi

³²⁷FÉDIDA, P. *Depressão*. São Paulo: Escuta, 1999. p. 47.

³²⁸FREUD, S. (1917). *Luto e melancolia*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2. p. 103.

submetida a uma intervenção de emergência, uma cirurgia para colocação de ponte de safena. Durante a cirurgia, teve algumas paradas cardíacas, e o médico lhe afirmara que ela havia tido muita sorte. Teve muito medo de morrer, pois acabara de ser tornar avó e queria muito poder estar acompanhando o crescimento do neto, filho de sua filha.

Começa então um trabalho terapêutico, no qual faz uma retomada de toda a sua história. Perdera o pai ainda muito nova e acabou sendo criada pela irmã mais velha, que já estava casada e não tinha filhos. Eles a criaram com muito carinho, mas desde nova foi trabalhar para dar conta de sua vida. Casou-se e mudou-se para outra cidade. Teve primeiro uma filha e depois o filho. Separou-se do marido, por causa de uma traição cometida por ele, mas acabaram retomando o casamento. Durante a separação, ela “agarrou-se aos filhos e ao trabalho para sobreviver”. A separação fez com que ela progredisse no seu trabalho e alcançasse uma posição financeira confortável.

A filha havia casado e teve um filho, de quem ela cuidava para que a filha pudesse estudar e melhorar de vida. O filho, de quem fala com muito orgulho (em contraste com a filha, que é por ela considerada frágil), era um rapaz forte, saudável, alegre e muito amoroso. Antes de sua morte, havia saído de casa para viver com uma namorada “recente”, que era separada e tinha um filho. Fala do episódio com certo ressentimento. Pouco tempo depois, apresentou a doença que o levou à morte, não imediata. Ficou internado esperando a oportunidade de transplante de medula, única forma de cura. Às vésperas da intervenção, foi acometido por uma grave infecção, que o levou à morte.

A “namorada” descobriu que estava grávida logo que ele foi internado. A neta nasceu três meses após a morte do filho, e a nora colocou o nome dele na filha. Ela não conseguia estar com a neta e não gostava de que a nora fosse tanto à sua casa, pois achava que ela estava tentando colocar a neta no lugar do filho, mas isso era impossível, uma vez que nada poderia substituir o filho. Olhava a foto da neta, me mostrava e dizia: “Ela não se parece em nada com ele, claro

que não vou pedir exame de DNA, ele assumiu a filha; ela vai ter direito à herança dele”. A herança naquele momento consistia em um carro.

A paciente deslocou para a pessoa da nora a sua raiva em “perder o filho”. Primeiro, com a saída da casa dos pais e, depois, com a sua morte. A neta, nascida desse objeto que lhe roubara o precioso filho, era filha de um morto. E a insistência de trazer sua lembrança de volta, a sua falta. A identificação narcísica da paciente com o filho era clara. Ele também era um forte e deveria ter tido o mesmo destino que ela: se salvado da doença. Ele também a havia traído, como o marido. Primeiro, com a saída de casa e, depois, com a própria morte, impossibilitando qualquer retomada. Mas deixou alguém para reavivar esse ressentimento: a neta, que reavivava também seu próprio destino quando criança.

Foi preciso muito trabalho da paciente para finalmente se separar desse filho. Só após a separação, ela pôde chorar de fato sua morte e fazer o trabalho de luto, passando a querer bem a neta. Como Freud³²⁹ coloca: “De qualquer modo, o que se constata é que, após completar o trabalho do luto, o Eu se torna efetivamente livre e volta a funcionar sem inibições”.

Freud³³⁰ analisa o trabalho do luto como um processo difícil, em que a realidade impõe ao Eu que o objeto amado não existe mais, exigindo que a libido estabelecida nas relações com esse objeto seja retirada:

³²⁹Ibidem, p. 105.

³³⁰Ibidem, p. 104.

o ser humano [...] nunca abandona de bom grado uma posição antes ocupada [...] as exigências da realidade não são atendidas de imediato. Ao contrário, isso só ocorre pouco a pouco e com grande dispêndio de tempo e energia, enquanto, em paralelo, a existência psíquica do objeto perdido continua a ser sustentada. Cada uma das lembranças e expectativas que vinculavam a libido ao objeto é trazida à tona e recebe uma nova camada de carga, isto é, de sobreinvestimento [*Überbesetzung*]. Em cada um dos vínculos vai se processando então uma paulatina dissolução dos laços de libido. Justificar em termos econômicos por que é tão doloroso cumprir, passo a passo, essas exigências da realidade não é fácil, embora seja curioso que a todos nos pareça tão natural e compreensível que o enlutado deva passar por esse doloroso desprazer.

A dificuldade, muitas vezes encontrada no luto profundo, é a perda da capacidade de escolher um novo objeto de amor, fato que a paciente demonstra ao retomar seu casamento e na impossibilidade inicial de amar a neta. A relação dessa mãe com o filho é realizada por meio de uma escolha narcísica de objeto:

para as mulheres narcísicas [...] há uma via que conduz ao pleno amor objetal. A criança que gerarem apresentar-se-á diante delas como se fosse uma parte de seu próprio corpo, na forma de outro objeto, e, assim, partindo de seu próprio narcisismo, elas podem dedicar-lhe todo o seu amor objetal³³¹.

Um outro paciente é encaminhado à terapia após uma tentativa de suicídio, ocorrida logo após o suicídio da mãe. Fora ele quem havia encontrado a mãe morta em casa. Pouco antes da morte da mãe, esta havia lhe comprado uma quitinete, pois queria que o filho morasse só e fosse cuidar de sua vida. A mãe vivia sendo internada por tentativas de suicídio. Ele já havia se mudado, há uma semana, mas só dormia lá, pois almoçava e estudava na casa da mãe.

Dois dias antes do ocorrido, como estava indo para um retiro espiritual, pediu à tia, irmã da mãe, que olhasse por ela, que acabara de sair de uma internação. No dia do ocorrido, relata que estava se sentindo muito angustiado. Ligou para a mãe e ninguém atendeu. Não

³³¹FREUD, S. (1914). *À guisa de introdução ao narcisismo*. Obras Psicológicas Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1. p. 109.

conseguiu mais ficar no retiro e foi para a casa materna. Encontrou a mãe já sem vida. A partir de então, começou a beber muito e dirigia bêbado, tendo cometido alguns acidentes. Relata que já havia bebido muito, por volta dos 14 anos, quando então se tornara introspectivo e se isolara de todos. Fez terapia e melhorou.

A mãe havia se separado do pai quando ele tinha apenas um ano. Sua relação com o pai havia sido até então superficial. Ele estava novamente casado e tinha filhos do novo casamento, com quem ele não tinha relação. Após a tentativa de suicídio, o pai o levou para sua casa, onde ele estava se sentindo um estranho. O pai era muito formal, e ele não estava acostumado à madrasta e aos irmãos. Continuava ingerindo altas doses de bebida e fazia novas tentativas, quando fica claro que sabia que não corria risco de morrer.

Na última vez, após ingerir uma alta dosagem de medicação, me ligou desesperado, pois não queria morrer. Foi imediatamente para o hospital, fez uma lavagem e ficou internado por dois dias para observação. Após essa atuação, começou realmente a se engajar no trabalho terapêutico. Depois de um bom tempo, finalmente concluiu o trabalho de luto, conseguiu voltar para a sua casa e retomou suas atividades, inclusive em relação ao processo de inventário e de buscar soluções para os problemas que a mãe havia deixado. Interrompeu o tratamento por ter perdido a pensão da mãe e de não poder mais arcar com o custo do mesmo, decidindo buscar um trabalho para se sustentar.

O paciente ficou bastante chocado com a situação com a qual se deparou na morte da mãe. Oscilando entre sentimentos de culpa, por ter deixado a mãe só após uma internação, e vivendo uma raiva intensa por não ter conseguido ser tudo para ela, retorna todos esses sentimentos para si, numa busca desenfreada de repetir comportamentos anteriores e os da própria mãe. A pouca proximidade com o pai não facilitava o investimento em novos objetos de amor:

Sou um estranho naquela casa. Fico o tempo todo no quarto. Bebo escondido. Não consigo voltar ao apartamento de minha mãe. Ela deixou muitas dívidas, e o advogado me disse que tenho que esvaziar o apartamento e vender. Também vou perder a pensão quando atingir a maioridade. Sou muito católico, mas fico revoltado com Deus. Eu não devia ter ido para o retiro. Mas ela havia recebido alta. Não devia ter confiado. Agora sei porque minha mãe queria tanto morrer. Não existe nada na vida para eu me apegar. Meu pai tenta, mas ele é muito formal comigo. Não consegue. Não é culpa dele. O problema sou eu.

Freud³³² aborda questões relacionadas à melancolia, que estão presentes nesse paciente:

A libido então liberada, em vez de transferida a outro objeto, foi recolhida para dentro do Eu. Lá essa libido não foi utilizada para uma função qualquer, e sim para produzir uma identificação do Eu com o objeto que tinha sido abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu. A partir daí uma instância especial podia julgar esse Eu como se ele fosse um objeto, a saber: o objeto abandonado.

O processo de identificação com a mãe coloca o paciente como objeto e, nessa posição objetal, o Eu fica apassivado, lançando-o numa repetição frenética da passagem ao ato daquela que acabou tornando-o apenas um objeto abandonado: *Agora sei porque minha mãe queria tanto morrer. Não existe nada na vida para eu me apegar.* A forma reflexiva mostra claramente a ênfase de objeto: “Minha mãe me abandonou.”; e logo a apassivação: “Eu fui abandonado pela minha mãe.”. O verbo “apegar” é pronominal e marca mais claramente a regressão narcísica do paciente naquele momento.

O que diferencia esse trabalho de luto da melancolia? Entre outros, o fato de existir um objeto real, amado e perdido, por exemplo, por meio de sua morte. Na melancolia, não há clareza quanto ao que foi perdido.

II – MELANCOLIA E MANIA: NARCISISMO E VOZ REFLEXIVA

³³²Op. Cit., p. 108.

A melancolia se instala sem que saibamos o porquê. Não sabemos explicar o sofrimento terrível que nos aprisiona. E muitas vezes seu destino é radical: a morte.

Freud³³³ realiza um estudo comparativo entre o luto e a melancolia, apontando as diferenças entre os dois processos:

O luto é, em geral, a reação à perda de uma pessoa amada, ou à perda de abstrações colocadas em seu lugar, tais como pátria, liberdade, um ideal etc. Entretanto, em algumas pessoas – que por isso suspeitamos portadoras de uma disposição patológica – sob as mesmas circunstanciais de perda, surge a melancolia, em vez do luto.

O caso de uma paciente que nos impactou bastante no seu desfecho foi uma das inquietações que nos levaram à elaboração desse trabalho, na tentativa de entender melhor todo o processo. O relato será um tanto extenso, mas não podemos nos furtar em expô-lo. Já abordamos anteriormente a importância do *Pathos* na relação do terapeuta com o paciente: não cremos ser possível realizar um trabalho clínico sem se deixar afetar por aquilo que o paciente nos traz. Estamos falando de empatia, de eupatia.

A paciente foi encaminhada pelo local de trabalho. Funcionária brilhante, vinha nos últimos tempos permanecendo longos tempos de licença médica, sofrendo de um transtorno depressivo. Os retornos ao trabalho eram, sistematicamente, interrompidos por novas licenças. O relato da paciente era permeado por uma tristeza profunda: não via mais sentido em sua vida, nada mais tinha interesse para ela. Não dormia bem, passava noites em claro, dias sem comer e sem levantar da cama. Entregava-se à bebida para ficar “anestesiada” e não pensar no vazio de sua vida.

Suas relações amorosas fracassaram, ou bem como ela se expressava *nunca podiam mesmo dar certo, pois nunca tive prazer sexual nas relações*. Em uma das tentativas amorosas, na qual chegou mesmo a mudar de cidade para viver ao lado do “amado”, teve uma gravidez,

³³³Op. Cit., p. 103.

involuntariamente interrompida, que pôs fim à relação: *ele não me perdoou pela perda da criança. Depois disso, me desencantei dos homens, de ter filhos e da vida.* As demais relações com outros parceiros eram relatadas como se fossem realizadas contra a sua vontade. Apontada essa repetição, a paciente revela que sofrera abuso sexual na infância pelo pai, que sempre chegava em casa alcoolizado:

nem converso com ele há anos. Ajudo todo mundo da família, até ele, mas sem essa de ver. Minha mãe insiste para que eu fale com ele. Tenho raiva disto. Ela sabia de tudo. Nunca fez nada para evitar. Só se separou dele muito mais tarde. Ela dizia que não podia, pois não tinha como nos sustentar. Foi por isso que sempre procurei estudar muito. Eu queria ter condições de viver uma vida melhor que aquele inferno. E consegui. Agora isso não vale mais nada.

O relato da paciente nos remete à pior forma de assujeitamento: pela via do abuso. O que ela descreve de suas relações trazem essa marca, de “ser contra a sua vontade”. Ela não podia gozar, nem amar, vivendo encerrada no seu masoquismo, que de fato ocorrera, não era fantasia (o relato da paciente foi confirmado integralmente pela mãe, de uma forma aparentemente fria). A melancolia se instala após ter realizado o desejo de *ter condições de viver uma vida melhor que aquele inferno*, num investimento narcísico que sustentasse seu Eu, e após a renúncia [*Versagung*] ao mesmo, devido ao fracasso de uma relação amorosa e de uma gravidez. Freud³³⁴ descreve a melancolia como:

um estado de ânimo profundamente doloroso, por uma suspensão do interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar, pela inibição geral das capacidades de realizar tarefas e pela depreciação do sentimento-de-Si [*Selbstgefühl*]. Essa depreciação manifesta-se por censuras e insultos a si mesmo, evoluindo de forma crescente até chegar a uma expectativa delirante de ser punido.

Após um tempo de tratamento, no qual a paciente se empenha e consegue obter alguma melhora, o retorno ao trabalho é indicado, desde que permanecesse parte do período do dia em tratamento. A paciente

³³⁴Op. Cit., p. 103-104

passa então a apresentar diversas passagens ao ato, como chegar alcoolizada no trabalho e na clínica, manifestando claramente que não tinha mais vontade de trabalhar. A família não consegue atuar junto à paciente, tanto por julgá-la “maluca”, como por depender dela financeiramente e ter medo de uma retaliação com o corte da ajuda (a mesma manifestação da mãe quando do abuso sofrido pela paciente).

Quando a paciente manifesta seu desejo de se aposentar por invalidez, iniciamos um trabalho de questionamento de tal perspectiva, por acreditarmos que poderia reencontrar no trabalho novos objetos de investimento. A paciente começa a apresentar comportamentos bastante regressivos, não mais respeitando limites e conseguindo desorganizar as tentativas de relação terapêutica. Perde tragicamente um sobrinho, ao qual dispensava um cuidado maior, tentando dar a ele as oportunidades que não tivera, e pouco tempo depois rompe com o tratamento (outro filho perdido?).

Retomamos o contato com a paciente, procurando formas de inseri-la novamente no tratamento, mas sem sucesso. Tivemos notícia posteriormente de que fora internada algumas vezes, em serviços de emergência psiquiátrica, inclusive por tentativas de suicídio, e que finalmente estava aposentada.

Algum tempo depois, ela nos procura, dizendo que estava muito bem e que agora queria fazer *planos para o futuro, mas ainda não sabia quais*. Conversamos com ela sobre a possibilidade de uma atividade artística. Ela tinha potencial nesse sentido. Pensa em canto ou teatro, mas não parece entusiasmada. Logo após nossa conversa, não tive mais contato com a paciente. A hipótese naquele momento formulada foi a de que ela havia conseguido obter o que queria e poderia voltar a investir nas coisas da vida.

Freud³³⁵ observa que na melancolia “a relação com o objeto não é simples, há o elemento complicador que é o conflito da ambivalência”, que, no caso da paciente, se manifestada pelas escolhas amorosas que

³³⁵Op. Cit., p.114-115.

fazia “contra sua vontade” e pela relação de ajuda e ao mesmo tempo de afastamento do pai. Continuando com Freud:

Essa ambivalência ou é constitucional – presente em qualquer relação amorosa que esse Eu venha a ser – ou deriva-se justamente de experiências que implicam uma ameaça de perda do objeto. Por isso, as causas da melancolia podem ultrapassar em muito as do luto, que via de regra, só é desencadeado pela perda real, pela morte do objeto. Portanto, na melancolia, se tece em torno do objeto uma rede de inúmeros embates isolados – nos quais o amor e o ódio se enfrentam –, um para desatar a libido do objeto, o outro para defender essa posição da libido contra o ataque [...] de qualquer modo, tudo nesses embates ambivalentes permanece fora do alcance da consciência, pelo menos enquanto não ocorrer o desfecho característico da melancolia.

A ambivalência da paciente se manifestava em vários objetos: na família, no trabalho, no tratamento.

Os momentos de atuação da paciente, durante o tratamento, se manifestaram como um quadro maníaco. Com o Eu totalmente sem fronteiras, a paciente transbordava em seus afetos, misturando-se ao afeto dos demais pacientes. Não aceitava qualquer forma de limite, recusava a medicação e questionava a necessidade de permanecer em tratamento. Esses estados de euforia se mesclavam com estados que mais pareciam de cansaço do que de tristeza. Freud³³⁶ aponta:

A mais curiosa e ainda inexplicada peculiaridade da melancolia é sua tendência de se transformar no estado sintomaticamente oposto da mania [...] isto não ocorre em todos os casos de melancolia [...] a mania teria o mesmo conteúdo que a melancolia, as duas afecções lutariam contra o mesmo “complexo”, porém, no caso da melancolia, o Eu provavelmente foi subjugado pelo complexo, enquanto na mania o Eu dele se assenhoreou [*bewältigen*] ou mesmo o desalojou [...] tal como na melancolia, também fica ocultado do Eu o que afinal esse Eu venceu e superou e por que está tão triunfante.

Tempos após nosso último encontro, em meio a um congestionamento de trânsito, percebemos que o mesmo fora provocado

³³⁶Op. Cit., p. 112-113.

por um suicídio no local. Do carro, podia-se ver o corpo coberto por um lençol e ouvir as pessoas próximas dizendo se tratar de uma mulher, ainda jovem. No final da tarde, ficamos sabendo do suicídio da paciente naquele local.

Freud³³⁷ enfatiza que o que torna a “melancolia tão interessante e tão perigosa” é “a tendência ao suicídio”.

Binswanger³³⁸ analisa os momentos estruturais [*Aufbaumomente*] constitutivos da melancolia e da mania, buscando as diferenças determinantes em ambas:

Se a liberação ou a dissolução dos laços constitutivos transcendentais são comuns à mania e à melancolia, entretanto o tipo dessa <<dissolução>>, a estrutura transcendental da forma maníaca deve ser totalmente outra na melancolia. Se essa <<dissolução>> na mania conduz a uma forma de ser-no-mundo com fuga de idéias, ao mundo da alegria do *Dasein*, do triunfo (Freud), da atividade e do <<transbordamento>> maníaco, ao comportamento eloqüente, fanfarrão e falante que vai até ao delírio de grandeza, na melancolia essa dissolução conduz a um comportamento pusilânime que vai até ao delírio de inferioridade, à dor do *Dasein*, ao sofrimento de ser ser-no-mundo (é intencionalmente que não falo de tristeza ou <<humor sombrio>>, pois essas noções, conhecidas da prática humana, repousam sobre uma <<empatia>>), ao retraimento do mundo comum e do meio ambiente, à estagnação não somente do curso do pensamento, mas de todo curso de ação e pela interrupção de sua continuidade.

Binswanger³³⁹ aborda o enunciado gramatical da melancolia: “Se eu não tivesse feito isso ou aquilo.”; “Se tal coisa não tivesse acontecido”. Essas sentenças estão no modo verbal do subjuntivo e no tempo passado. O subjuntivo passado indica um fato provável, duvidoso ou hipotético que não foi realizado no passado. Observamos que todos os tempos compostos podem ser apassivados, como os exemplos acima apresentados. Para o autor,

³³⁷Ibidem, p.110.

³³⁸BINSWANGER, L. (1960). *Mélancolie et manie*. Paris: PUF, 1987. p. 25.

³³⁹ Ibidem, p. 33.

O que nós apreendemos no discurso do <<se>>, do <<se...não>>, do <<se eu tivesse>> ou do <<se eu não tivesse>>, é que se trata realmente de *possibilidades vazias*. Em relação às possibilidades, trata-se de atos protelatórios – o passado não contém possibilidades. O que ocorre aqui é *que a possibilidade livre se retira no passado*. Isto significa que os atos protelatórios constitutivos tornam-se intenções vazias. A protelação torna-se autônoma na medida em que ela não tem mais um <<propósito>>, nada mais resta a ser <<produzido>> significando a objetividade temporal do vazio << que virá>> ou do vazio <<como vir a ser>>.

Em relação à paciente, podemos ressaltar dois momentos em que tal situação se apresenta: *Tenho raiva disto. Ela sabia de tudo. Nunca fez nada para evitar. Só se separou dele muito mais tarde*, o que pode ser transformado, sem alteração semântica, em: “Se minha mãe tivesse separado do meu pai.” e “Se ela tivesse feito algo para impedir o abuso que eu sofria”. Na segunda transformação, fica clara a apassivação em que a paciente é colocada. Num outro momento, também ocorre a lamentação daquilo que não tem como retornar, nem poderá mais ter efeito sobre o *devenir*: *“Ele não me perdoou pela perda da criança”*. Novamente, a transformação em “Se eu não tivesse perdido a criança.”, deixa claro, pois não há mais propósito, apenas o vazio da lamentação.

A questão narcísica na melancolia se dá pela via da identificação com o objeto, com o qual se mantém uma relação ambivalente, de amor e ódio. Freud³⁴⁰ observa que, no melancólico, existe uma constante tensão entre o Eu e o Ideal de Eu, que se expressam por meio de uma condenação moral e de sentimentos de inferioridade: “o Ideal-de-Eu se comporta de modo muito severo e se enfurece contra o Eu”. Assim, na melancolia, temos:

a impressão de que o (Supereu)³⁴¹ se apoderou da consciência reforça-se ainda mais [...] o Eu não ousa objetar e contrapor-se ao (Supereu); ao contrário, ele se reconhece culpado e se submete às punições [...] na melancolia, o objeto da ira do (Supereu) foi acolhido no Eu por via de uma identificação.

³⁴⁰FREUD, S. (1923a), p. 58-59.

³⁴¹Na nova tradução de Freud para o português, referenciada nas referências bibliográficas, essa instância psíquica recebe a denominação de Supra-Eu. Por esta

A paciente sentia-se responsável pela sua família, provendo as necessidades inclusive do pai. A relação entre o Eu e o Ideal do Eu na melancolia se manifesta por meio de um hiperdimensionamento do Supereu, que ataca de forma impiedosa o Eu. Freud³⁴² aponta que:

De acordo com a nossa concepção de sadismo, diríamos que o componente destrutivo foi primeiro depositado no (Supereu) e depois dirigido ao Eu. Nesse caso, afirmamos que no (Supereu) predomina uma pura pulsão de morte. A não ser que este se defenda contra seu tirano por meio da transformação da melancolia em mania, freqüentemente essa pulsão será bem-sucedida em conduzir o Eu à morte [...] quanto mais uma pessoa controla sua agressão, tanto mais aumenta a tendência agressiva de seu Ideal contra o próprio Eu. É como se ocorresse um deslocamento da agressão, um redirecionamento desta ao próprio Eu.

Para realizar o trabalho de mediação necessário entre o mundo externo e o Id, o Eu se coloca para esse como objeto libidinal. Uma das funções da Eu é ajudar à pulsão de morte no controle da libido no Id, expondo-se assim “ao perigo de se tornar ele mesmo objeto das pulsões de morte e perecer”. Na melancolia, o medo da morte aparece como reação de um processo interno: “O único modo de explicarmos o medo da morte na melancolia é imaginarmos que o Eu – não se sentindo amado e sim odiado e perseguido pelo seu próprio (Supereu) – acabe por desistir de si. Viver, para o Eu, significa ser amado, ser amado pelo (Supereu)”³⁴³.

Binswanger³⁴⁴ analisa alguns casos de melancolia. Entre eles, um caso retirado de um livro autobiográfico do escritor suíço Reto Roos. Tal caso nos permite encontrar referências precisas em relação à ausência de objeto na melancolia. Para o paciente, estar na vida é como estar na morte, pois não há algo para se ligar: “Eu devo dizer abertamente que às vezes o suporte me falta e eu não sei por quanto tempo vou tolerar

ainda não estar incorporada ao nosso universo lingüístico-semântico, adotamos a denominação anterior de Supereu.

³⁴² Ibidem, p. 60-65.

³⁴³ Op. Cit., p.60-65.

³⁴⁴ BINSWANGER, L. (1960). *Mélancolie et manie*. Paris: PUF, 1987. p. 54-56.

ainda, dia após dia, este esforço sobre-humano”. Binswanger³⁴⁵ enfatiza a expressão “material de combustão”, retirada da fala de um paciente (M. B. K.) de Tellenbach³⁴⁶. Binswanger afirma que toda vez que um material de combustão é jogado na fogueira, outro surge logo em seguida.

Pouco importa qual material de combustão é jogado na fogueira do sofrimento e de que maneira o fogo aumenta. É mesmo bom, de uma outra maneira (mesmo se isso majora o sofrimento), que tenhamos objetos para jogar na fogueira; pois a essência verdadeira e insuportável da angústia na depressão reside na sua ausência de objeto.

A perda de suporte a que Reto Roos faz referência pode ser vista como uma falta de material de combustão Binswanger³⁴⁷ explicita que existe uma correlação entre a perda de objeto e a perda de si mesmo na melancolia. Após o abandono de si, vem a perda se si:

Segundo a concepção de suicídio em Reto Roos, que é a concepção autenticamente melancólica, nós não devemos considerar mais o suicídio somente como uma falência ou fuga diante da vida, como um tipo de <<resignação>>, mas como *um propósito de que pleno e sem equívoco*, como o último <<material de combustão>> que pode ainda ser jogado <<na fogueira do sofrimento>> [...] Essa constituição em um <<a propósito de que>> <<pleno e absolutamente sem equívoco>> se produz em um <<último esforço>> e de fato um esforço extremamente enérgico e mesmo brutal.

A decisão do suicídio é colocada, nesse enfoque, como a última possibilidade de manifestação de vida.

No texto de 1924a³⁴⁸, Freud enfatiza a melancolia como a psiconeurose narcísica:

³⁴⁵Ibidem, p. 54-55.

³⁴⁶ Idem.

³⁴⁷Ibidem, p. 58-59

³⁴⁸FREUD, S. (1924a). *Neurose e psicose*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 3. p. 98.

Assim, poderíamos, por exemplo, postular a existência de uma categoria de afecções que têm por base um conflito entre o Eu e o (Supereu). Aliás, a análise nos indica que, um bom exemplo para essa categoria, que propomos designar “psiconeuroses narcísicas”, seria a melancolia. Temos, portanto, boas razões para diferenciar estados psíquicos como, por exemplo, a melancolia de outras psicoses. Como se percebe, não foi preciso abandonar nossa fórmula genética simples, conseguimos aperfeiçoá-la. Agora teremos então a seguinte fórmula: a neurose de transferência corresponde a um conflito entre o Eu e o Id; a neurose narcísica, a um conflito entre o Eu e o (Supereu); e a psicose, a um conflito entre o Eu e o mundo externo.

As afecções que dizem respeito ao Eu são perturbações que têm uma relação central com o registro do narcisismo. A depressão e a melancolia se colocam como exemplos e compartilham sintomas. Em ambas, encontramos um humor apático e penoso e uma lógica cíclica, com reversão em seus contrários. Porém, as duas afecções têm diferenças importantes. Vergote³⁴⁹ resgata o sentido etimológico de depressão e melancolia:

constituem metáforas que evocam muito bem as disposições afetivas de que todo homem tem alguma experiência. Derivada do latim, a palavra “depressão” indica que a pessoa se experimente como abatida pelo peso de um sofrimento moral. Retomada do grego, ao contrário, *melaina cholé* (bilis negra), “melancolia” significa na linguagem ordinária o humor de um coração e de um espírito repleto de idéias sombrias.

Vergote³⁵⁰ aborda que o humor depressivo, que inclui a tristeza, a apatia e a ausência de relação afetiva é uma conseqüência da desvitalização do Eu e está ligado à consciência da impotência: o humor alternado entre a depressão e a exaltação, apresentado também nas desordens afetivas da melancolia-mania, diz respeito à oscilação entre as representações imaginárias de onipotência e os sentimentos de impotência. A depressão, segundo Vergote³⁵¹, é uma doença do Eu: é um ataque ao centro da personalidade, no qual o sujeito perde a

³⁴⁹VERGOTE, A. “Dépression et melancolie”. In: *Psychanalyse – L’homme et ses destins*. Louvain-Paris: Peeters, 1993. p. 109.

³⁵⁰Idem.

³⁵¹VERGOTE, A. “Névrose dépressive”. In: *Topique*, 17, Avril, , 1976. p. 106.

espontaneidade. Na depressão, a perda vivida é a perda do Ideal do Eu. As lamentações do depressivo, suas queixas, dizem respeito às suas incapacidades, à sua inutilidade, ao seu não-valor. O depressivo prefere a solidão por sentir vergonha de sua impotência:

A percepção do eu passa pelo ideal. Esta função mediadora fortemente inconsciente faz com que a diminuição do ideal abaixe a consciência que o eu tem de si mesmo. O sentimento de não-valor dos depressivos resulta da desnarcisação do ideal do eu³⁵².

O que provoca o retorno narcísico na depressão é a dissolução do Ideal do Eu, na qual o sujeito se sente incapaz de qualquer ato, de qualquer desejo. Vergote³⁵³ aponta também que existe, em toda depressão, uma disposição interior contrária: a hipomania. Os pacientes, nesse estado, constroem “realidades” que mostram a crença na onipotência imaginária do Ideal do Eu narcísico. Essa coexistência da polaridade potência-impotência do Eu pode ser compreendida como um apelo, uma tentativa de resgate do Ideal do Eu.

Nas depressões de natureza neurótica, que diferem dos transtornos de desordem afetiva, não há uma ruptura absoluta com os objetos, como na melancolia, nem uma alteração radical do Eu, como acontece na psicose. A ferida narcísica refere-se, segundo Vergote³⁵⁴, a um luto arcaico da unidade perdida com a mãe. A fusão da díade mãe-criança é fonte de constituição e confirmação do si mesmo, que marca o narcisismo primário. Se o luto da separação não pode ser realizado, a experiência de mortificação do Eu pode tornar-se “um centro de atração particularmente forte... um trauma que certas experiências da vida viriam revivificar”. O fato de a depressão e da melancolia serem de natureza narcísica as aproxima da psicose, principalmente em relação à retração libidinal e à perda de contato com os objetos do mundo externo.

³⁵²Ibidem, p. 106.

³⁵³Ibidem, p. 112.

³⁵⁴Op. Cit., p. 122.

III – PSICOSE: NARCISISMO E APASSIVAÇÃO NA IMPESSOALIDADE DA TERCEIRA PESSOA

Na melancolia e na depressão, o Eu fica perdido na culpa pela perda do objeto ou na impotência pela perda do Ideal do Eu. Na psicose, o que o Eu ambiciona ser é da ordem de um Eu Ideal, como na esquizofrenia, ou de um Ideal do Eu absoluto, como na paranóia. Tal aspecto foi por nós abordado no capítulo sobre o narcisismo. Para ser o que ele idealizou, o Eu precisa se desvencilhar da realidade do que é. Essa experiência de ordem narcísica é, de acordo com Freud³⁵⁵, também de natureza psicótica. O Eu se transforma e cria para si uma nova realidade.

Laplanche e Pontalis³⁵⁶ explicitam que a incursão freudiana na nosologia aponta para uma perspectiva da compreensão dos diferentes quadros clínicos em torno do aspecto dinâmico, considerando como fio condutor o atributo de defesa [*Abwehr*], o que caracteriza cada caso clínico pela presença de um modo peculiar de defesa. Esse fato justifica, inclusive, a denominação inicial para as patologias de neuropsicoses de defesa.

Nos seus primeiros trabalhos, Freud denomina de neuropsicoses a histeria, as obsessões, as fobias, as confusões alucinatórias, as psicoses histéricas e a paranóia, não separando neurose de psicose. Mais adiante, em 1915³⁵⁷, denomina de psiconeuroses aquelas patologias cujos distúrbios são, eminentemente, de origem psicológica, nos quais o conflito psíquico é determinante (psiconeuroses de transferência e psiconeuroses narcísicas), diferenciando-as das neuroses atuais, nas quais a etiologia é procurada num disfuncionamento somático da sexualidade.

³⁵⁵FREUD, S. (1924b). *A perda da realidade na neurose e psicose*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 3.

³⁵⁶LAPLANCHE, J.; PONTALIS, B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. Santos: Martins Fontes, 1975. p. 501.

³⁵⁷FREUD, S. (1915), *Pulsões e destinos das pulsões*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1.

Os mais antigos trabalhos sobre o tema da psicose são *Rascunho H: paranóia*³⁵⁸ e os *Novos comentários sobre as psiconeuroses de defesa*³⁵⁹. No primeiro deles, Freud considera que, ao contrário do que pensava a psiquiatria, as idéias delirantes (e as obsessivas) não são apenas distúrbios intelectuais e afirma que os delírios devem sua presença à existência de conflitos, a distúrbios da afetividade ligados a uma problemática psicológica. Nesse sentido, diz Freud³⁶⁰: “o propósito da paranóia é rechaçar uma idéia que é incompatível com o eu, projetando seu conteúdo no mundo externo”. Assim, Freud³⁶¹ chama a atenção para a energia com a qual a idéia delirante é sustentada, afirmando a célebre frase: “essas pessoas *amam seus delírios como amam a si mesmas*” .

No segundo trabalho, por sua vez, afirma que a paranóia seria uma psicose de defesa, isto é, um método especial que ele denominou repressão. Essa forma defensiva é pensada em sua articulação com a projeção: “Na paranóia a auto-acusação é reprimida por um processo descrito como projeção. É reprimida pelo estabelecimento do sintoma defensivo de desconfiar das outras pessoas”. O sujeito, não reconhecendo a auto-acusação, possibilita seu retorno sob a forma de pensamentos ditos em voz alta.

A análise das memórias de Schreber amplia a discussão realizada em torno do mecanismo da projeção, já inscrita em trabalhos anteriores. Apesar de, até 1911, Freud não avançar nas reflexões sobre a psicose, o que podemos verificar é a discussão em torno do tema do delírio, presente ao longo de vários trabalhos anteriores a Schreber e que culminou com sua abordagem da questão no texto *Construções em análise*³⁶². A partir de Freud, aprendemos como o delírio se processa enquanto efeito da recusa de uma realidade insuportável, tornando-se o

³⁵⁸FREUD, S. (1895b). *Rascunho H: paranóia*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v. I. p. 228.

³⁵⁹FREUD, S. (1896b). *Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v. III.

³⁶⁰Ibidem, p. 231.

³⁶¹Ibidem, p. 232.

³⁶²FREUD, S. (1937). *Construções em análise*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v. 23. p. 302.

discurso delirante uma forma de saber inquestionável, lugar da verdade absoluta para o sujeito.

No texto *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*³⁶³, as descobertas da psicanálise são estendidas para o cotidiano dos sujeitos. Freud³⁶⁴ resgata, por meio do exemplo clínico da paranóia, a possibilidade de demonstrar a existência de um conhecimento inconsciente. Caracterizando o paranóico como aquele que confere uma grande importância aos pequenos detalhes do comportamento de outras pessoas, quando tudo tem significação, afirma que a razão, para a existência desse fenômeno, é o fato de o paranóico projetar nas outras pessoas aquilo que está inconsciente no seu psiquismo. Freud³⁶⁵ considera que

Em certo sentido, portanto, o paranóico tem razão, pois ele reconhece algo que escapa à pessoa normal: vê com clareza maior do que alguém de capacidade intelectual normal, mas o deslocamento para outras pessoas do estado de coisas que ele reconhece faz com que seu conhecimento não tenha valor.

Conclui, portanto, que o sentimento de convicção do paranóico é justificado, pois há algo verdadeiro nele. Mas este saber perde o valor, pois não é assumido como pertencente ao próprio sujeito, e sim como se fosse de um outro.

M. acredita que o país está entregue nas mãos de uma máfia que controla tudo sem que as pessoas saibam. Fica sabendo das “armações” por meio do noticiário na televisão, quando consegue ler, nos lábios dos apresentadores, notícias que as outras pessoas desconhecem. Acredita, então, que como só ele sabe, é porque foi o escolhido para acabar com a máfia. Vai até o palácio do Governo e tenta se aproximar do Presidente para denunciá-lo, mas é preso. Após tomarem conhecimento de que M. se encontrava em tratamento psiquiátrico, o processo de “atentado à

³⁶³FREUD, S. (1901). *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v. 6.

³⁶⁴Ibidem, p. 208.

³⁶⁵Ibidem, p. 221.

segurança nacional” é arquivado. M. não se conforma e continua dizendo a todos na clínica o que se passava no cenário político, como desvio de dinheiro e brigas pelo poder. Fica imaginando uma forma de denunciá-los. Começa a dialogar mentalmente com os apresentadores da televisão, tentando passar as informações que sabe. Apaixona-se por uma das apresentadoras e tem certeza de que é correspondido. Tempos depois, o governo cai em função exatamente das questões que M. tentava denunciar. Logo que o fato ocorre, M. fica preocupado, pois acha que podem querer fazer algum mal a ele por ter conseguido “desmascarar” a máfia. A partir de então, M. sente-se “grandioso” e começa a fazer coisas que colocam sua vida em risco, sem se preocupar com as conseqüências, debochando inclusive da possibilidade de suas ações causarem sua morte. A primeira crise que M. apresenta ocorre após sua mãe ter sofrido um derrame, que deixou muitas seqüelas, inclusive de um desligamento “parcial” da realidade.

Freud³⁶⁶ discute os temas da crença e da superstição, atrelando-os ao determinismo inconsciente. Trata-se de trazer para o campo psicanalítico as mais variadas formas do “pensar”, como a loucura, o misticismo, a magia etc. Tal fato se expressa, claramente, numa citação de Fausto, epígrafe do artigo em questão: [Desses fantasmas tanto se enche o ar] [Que ninguém sabe como os evitar]³⁶⁷. Essa perspectiva foi retomada no texto *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, no qual Freud³⁶⁸ confronta a perspectiva médica com a do escritor imaginativo, observando que “os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar”. Reconhecendo, portanto, a possibilidade de uma inteligibilidade para determinados fenômenos excluídos do campo científico, Freud traz para o campo da análise, isto

³⁶⁶Op. Cit.

³⁶⁷Ibidem., p. 11.

³⁶⁸FREUD, S. (1907[1906]). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. v. 9. p. 18.

é, da produção de sentido, aquilo que, até então, tinha sido relegado para fora do campo da compreensão científica.

Isso o conduz, por exemplo, a criticar a explicação que considerava os sonhos como processos puramente fisiológicos, descartando a necessidade de procurar sentido ou propósito para os mesmos. Nesse texto, Freud³⁶⁹ aproxima a análise do delírio à presença de uma fé inabalável, à existência de:

uma crença profunda que o sujeito apresenta e que não provém de seus elementos falsos e nem é motivada por uma incapacidade da faculdade de julgamento. Acontece que existe uma parcela de verdade oculta em todo delírio, um elemento digno de fé, que é a origem da convicção do paciente, a qual, portanto, até certo ponto, é justificada.

Trata-se da presença de um conhecimento inconsciente projetado no mundo externo que não é assumido pelo sujeito devido ao conflito inerente a este saber, por isso só é possível admiti-lo como vindo de fora. A certeza que vem atrelada a essa forma de saber constitui uma armadura protetora contra algo que é da ordem do insuportável para o sujeito.

Na obra sobre o caso de Schreber³⁷⁰, baseado no relato autobiográfico *Memórias de um doente dos nervos*³⁷¹, a problemática da paranóia é vinculada à questão da libido homossexual. O desencadeamento dessa problemática é concebido a partir da rejeição do sujeito em torno da idéia de uma escolha de objeto homossexual. Já encontramos nessa obra de Freud uma referência ao tema do narcisismo.

Freud³⁷² enfoca que as pessoas que não se libertam completamente do estágio de narcisismo, que se encontram aí fixadas, acham-se expostas ao perigo de que a força intensa dessa libido, ativada por algum motivo e não encontrando um escoadouro, venha a produzir uma sexualização das relações sociais, desfazendo sublimações que haviam

³⁶⁹Ibidem, p. 83.

³⁷⁰FREUD, S. (1911a).

³⁷¹SCHREBER, D. P. (1903). *Memórias de um doente dos nervos*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

³⁷²Op. Cit.

sido alcançadas no curso do desenvolvimento. Somente em 1914 a questão será pensada a partir da idéia de uma libido narcisista, tratando-se de uma problemática que envolve a constituição do Eu e seus processos identificatórios no encontro com o outro.

Freud³⁷³ destaca que o sujeito tem a experiência de uma catástrofe interna (fantasia de fim-de-mundo) que, ao ser projetada, é seguida por uma tentativa de reconstrução do mundo, o que permite ao sujeito poder viver nele mais uma vez. A formação delirante é uma tentativa de restabelecimento. O desencadeamento da psicose diz respeito a uma precariedade na sustentação psíquica do sujeito que depende do outro, enquanto “duplo”, para a manutenção de sua integridade e, portanto, a invocação de uma instância terceira (no caso de Schreber, a assunção a um importante cargo) desencadeia a desagregação psicótica (fantasia de fim-de-mundo), visto apontar para a presença de uma alteridade não “digerível” pelo Eu. Tal reconstrução delirante nunca é totalmente bem-sucedida. No caso de M., o fato de essa reconstrução ter sido confirmada na realidade levou ao estabelecimento de uma megalomania (delírio de grandeza), que colocava a vida do paciente em risco.

As questões principais do referido trabalho são retomadas, três anos depois, no artigo *À guisa de introdução ao narcisismo*³⁷⁴. Trata-se de um dos mais importantes trabalhos de Freud, nos quais novos conceitos se introduzem, estabelecendo uma verdadeira reviravolta teórica, quando o narcisismo recebe um estatuto constitutivo na formação do Eu, dando um passo decisivo para o que será, mais adiante, constitutivo da chamada segunda tópica (Id, Eu e Supereu).

A elaboração desse trabalho freudiano aponta para a execução de um projeto que visava à inclusão da questão da psicose no campo psicanalítico. Nesse artigo altamente condensado, o tema da psicose é diferenciado dos processos neuróticos. Descrevendo seus mecanismos, a partir da idéia da libido do Eu (libido narcísica), Freud distingue a introjeção para o campo fantasmático, típico do processo neurótico, da

³⁷³Idem.

³⁷⁴Op. Cit.

retração da libido ao Eu, característica da psicose, afirmando que “o parafrênico [...] parece realmente ter retirado sua libido de pessoas e coisas do mundo externo sem substituí-los por outras na fantasia”³⁷⁵. A libido é, assim, inicialmente afastada dos objetos externos e dirigida para o Eu, fenômeno denominado de megalomania, tratando-se, fundamentalmente, da ampliação e manifestação de algo já existente. Este “algo já existente” é denominado de narcisismo primário, ao qual se sobrepõe um narcisismo secundário.

Freud³⁷⁶ discute como por meio da análise do delírio é possível identificar a gênese do processo de constituição do agente censor, cuja função assegura a satisfação narcisista proveniente do Ideal do Eu. Para tal empreendimento, o Eu real é constantemente observado, medido, avaliado, em função desse ideal: “Na verdade, foi a influência crítica dos pais que levou o doente a formar seu ideal-de-Eu, que lhe é transmitido pela voz e tutelado pela consciência moral”. Aqui, podemos considerar a presença de uma “voz que vê” ou de “um olhar que advém da voz”, cujo investimento libidinal é de origem narcísica:

Os doentes se queixam de que todos seus pensamentos são conhecidos, de que todos os seus atos são vigiados e supervisionados, de que vozes os informam da atuação dessa instância e, ainda, de que as vozes lhes falam, caracteristicamente, na terceira pessoa (“agora ela está pensando nisso de novo”; “agora ele vai embora”) [...] um poder como esse, que observa todas as nossas intenções, tem acesso a elas e as critica, de fato existe e está presente na vida normal de todos nós. Todavia, no “delírio de estar sendo observado”, esse poder se apresenta de forma regressiva, revelando, assim, sua gênese, bem como o motivo pelo qual o enfermo se rebela contra ele.

Um paciente pedia para ser internado toda vez que tal delírio o “invadia”, precisando estar em um local fechado para se proteger. Algum tempo depois, quando acreditamos que a medicação intensiva lhe oferecia um pouco mais de suporte, voltava à clínica, conseguindo ficar em tratamento aberto.

³⁷⁵Ibidem, p. 98.

³⁷⁶Ibidem, p. 113-114.

A questão da terceira pessoa é um aspecto essencial da psicose. Os pacientes se referem aos seus “perseguidores” na terceira pessoa: *Eles me roubam tudo: os meus sonhos, o meu sangue, os meus cocôs, o meu sobreviver*. Martins e Costa³⁷⁷, analisando a questão referencial no discurso delirante, enfocam que:

Nas falas de nossos pacientes paranóicos encontramos (uma) demolição do processo de interlocução. Eles falam muito de si e do objeto do seu discurso, via de regra ‘ele’ pessoa, coisa, objeto. O ‘tu’ tende a desaparecer, na medida em que nem sempre é considerado como digno de interlocução.

Ao analisarem a questão da referência relativa à situação específica da enunciação, os autores articulam tal referência ao co-texto (endofórica) e ao contexto (exofórica), relacionando-as ao próprio discurso:

O objeto denotado pelas expressões referenciais relativas se define como dado dentro do contexto relacional do ato comunicativo. Cada vez que a situação de enunciação se modifica, a referência se verá igualmente modificada. Porém, a mudança da situação da enunciação não altera o significado dêitico que é constante e reside na indicação das relações com o contexto específico do ato discursivo³⁷⁸.

Benveniste³⁷⁹ concebe os pronomes relativos à terceira pessoa como uma categoria diferente dos pronomes de primeira (eu) e segunda pessoa (tu), denominado-os de “não-pessoa”. Para o autor, essa referência de “não-pessoa” é uma “referência zero”, permanecendo fora da relação de interlocução. Esta é marcada pelas pessoas “eu/tu”. Benveniste³⁸⁰ aponta os traços que caracterizam e distinguem os pronomes de terceira pessoa:

³⁷⁷MARTINS, F.; COSTA, A. “Quem são eles?”. In: *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília:UnB, 2003. v. 19. n. 1. p. 92..

³⁷⁸Idem, p. 93.

³⁷⁹BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002. v. 1-2.

³⁸⁰Idem, p. 256-257.

1) sua capacidade de se combinar com qualquer referência de objeto; 2) o fato de não ser reflexiva da instância do discurso; 3) a possibilidade de envolver um grande número de formas pronominais e demonstrativas; 4) a sua incompatibilidade com paradigmas tais como “aqui” e “agora” (*tradução nossa*).

Termos como “ele” e “ali” aumentam a distância entre o locutor (eu) e o alocutor (tu), fazendo desaparecer esse tu e colocando um objeto exterior à interlocução: ele. Assim, o discurso delirante consegue não entrar em contato direto, ao impersonalizar os objetos, sem possibilidade de diálogo. Benveniste³⁸¹ aborda o pronome “ele” como impessoal, referindo-se às não-pessoas ou às coisas. Martins e Costa³⁸² inferem que a interlocução do delirante “instala-se principalmente uma oposição Eu – Ele [...] O colapamento do “Tu” instala uma grave dificuldade de comunicação. Emerge um sujeito pressuposto grandioso, narcísico, mas, ao mesmo tempo, muito solitário.”. E um “ele” perseguidor.

Martins e Pôrto³⁸³ analisam o delírio como a negação de um ato ilocucionário:

O ato ilocucionário se realiza quando o locutor profere uma frase. O ato realizado transcende o próprio proferimento posto que a própria sentença contém sua realização [...] É um ato ao mesmo tempo intencional e convencional, que se abre a possibilidades de sucesso ou de fracasso, como batizar, prometer, aceitar (em casamento) [...] No caso particular dos delírios, as tentativas de uma negação impossível de um verbo dotado de força ilocucionária levam a quatro possibilidades de contradição da proposição que justifiquem a recusa inicial.

³⁸¹Ibidem.

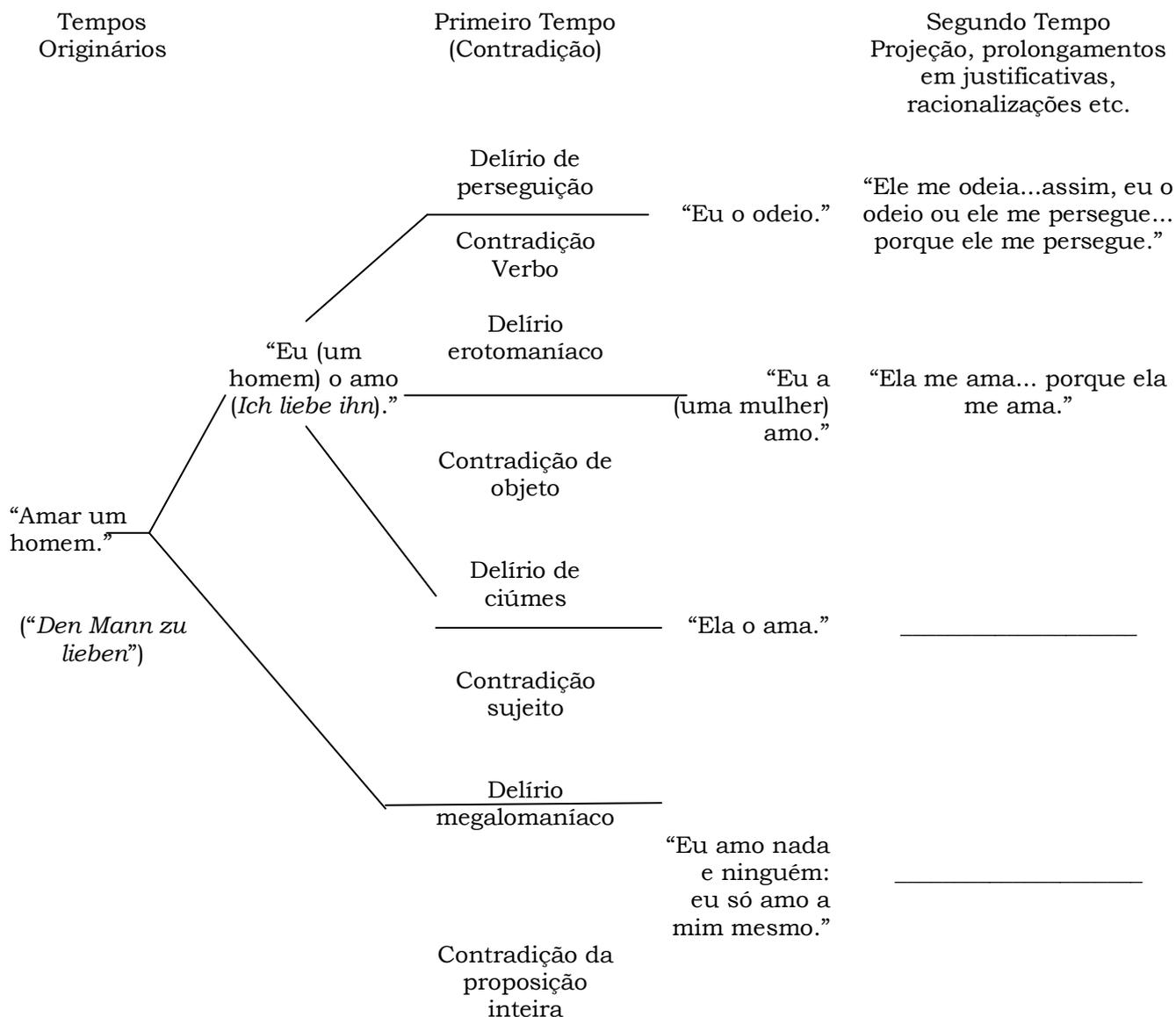
³⁸²Op. Cit., p. 95.

³⁸³MARTINS, F., COSTA, A.; PÔRTO, K. “O delírio à luz das teorias dos atos de fala”. In: *Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre: , 2000. v. 13. n. 1. p. 13-14.

Os autores elaboraram um quadro, baseada na análise dos delírios de Schreber efetuada por Freud³⁸⁴.

QUADRO 13

QUADRO SINÓPTICO PARA UMA ANÁLISE TRANSFORMACIONAL DA FANTASIA DE SCHREBER



Nessa análise, Freud enfoca que os delírios apresentam uma negação radical da ação verbal, que é o representante do movimento pulsional. O movimento homossexual em relação à figura paterna é

³⁸⁴Op. Cit., p. 86-88.

negado por meio da negação do verbo “amar”, funcionando, no contexto do delírio, como um verbo ilocucionário, impossível de ser negado.

Acrescentamos ao quadro elaborada por Martins, Costa e Porto³⁸⁵, exposta anteriormente, a análise que estamos realizando no presente trabalho sobre a relação entre as vozes dos movimentos pulsionais, o narcisismo e a apassivação:

³⁸⁵Op. Cit., p. 14.

QUADRO 14
MODOS DE CONSTITUIÇÃO DE DELÍRIOS

Proposição Original Negação ou forclusão	Contradição De-negação	Projeção	Destino Pulsional 2º Tempo regressão narcísica
Eu o amo	Eu não o amo Delírio de Perseguição Contradição do verbo Eu o odeio	Ele me odeia	Eu sou odiado Voz passiva
Eu o amo	Eu não o amo Delírio Erotomaniaco Contradição do objeto Eu a amo	Ela me ama	Eu sou amado Voz passiva
Eu o amo	Eu não o amo Delírio de ciúmes Contradição do sujeito Ela o ama	Ela ama outro Ela me trai	Eu sou traído Voz passiva
Eu o amo	Eu não o amo Delírio Megalomaniaco Contradição da proposição inteira Eu amo nada e ninguém (Voz Média – esquizofrenia)	-----	Só amo a mim mesmo (Voz reflexiva – paranóia)

Freud³⁸⁶ propõe o estudo do delírio por meio de uma análise lógico-gramatical, a partir da frase: “Amar um homem.”, cujo verbo está no infinitivo. Não há introdução do sujeito na frase originária, só o verbo e seu objeto direto. Freud analisa a formação do delírio de perseguição,

³⁸⁶Op. Cit.

de ciúmes, o erotomaniaco e a megalomania a partir da contradição do verbo e do objeto, articulada ao sujeito.

A frase “Amar um homem.” é a proposição da qual se parte e implica questões relacionadas à formação do Eu. As transformações se dão em função de movimentos defensivos do sujeito. As transformações pressupõem, portanto, a constituição de um Eu na qual o narcisismo é a condição para sua fundação. Antes da colocação em cena do sujeito, não existem defesas.

Freud³⁸⁷ estabelece a seguinte análise:

poder-se-ia supor que uma proposição composta de três termos tal como ‘eu o amo’ só pudesse ser contestada por três maneiras diferentes. Os delírios de ciúme contradizem o sujeito, os delírios de perseguição contradizem o predicado e a erotomania contradiz o objeto. Na realidade, porém, é possível um quarto tipo de contradição – a saber, aquele que rejeita a proposição como um todo: ‘*Não amo de modo algum – não amo ninguém*’. E visto que, afinal de contas, a libido tem que ir para algum lugar, essa proposição parece ser o equivalente psicológico da proposição: ‘Eu só amo a mim mesmo’. Desta maneira, esse tipo de contradição dar-nos-ia a megalomania, que podemos encarar como uma supervalorização do ego e ser assim colocada ao lado da supervalorização do objeto amoroso, coma qual já nos achamos familiarizados.

O quarto tipo de contradição é a mais radical. Se os registros cronológico e o narcísico são necessários à análise dos delírios, eles se tornam ainda mais fundamentais para se explicitar as relações da megalomania com o narcisismo. No estudo da fantasia de Schreber, Freud enfoca que a rejeição completa da proposição inteira “Não amo de modo algum – não amo ninguém” – “Eu só amo a mim mesmo” é a forma do delírio de grandeza. Essa rejeição coloca a questão do estatuto da negatividade na psicose, já que a recusa implica a separação do sujeito daquilo que ele produz (enuncia). Há uma indistinção entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação, mostrando uma ruptura dessa articulação fundamental da linguagem.

³⁸⁷Ibidem, p. 88.

Na nossa análise, observamos que a contradição completa da proposição explicita o que Freud aborda acerca da regressão narcísica na paranóia e na esquizofrenia. Na megalomania, a projeção não está presente, pois, conforme Freud³⁸⁸, a “deformação por meio da projeção acha-se necessariamente ausente nesse caso, visto que, com a mudança do sujeito que ama, todo o processo é de qualquer modo, lançado para fora do ego”. Esse tipo de contradição reenvia o sujeito à média reflexiva, registro do narcisismo do Eu Ideal e do Ideal do Eu.

Freud³⁸⁹, em relação às enfermidades narcísicas, considera a evolução da esquizofrenia menos favorável do que a da paranóia. A regressão não vai somente até o narcisismo, manifestado na megalomania, mas até o abandono completo do amor objetal, retornando ao auto-erotismo infantil: “A fixação disposicional deve, portanto, achar-se situada mais atrás do que na paranóia e residir em algum lugar no início do curso do desenvolvimento entre o auto-erotismo e o amor objetal”.

Essa análise de Freud nos permite retomar o que foi explicitado no capítulo referente ao narcisismo: a regressão narcísica que ocorre na esquizofrenia se efetua no registro do Eu Ideal, enquanto na paranóia o registro é do Ideal do Eu. O Eu Ideal, registro da voz média propriamente dita, situa-se no momento da identificação com o desejo materno, no qual não há ainda uma diferenciação entre a mãe e a criança. Esta é o centro do evento que se elabora para a constituição do Eu. Não há passiva, nem ativa e também não há ainda a linguagem enquanto intersubjetividade.

Podemos relacionar a regressão narcísica da esquizofrenia com a contradição “Não amo nada e ninguém”. Nessa proposição, a negatividade toma todo o seu acento. O objeto é o “nada e ninguém”. Como no registro da voz média não há indiferenciação ente sujeito e objeto, nega-se, dialéticamente, o sujeito. O registro do “Não amo nada e

³⁸⁸Op. Cit., p. 87.

³⁸⁹Ibidem, p. 102.

ninguém.” indica um Eu que se direciona para a completa solidão do não-ser.

Já a regressão narcísica na paranóia, registro da reflexiva, propriamente dita, pressupõe uma separação, na qual então o próprio Eu é tomado como objeto: aí se situa a contradição “Eu só amo a mim mesmo.”, que corresponde à reflexiva “Eu me amo”. O paranóico não está só; mesmo na megalomania, ele tem a si como objeto.

A projeção, apresentada nas proposições transformadas pela contradição, pode ser vista como uma maneira de liberar o sujeito de uma afirmação que lhe diz respeito. Ao contrário da megalomania, o essencial é que ele não apareça enquanto sujeito do enunciado: “Não sou eu – são os outros...”. Assim, o sujeito se transforma em algo mais belo do que ele é e protege o seu narcisismo ferido. No quadro 2, podemos observar que, por meio da projeção, o sujeito do enunciado está protegido. Ele fica na posição de objeto, apassivado.

Nos outros três tipos de delírio, as contradições nos termos não implicam necessariamente o Eu. Na perseguição, ao contrário, o Eu enuncia existir só uma verdade, a dele, colocando o outro numa posição secundária ou inexistente: *Eles roubam tudo: os meus sonhos, o meu sangue, os meus cocôs, o meu sobreviver*. O primeiro tempo lógico da contradição transforma no contrário o verbo: “Eu não o amo – eu o odeio”. A projeção transforma a proposição em “Ele me odeia.”, protegendo o Eu, mantendo-o como objeto. No segundo tempo lógico, tempo este da regressão narcísica e da apassivação, a transformação se dá pela proposição “Eu sou odiado.”, retomando o Eu, mas num processo no qual não é ele que executa uma ação. Ele sofre a ação, tornando-se um sujeito-paciente. No caso da erotomania, a inversão é do objeto: “Eu não o amo; eu a amo”, transformando-se na projeção em “Ela me ama.” E, no segundo tempo, em “Eu sou amado”.

Um paciente acreditava ser amado pela filha de um importante jurista, presidente do local no qual trabalhava. Envia-lhe sempre dúzias de rosas, sem que ela manifestasse o recebimento das mesmas. Mesmo assim, continuava mandando as flores, pois “sabia que algo a estava

impedindo de manifestar o seu amor por ele”. Algum tempo depois, o casamento da respectiva moça, com outra pessoa, é noticiado com grandes pompas nos noticiários locais. O paciente se enfurece e “descobre” que tal fato ocorrera porque “o pai dela, que era homossexual e queria manter relações sexuais com ele, havia armado para que ela se afastasse definitivamente, casando-a com outro. Tal fato o impossibilitava *definitivamente* de retornar ao trabalho”. A aposentadoria, que realmente ocorreu devido à gravidade do adoecimento, “confirmou” suas crenças. Após a aposentadoria, o paciente retorna à sua cidade natal. Pouco tempo depois, ficamos sabendo do seu suicídio. Segundo os familiares, ele havia suspenso a medicação e estava ouvindo vozes. O delírio de erotomania do paciente, na projeção, muda de sujeito: o pai é inserido no lugar da filha. Essa nova projeção é marcada pelo conteúdo homossexual e sua relação conflituosa com o complexo paterno. Freud³⁹⁰ observa:

os paranóicos trouxeram consigo uma *fixação no estágio do narcisismo*, e podemos asseverar que a extensão do *retrocesso do homossexualismo sublimado para o narcisismo* constitui medida da quantidade de regressão característica da paranóia”.

E, mais adiante, conclui que quando o objeto do delírio se torna “a coisa mais importante do mundo externo”, o paranóico fica “tentando, por um lado, arrastar a totalidade da libido para si, e, por outro, mobilizando todas as resistências contra si”.

No delírio de ciúmes, a contradição se efetua no sujeito do enunciado: “Não sou eu – são os outros...”. Como já observamos acima, por meio do mecanismo da projeção, o sujeito do enunciado fica protegido e fica na posição de objeto, apassivado. Não é ele, é ela que ama outro e o trai. Portanto, a projeção também ocorre no delírio de ciúmes. Podemos dizer que se trata de uma dupla projeção: no primeiro tempo da contradição, ocorre sobre o sujeito: “Não sou eu que o ama, é ela que o ama”. Posteriormente, a projeção é completada com uma transformação agora sobre o verbo e objeto: “Ela o ama – ela me trai.”,

³⁹⁰Op. Cit., p. 96-97.

inserindo novamente o Eu na proposição, protegido como objeto, o que irá se transformar no segundo tempo da regressão narcísica e da apassivação em “Eu sou traído”.

O romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, publicado em 1899³⁹¹, coloca em primeiro plano o delírio de ciúmes que o narrador, Bento Santiago (Bentinho), tem de sua mulher, Capitu. O ciúme de Bentinho se inicia com a fala de um amigo da família, que quer afastar o narrador do encantamento por Capitu, para que prossiga na carreira de seminarista, cumprindo, assim, a promessa feita pela mãe. A fala diz respeito à possibilidade de ela vir a se enamorar de qualquer outro rapaz. A partir de então, Bentinho passa a imaginá-la namorando algum suposto rival. Ao sair do seminário, quando então já se encontrava namorando Capitu, ele percebe uma troca fugaz de olhares entre ela e um desconhecido. O ciúme vai se construindo até dominar completamente Bentinho, que passa a exercer uma vigilância sobre qualquer gesto da amada, buscando confirmações de sua infidelidade, sem nunca conseguir comprová-la de fato. A morte do amigo Escobar e o olhar de Capitu para o morto, durante o enterro, fornecem a “prova definitiva” de que ela o havia traído com o amigo. “Ela o ama” é completado então com “Ela me trai”, designando o lugar de objeto ao sujeito de ciúme delirante. Bento fica então convencido de que seu filho é, na realidade, filho de Escobar. Envia o filho e a esposa para a Suíça e se transforma no Casmurro, alcunha dada por seus vizinhos devido a seus hábitos reclusos e calados.

O Eu é a questão central na psicose. Os sintomas são a expressão do adoecimento de Eu, como no Eu imaginado e despedaçado da esquizofrenia ou no Eu simbólico e inflado da paranóia. Um Eu apassivado, sofrendo a ação de sua projeção ou de sua contradição radical. O delírio é uma tentativa de solução. O terror vivido leva à tentativa de uma reconstrução para experiências dolorosas e questões impossíveis. Na paranóia, a tentativa de restituição se dá pela produção

³⁹¹ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1976.

de um novo sentido, constituidor de um saber. A riqueza das produções lingüísticas esquizofrênicas mostra outro caminho, que implica um ataque ao sentido, às palavras enquanto signos. Há um processo de desconstrução, no qual os investimentos sublimatórios nos objetos vão sendo substituídos por construções narcísicas.

Todorov³⁹², ao abordar o discurso psicótico, afirma que “a psicose implica uma degradação da imagem que o indivíduo faz para si do mundo exterior”. Este conflito com a realidade exterior leva ao fracasso da referência, na evocação da realidade. O autor aborda que esse fracasso pode ocorrer de três formas: na recusa de falar, própria da catatonia, na qual a própria enunciação é atacada; quando a referência se dá num imaginário, que não tem existência real para os não-psicóticos, no qual o ataque se refere às coisas das quais se fala, próprio da paranóia; e finalmente quando o discurso não consegue construir nenhuma referência, característica da esquizofrenia.

Na esquizofrenia, as palavras são tomadas como coisas. O delírio, na esquizofrenia, é uma construção que tenta resolver o problema entre as coisas e as palavras, mas essa construção fica incompreensível e não consegue ser compartilhada. Por ser impossível compreender o mundo esquizofrênico, dizemos que o delírio, nesse adoecimento, se caracteriza pelas alterações de desagregação do pensamento e das alucinações: é que na esquizofrenia a articulação dos sentidos é que se vê tocada, por vezes até abolida.

Há poucos dias encontramos um antigo paciente. Não o víamos há mais de dez anos. Ele se dirigiu a nós como se tivéssemos nos visto há pouco. Começa a falar da morte do irmão, como se soubéssemos do ocorrido:

³⁹²TODOROV, T. (1978). *Gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 75.

Foi tudo muito de repente. Quando a ambulância chegou eu sabia. Eu e fulano somos muito sensíveis. E minha mãe?...estou aqui tentando achar um lugar onde possa ser bem acolhido... Se for eu fico. Preciso... Eu sabia que ele ia morrer. Eles levaram... Eu e fulano temos problema. Todo mundo lá em casa tem... estou fazendo dieta. Fico pensando se posso ou não comer. O problema é saber... ele pensava que sabia. Quando a ambulância chegou vi que era sério. Preciso cuidar do fulano. Nós somos parecidos. Somos sensíveis. Eu falei, mas eles não escutam.

Continua a falar por um bom tempo, misturando conteúdos, tempos e lugares. Ao nos despedirmos, pergunta como estamos e diz que nada mudou.

Todorov³⁹³ afirma que a incoerência do discurso do esquizofrênico “é uma das razões pelas quais a referência se tornou impossível”. O que assegura a coerência do discurso é o funcionamento de elementos lingüísticos que se referenciam a outros segmentos do enunciado: “as anáforas (principalmente as pronominais)³⁹⁴ são metalingüísticas na medida em que remetem a outras partes do discurso”. No relato do paciente, encontramos o termo “eles”, que permanece indeterminado. Não é possível saber a quem o paciente está se referindo. Outro aspecto abordado pelo autor é a ocorrência de proposições inacabadas, que também dificultam a coerência: *Preciso... Eu sabia que ele ia morrer. Eles levaram... Eu e fulano temos problema. Todo mundo lá em casa tem... estou fazendo dieta.* As relações entre os termos do enunciado apresentam-se perturbados, como a utilização da relação de transitividade: “Preciso...”. A falta de conjunções também é outra característica apontada por Todorov. As relações entre os segmentos ficam sem hierarquia ou sem relação de causalidade. O discurso fica sem sua condição essencial:

³⁹³Ibidem., p.78.

³⁹⁴O grifo é nosso.

todos os segmentos de um discurso se referem ao mesmo fato, e o descrevem de maneira constante. Ora, o inacabamento faz que a nada nos refiramos, a descontinuidade, que nos refiramos a fatos diferentes, e a contradição, que não nos refiramos a eles da mesma maneira. A coerência é, pois, uma condição à referência³⁹⁵.

Já o discurso do paranóico não difere tanto do discurso não-
psicótico. A diferença básica reside no fato de os referentes não terem
existência real. Se o discurso do paranóico apresentasse os índices
lexicais apropriados, como “era uma vez”, poderia ser considerado uma
obra de ficção literária. Todorov³⁹⁶ observa que “é paranóico quem perde
a possibilidade de distinguir entre ficção e verdade [...] dito de outro
modo, é quem perdeu o uso dos indicadores que servem para distinguir
os dois”. No discurso paranóico, é possível construir a referência, como
se pode observar no relato do paciente P. e no quadro 7 (p. 58),
construída tendo como base seus enunciados.

Além dos aspectos apresentados por Todorov, gostaríamos de
acrescentar a importância do pronome pessoal oblíquo “me”, presente
em muitos enunciados que observamos na nossa clínica. Esse dêitico
apresenta-se como um indicador básico do processo de regressão
narcísica e de apassivação que ocorre nos adoecimentos que acabamos
de analisar.

³⁹⁵Op. Cit., p. 81.

³⁹⁶Ibidem, p. 77.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada no presente trabalho é fruto da inquietação deixada pelo atendimento de alguns pacientes realizados ao longo de nossa prática. Foram utilizados fragmentos de casos clínicos, que servem como verdadeiros testemunhos do que apreendemos com a nossa prática e que muito nos marcaram. A leitura realizada nesse estudo diz respeito a esse contexto particular. Entretanto, acreditamos que tais reflexões podem muito servir para que outros pensem o fenômeno da apassivação no atendimento de seus próprios pacientes. Portanto, podemos dizer que a reflexão aqui realizada, entre nossa prática clínica e as teorias apresentadas, resultou em três considerações principais.

A primeira consideração é que existe uma relação específica entre as vozes verbais com os momentos da constituição do Eu. O estudo psicanalítico, a partir de Freud, sobre a constituição do aparelho psíquico e do circuito pulsional que se estabelece desde o momento inaugural da vida, relacionado aos estudos lingüísticos apresentados, nos permitiu analisar que cada momento constitucional do Eu está relacionado a uma voz verbal.

O momento originário traz as características da voz média, no sentido de que as experiências vividas não diferenciam as polaridades atividade-passividade e tampouco as do Eu-mundo externo. A média se define como não sendo ativa nem passiva, na qual o sujeito é o centro do evento, como bem demonstra os verbos delimitadores da existência: “Eu nasço.”, “Eu morro”. Nesse circuito pulsional inaugural, as ações verbais são impulsionadas pela polaridade prazer-desprazer. O processo de apassivação e o narcisismo primário se dão por meio do que é “imputado” à criança pela psique materna e são também constitutivos do Eu e marcados pela voz média.

Já o narcisismo secundário traz as características de uma voz mais diferenciada da média, mas dela originada: a reflexiva. Esse momento é marcado pelo movimento pulsional e tem como vetor o outro, estabelecendo a polaridade Eu-mundo externo. Os adoecimentos narcísicos correspondem à fixação e à regressão para essa fase de constituição do Eu. Estamos já no domínio da linguagem enquanto processo constitutivo do psiquismo e da intersubjetividade. O “Eu me amo.” explicita uma deflexão. O Eu é tomado como objeto pulsional. Não é mais o si-mesmo do originário. Aqui aparece a ipseidade.

É na constituição do masoquismo primário que o circuito da pulsão se completa. O movimento pulsional está marcado pelas transformações que ocorrem ao nível do sujeito, do objeto e da própria ação, definindo os destinos que marcam as escolhas objetais. As vozes podem se transformar de ativa em reflexiva ou passiva, marcadas sempre pela transitividade que a ação pulsional permite do deslocamento entre sujeito e objeto. A questão da utilização dos verbos “bater” e “espancar”, na tradução de Freud, se coloca como reflexão.

A segunda é que os enunciados dos pacientes mostram que o dêitico relacional **me** é indicador de inclusão do Eu no enunciado e logo da apassivação que sofre o sujeito. A questão da referência, apresentada no início do trabalho e desenvolvida em relação aos enunciados de um paciente, mostra a importância de se analisar os indicadores de termos relacionais, inerentes ao contexto e ao co-texto na produção de enunciados. Esses indicadores, bem como as perturbações que podem ser apresentadas em relação aos mesmos, são aspectos que nos permitem não apenas verificar, como também compreender melhor os processos que ocorrem nos adoecimentos narcísicos.

Tomando a questão da referência como base, foi possível explicitar os indicadores de termos relacionais que estão associados ao narcisismo e à apassivação, como os dêiticos, que indicam a inserção do sujeito falante no enunciado, bem como os que são indicadores de um processo de apassivação, como o pronome pessoal oblíquo **me**. Esses indicadores nos mostram tanto o processo de regressão como o da

estagnação da libido, colocando o sujeito da enunciação no lugar de objeto no enunciado.

Uma terceira consideração é que a regressão que ocorre nos diferentes adoecimentos narcísicos se dá de forma específica em cada um deles, bem como a própria apassivação. O que pode ser observado nas transformações que ocorrem nos distintos tipos de delírios. Nos adoecimentos, há uma retração, uma regressão narcísica, como uma proteção que o sujeito busca para se defender do sofrimento e da destruição que neles se encerram. Essa regressão, entretanto, se relaciona também com uma apassivação: o Eu da enunciação fica numa posição passiva e objetal. Isso pode ser claramente observado nas análises que realizamos.

A esquizofrenia está relacionada ao Eu Ideal. O sujeito fica aprisionado na imagem especular, na qual ele é não sendo, apontando a dialética permanente do reconhecimento de um Eu. O Eu Ideal, registro da voz média propriamente dita, situa-se no momento da identificação com o desejo materno, no qual não há ainda uma diferenciação entre a mãe e a criança. Momento em que a criança é o centro do evento que se elabora para a constituição do Eu. Não há objeto separado do Eu. Não há passiva, nem ativa e também não há ainda a linguagem enquanto intersubjetividade.

Já na paranóia a fixação ocorre no segundo momento do narcisismo, o secundário, se relacionando ao Ideal do Eu. Este, como sucessor do Eu Ideal, tem como essência a relação com o outro, diferenciado e separado do Eu, e está no registro do simbólico, o que explica as “teorias” construídas em torno de um conflito marcado pela castração presente no discurso do outro falante. A regressão narcísica na paranóia, registro da reflexiva propriamente dita, pressupõe uma separação, na qual então o próprio Eu é tomado como objeto: aí se situa a contradição “Eu só amo a mim mesmo.”, que corresponde à reflexiva “Eu me amo”. O paranóico não está só; mesmo na megalomania, ele tem a si como objeto.

Apesar de termos alcançado nossos objetivos, essa reflexão não se esgota com o presente trabalho. Ao contrário, novas questões são lançadas para serem desenvolvidas e lapidadas.

Um vetor essencialmente psicanalítico aqui não pode ser estudado em virtude do tempo e da delimitação com que realizamos o nosso tema: trata-se da transferência. Tal aspecto será objeto futuro de estudo, em especial, nas psiconeuroses narcísicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras consultadas de Sigmund Freud

As obras de Freud que foram utilizadas como consulta e referência no presente trabalho são da *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, ESB, da Editora Imago, edição de 1974. A Editora Imago vem relançando as *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, com a coordenação geral da tradução de Luiz Alberto Hanns. Os volumes já lançados (1, 2 e 3) foram utilizados como consulta por não apresentarem as dificuldades de tradução da ESB.

FREUD, S. (1891) *A interpretação das afasias*. Tradução de António Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1979.

_____. (1894). *As neuropsicoses de defesa*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 3.

_____. (1895a). *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 1.

_____. (1895b). *Rascunho H*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 1.

_____. (1896a). *Carta 52*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 1.

_____. (1896b). *Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 3.

_____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 4-5.

_____. (1901). *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 6.

_____. (1905a). *Três ensaios sobre a sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 7.

_____. (1905b). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 8.

_____. (1907[1906]). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 9.

_____. (1911a). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 12.

_____. (1911b). *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1.

_____. (1913 [1912-13]). *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 13.

_____. (1914). *À guisa de introdução ao narcisismo*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1.

_____. (1915a). *Pulsões e destinos das pulsões*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1.

_____. (1915b). *O inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, SA, 2006. v. 2.

_____. (1917). *Luto e melancolia*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 1

.

_____. (1919). *Uma criança é espancada*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 17.

_____. (1920). *Além do princípio do prazer*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2.

_____. (1923a). *O Eu e o id*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 3.

_____. (1923b). *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 19.

_____. (1924a). *Neurose e psicose*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 3.

_____. (1924b). *A perda da realidade na neurose e psicose*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. V. 3.

_____. (1924c). *O problema econômico do masoquismo*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 3.

_____. (1925a). *Uma nota sobre o “bloco mágico”*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 3.

_____. (1925b). *A negativa*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 3.

_____. (1926 [1925]). *Inibições, sintomas e ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 20.

_____. (1937). *Construções em análise*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 23.

_____. (1940 [1938]). *Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, ESB, 1974. 24 v., v. 23.

Obras gerais consultadas

ANZIEU, D. (1985). *O eu-pele*. Tradução de Zakie Yazigi Rizkallah; Rosali Mahsuz. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

ARRIVÉ, M. (1994). *Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ASSIS, M. de. *Dom Casmurro*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1976.

AULAGNIER, P. (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Tradução de Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

AULAGNIER, P. (1979). *Los destinos del placer*. Traducción de Ítalo Manzi. Barcelona: Argot, 1984.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 2002. v. 1-2.

BINSWANGER, L. (1960). *Mélancolie et manie*. Paris: PUF, 1987.

BLEICHMAR, H. (1981). *O narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Tradução de Emilia de Oliveira Diehl; Paulo Flávio Ledur. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

BLEICHMAR, S. (1983). *A fundação do inconsciente: desejos de pulsão, desejos de sujeito*. Tradução de Kênia Ballvé Behr. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BORBA, F. S. *Introdução aos estudos lingüísticos*. 5. ed. São Paulo: , 1977.

BRONCKART, J. P. *Théorie du langage: une introduction critique*. 2. ed. Bruxelles: Mardaga, 1977.

CAMACHO, R. G. Em defesa da categoria da voz média no português. *Delta*. UNESP, São Paulo, v. 19, n. 1, 2003.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. 8. ed. The Hague: Mouton, 1957.

_____. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: M.I.T. Press, 1965.

_____. (1968). *Le langage et la pensée*. Paris: PBP, 1980.

COSTERMANS, J. *Psychologie du langage*. Bruxelles: Madarga, 1980.

CORVELEYN, J. “L’inconscient”. In: *Psychanalyse – L’homme et ses destins*. Louvain, Paris: Peeters, 1993.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1971.

DERRIDA, J. “Cogito et histoire”. In: *L’écriture et la difference*. Paris: Seuil, 1967, p. 51-97.

DIAS, M.R.P. *L’utilisation du passif en portugais*. 1983. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Université Catholique de Louvain, Bélgica.

DUBOIS, J. “Problèmes de linguistique transformationnelle. Modeles précorrecteurs d’erreurs dans la transformation passive”. In: *Psychologie normale et pathologique*. 1966. n. 1.

DUCROT, O.; TODOROV, T. (1972). *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

DUCROT, O. “De Saussure à filosofia da linguagem”. In: *Les actes de langage*. Tradução do Professor Francisco Martins. Paris: Hermann, 1972, p. 7-34.

FEDERN, P. (1929). *La psychologie du moi et les psychoses*. Paris: PUF, 1979.

FERENCZI, S. *Psychanalyse*. Paris: Payot, 1962.

_____. *Thalassa- psychanalyse des origines de la vie sexuelle*. Paris: Payot, 1968.

FÉDIDA, P. *Depressão*. Tradução de Martha Gambini. São Paulo: Escuta, 1999.

FÓNAGY, I. “Les bases pulsionelles de la phonation”. In: *Revue Française de Psychanalyse*. 1970, n. 1, p. 101-136.. p. ?

FOUCAULT, M. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Plon, 1961.

GORI, R. *Lógica das paixões*. Tradução de Inesita Barcellos Magalhães. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004.

GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Escuta, 2000.

GREEN, A. *La folie privée*. Paris: Gallimard, 1990.

HANNS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1966.

HANNS, L. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

HUPET, M. *Psychologie génétique du langage*. Apostila do curso da Université Catholique de Louvain, 1983. Inédito.

_____ ; COSTERMANS, J. “Des fonctions sémantiques du passif”. In: *Les cahiers de l'institute de linguistique*. Louvain, Bélgica: 1974.

_____. “Un passif; pour quoi faire? (Quinze années de travaux psycholinguistiques)”. In: *La linguistique*. Paris, 12, (2), 1976. p. 9-26.

_____ ; LE BOUEDEC, B. “Présupposition and the topic function in the interpretation of the active and passive voice”. In: *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 27, 1975, p. 323-333.

HUSSERL, E. (1920/1921). *De la synthèse active*. Traduit par Jean-François Pestureau et Marc Richir. Grenoble: Jérôme Millon, 2004.

_____. (1952). *Recherches phénoménologiques pour la constitution*. Paris: PUF, 1982.

JAKOBSON, R. *Langage enfantin et aphasie*, Paris: de Minuit, 1969.

JAKOBSON, R.; VAUGHT, L. *La charpente phonique du langage*. Paris: de Minuit, 1980.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *La enunciación: de la subjetividad em el lenguaje*. Buenos Aires: Hachette, 1986.

KIERKEGAARD, S. “O desespero humano, doença até a morte”. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LAGACHE, P. J. *Influence du lien syntaxic-sémantique entre le verbe et l’adverbe de manière sur la structure subjective des phrases et sur le choix des formes syntaxiques active et passive*. Mémoire de Logopédie, UCL, Louvain, 1975.

LACAN, J. (1953-1954). *Seminário Livro 01: os escritos técnicos de Freud*. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. (1954-1955). *Seminário Livro 02: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Tradução de Marie Christine Lasnik Penot; Antonio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1966). *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LADEIRA, J. D. “Pronome se índice de indeterminação do sujeito ou se sujeito? – um tema para discussão”. In: *Revista de letras*. Fortaleza: UFC, 1986.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. (1980). *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação da tradução de Maria Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras: Educ, 2002.

LANGACKER, R. W. “Foundations of cognitive grammar”. In: *Theoretical prerequisites*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 1987.

LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. Santos: Martins Fontes, 1975.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, B. (1985). *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LEEUEWEN, T. V. *A representação dos atores sociais. Análise Crítica do Discurso – uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. Rio de Janeiro: Globo, 1974.

MANNONI, M. (1923). *Elas não sabem o que dizem: Virginia Woolf, as mulheres e a psicanálise*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MARTINS, F. *Le langage dans la schizophrénie*. 1986. Tese Doutorado em Psicologia.– Université Catholique de Louvain, Bélgica.

_____. *Análise gramatical da fantasia*. Brasília: UnB, 1987.

_____. *Psicopathologia II. Semiologia psicanalítica: o sintoma simbólico*. Brasília: EdUnB, 1995.

_____. *Semiologia e psicanálise*. Brasília: Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia, UnB, 1999.

_____. *O complexo de Édipo*. Brasília: EdUnB, 2002.

_____. *Psicopathologia II – Semiologia clínica: investigação teórico-clínica das síndromes psicopatológicas clássicas*. Brasília: ABRAFIPP, 2003.

_____. *Psicopathologia I – Prolegômenos*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

_____. *Ensaio acerca dos sintomas simbólicos: Da Cabrita Desvalida ao Senhor do Mundo, e um Pouco de Todos Nós*. Brasília: UnB, 2008. inédito.

_____; COSTA, A. “Quem são eles?”. In: *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília: editora, 2003. v. 19. n. 1.

_____; PÔRTO, K. “O delírio à luz das teorias dos atos de fala”. In: *Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre: 2000. v. 13. n. 1.

MELO, G.C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

NARO, A. J. "The genesis of the reflexive impersonal". In: *Language*. New York: Baltimore, 1976. v. 52. n. 4. p. ?

NASCIMENTO, M. *Sobre a semântica da passiva*. 1979. Dissertação Mestrado em Lingüística. – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

NEVES, M. H. M. (2002). *A gramática: história, teoria e ensino*. São Paulo: UNESP.

NOGUEIRA, A. M. P. *Suicídio, espelho do narcisismo: um estudo teórico-clínico a partir de Freud*. 1997. Tese Doutorado em Psicologia. – Universidade de Brasília, Brasília.

OLIVEIRA, M. F. "A voz passiva no português do século XX". In: *Inventário*. 3. ed. Salvador: PPGL/UFBA, 2003.

PEIRCE, C. S. "Escritos coligidos". In: *Peirce, Frege*. Tradução de Armando Mora D'Oliveira; Sérgio Pomeramblum. São Paulo: Abril, 1974. (Coleção *Os Pensadores*).

PENOT, B. (2001). *A paixão do sujeito freudiano: entre pulsionalidade e significância*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1998.

PIMENTA-BUENO, M. "A proposal for a unified treatment of reflexive, reciprocal, intrinsic and impersonal 'se' in portuguese". In: LANTOLF, J.P. et al. (eds.) *Colloquium on spanish and luso-brazilian linguistics*. Washington, D. C.: Georgetown University Press, 1979. p. 92-123.

PIAGET, J. (1966). *A linguagem e o pensamento da criança*. Tradução de Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

PIQUE, J. F. Voz média em grego antigo: suas origens. In: VII SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO PARANÁ. Curitiba, 1994.

POMMIER, G. (1983). *Uma lógica de la psicosis*. Traducción E. Berenguer. Barcelona: Paradiso, 1984.

RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

ROCHA, Z. “Desamparo e metapsicologia”. In: *Síntese – Ver*. De Filosofia. Belo Horizonte, 1999. v. 26, n. 86.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

RODRIGUES LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

ROSOLATO, G. (1985), *Elementos da interpretação*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988.

ROSOLATO, G. (1996). *A força do desejo: o âmago da psicanálise*. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

RUDGE, A. M. *Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAID ALI, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

SCHREBER, D. P. (1903). *Memórias de um doente dos nervos*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

SEARLE, J. R. (1981). *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina, 1984.

SEARLE, J. R. (1979). *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA, A. “A lingüística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em lingüística”. In: *Revista portuguesa de humanidades*. 1, 1997. p. 59-101.

SINCLAIR, H. *Aquisition du langage et développement de la pensée*. Paris: Dunod, 1967.

SINCLAIR, H. “La psycholinguistique comparée”. In: *Le langage et l’homme*, 6, 1968. p. 179-183.

SPITZ, R. (1958). *El primer año de vida del niño*. Versión española de Pedro Barcelo y Luis Fernandez Cancela. 3. ed. Madrid: Aguilar, 1974.

SPROVIERO, M. B. (1997). *Linguagem e consciência: a voz média*. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand3/language.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2004.

TAFURI, M. I. *Dos sons à palavra: explorações sobre o tratamento psicanalítico da criança autista*. Brasília: ABRAFIPP, 2003.

TERRA, E.; NICOLA, J. *Gramática, literatura e redação*. São Paulo: Scipione, 1996.

TODOROV, T. (1978). *Gêneros do discurso*. Tradução de Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VAN DE WAELE, J.P. *Sur la présentation de l'énoncé passif dans les Manuels scolaires destinés au 1er degré de l'enseignement secondaire*. Mémoire de Pedagogie, Université Catholique de Louvain, Louvain, 1982.

VAN GEENDERBUYSEN, C. *Enquête statistique sur l'évolution de l'emploi du passif en fonction de l'âge*. Mémoire de Logopédie Université Catholique de Louvain, Louvain, 1993. p.?

VERGOTE, A. "Névrose dépressive". In: *Topique*. 17 avril, 1976 p. 97-126.

_____. "Le sujet em psychanalyse". In: *Problèmes de psychanalyse* (recueil de textes; collection recherches et débats). Paris: Desclée de Brouwer, 1978. p. 11-40.

_____. "Dépression et melancolie". In: FLORENCE, J. *et al. Psychanalyse – L'homme et ses destins*. Louvain-Paris: Peeters, 2003. p. 109-129

WAELEHENS, A. (1972). *A psicose: ensaio de interpretação analítica e existencial*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

ZIMERMAN, D. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e pratica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

